ANNO XXV — N.º 4
Rio, 24 de Janeiro de 1931
— PREÇO: 1$000 —

—EM outras coisas pode ser que as mocinhas de outros tempos supplantassem as collegiaes de hoje, porém, em assumptos de hygiene e saude . . . nem por sonhos!...—Imaginem! A minha avósinha quando tinha dôr de cabeça, ainda em criança, obrigavam-n'a a ficar fechada no quarto, fazendo applicações de emplastros de cebo!

Hoje todas nós sabemos que qualquer dôr se cura em cinco minutos, com uma dóse de

CAFIASPIRINA

Sabemos ainda mais do que pessôas mais velhas parecem ignorar. Sabemos defender-nos contra os embustes e imitações. Acreditam que um cavalheiro muito barbado offereceu-me, ha dias, uma mixordia qualquer, dizendo-me ser **igual e mais barata?...**— Meu caro senhor, respondi-lhe, olhe bem para mim e verá que não tenho cara de imbecil e que não compro gato por lebre. Nada ha que seja igual á CAFIASPIRINA! Não ha ninguem de juizo que arrisque a sua saúde por um nickel. Isto dizendo, dei-lhe as costas.

Moços e velhos todos o repetem e todos o confirmam.

INCOMPARAVEL nas dôres de cabeça, de dentes e ouvidos; nevralgias, enxaquecas, colicas das senhoras, consequencias dos excessos alcoolicos, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças e regulariza a circulação do sangue.

Exija sempre a **Cruz Bayer.**

BAYER

O Conto Brasileiro

A Incomprehendida

Por MITSI

— Por que não vens comnosco á festa?

— Não tenho vontade, querida.

— Sempre a eterna falta de vontade! E's tão joven e, no emtanto, tão triste... Por que tanta tristeza? Por que não gozas a tua juventude? Por que em uma creança este aspecto de velha?

— Não é, apenas, aspecto. Já estou velha...

— Apesar dos teus vinte annos?

— Sim, apesar dos meus vinte annos. Para mim, a vida já perdeu todos os encantos. As desillusões destruiram tudo. E como uma sombra eu arrasto o peso da minha juventude...

— Corta-me o coração ver-te assim tão curvada aos fracassos dos teus ideaes. Será melhor tudo esquecer, deixar a alma inebriar-se com os outros sonhos. E brincar com a vida, brincar com o amor, tendo nos labios o mais ironico sorriso.

— O meu sentimentalismo não me permitte fazer assim. Sou por demais sonhadora, para fazer da vida, do amor, apenas um brinquedo. Depois, tenho mêdo do amor. Não quero mais sentir-me sob o seu jugo cruel. Prefiro, na solidão em que vivo, recordar o passado, aquelle passado em que me sentia uma garota a sonhar com a felicidade. Agradeço, querida, o teu carinho. Agradeço as tuas palavras. Mas, não percas, por minha causa, a festa de hoje. Deixa-me com a minha juventude envelhecida... Deixa-me sózinha com a tristeza do meu coração...

* * *

Quando se viu só com a sua saudade, ella se poz a relembrar todos os seus sonhos. Aquelles sonhos que, tantas vezes, sorriram em sua vida, para se transformar, tão facilmente, em lagrimas sentidas. Aquelle tempo em que vivia a sonhar com o amor, o amor todo sentimento e espiritualidade, como comprehendia. Sua alma era a alma de uma artista, sequiosa de ternura.

Certos homens encontrára em seu caminho. Homens que a fizeram acariciar, no altar da esperança, a ambicionada felicidade. Homens que a deslumbraram com as mais doces mentiras de amor.

Lembrava-se do seu primeiro amor. Daquelle rapaz moreno, em cujos olhos castanhos gostava de procurar a chamma ardente da sinceridade. Do seu primeiro romance, cheio de sua ingenuidade e ternura. E sentia invadir-lhe uma saudade infinda daquella mulher-garota que havia sido e que chorára tanto quando vira o seu romance terminado numa ingratidão, aquella ingratidão que, nunca, pudéra comprehender.

Recordava aquelles olhos verdes e tristonhos. Aquelles olhos que não sabiam sorrir, immersos, sempre, em uma ternura sonhadora. Quanto a deslumbrára tanta ternura, quanto ambicionára fazer com que aquelles olhos tristes lhe sorrissem de affecto. No emtanto, fôra tudo, apenas, mais uma illusão perdida. Debaixo de toda aquella doçura existia a mentira,— a mentira que sómente vira naquelle dia em que, com tanta maldade, esse alguém destruirá todos os seus sonhos.

Mais do que todas as outras recordações, reflectiam-se, na bruma da saudade, outros olhos verdes, cheios de fascinação e que fôram, de mansinho, escravizando o seu sensivel coração. Como fôra lindo o seu romance! Como, inebriada pela ventura, cantára a felicidade de ter encontrado aquelles fascinantes olhos verdes! E como das outras vezes fôra tudo, apenas, uma illusão, mas uma illusão em que collocára com carinho toda a sua alma. Daria tudo para poder repetir aquelles momentos poeticos, aquelles momentos em que a fascinação de um olhar esverdeado lhe fazia sentir a illusoria ventura de ser amada. Daquella bocca linda escutára as mais ternas palavras. Como esse alguem sabia falar em amor! Ouvindo-o, chegára até a pensar que o amor que conhecêra, era um amor banal, em tudo differente daquelle que, naquelle momento, sorria em sua vida. No emtanto, quando vivia uma linda felicidade, uma felicidade inesquecivel, eis que naquelle olhar fascinante, naquelle olhar tão differente dos outros, a sua alma, o seu coração, loucos de dôr, encontraram a mesma falsidade, a mesma mentira. E quando perguntára áquelles olhos ardentes por que lhe haviam mentido tanto, viu-os apenas sorrirem de vaidade, aquella vaidade que a fez sentir a mais cruel tortura. Tortura de se ver esquecida. Tortura de se sentir enganada. Tortura de não poder corresponder a todo aquelle immenso desprezo.

Quando gostava de alguem, não sabia esquecer. Sempre havia de perdurar uma lembrança, um nada a relembrar o homem que erguêra tão alto no culto do seu affecto. Não sabia esquecer, não sabia olvidar os sonhos transformados em um montão de ruina, pois no cháos de tudo quanto sonhára vertia as mais dolorosas lagrimas, acariciando a errônea esperança de poder erguer daquelle nada cruel a felicidade jamais encontrada.

Não comprehendia a ingratidão do homem. Não comprehendia como podiam corresponder a toda a sua ternura com tão mentirosa sinceridade. Não comprehendia como era possivel se fingir, mentir tanto a quem com tanta confiança abria as portas dalma.

Por que Deus a fizéra tão sonhadora, tão sentimental, si sempre o seu sentimentalismo havia de ser cruelmente troçado?

Por que possuia um coração tão sonhador, si sempre os seus sonhos haviam de acabar em nada?

Por que havia de ser o seu destino um destino ermo de venturas, si tinha o direito, como toda a creatura humana, de conquistar a felicidade?

* * *

Nessas dolorosas considerações, ella, a Incomprehendida, se perdia... emquanto soluçava por se sentir tão desprezada pelo amor...

QUANDO ELLA VIER.

OSORIO DE ANDRADE

"Quando ella viér fará um sol esplendido. E então a festa da Natureza será magnifica.

As acacias embalarão ao sôpro da brisa leve as compridas grinaldas perfumadas, como longas cabelleiras frisadas de luz.

Porque haverá luz. Muita luz quando ella viér..."

Altamiro de Luna descançou a penna no tinteiro de bronze e pórphyro lavrados. Pelos vitraes do gabinete filtrava-se uma essencia illuminada, immaterial e tépida de sol que, depois de percorrer insensivelmente o ambito, se amoldava de encontro a um pequeno quadro emmoldurado, immovel junto a um jarrão da China deserto como uma paizagem de inverno. O *spleen* da tarde côr de ouro, infiltrava-se pelos cantos mais escusos. Só a photographia era sorridente e alegre sobre o vidro do bureau.

Altamiro tomou-a, pondo-a deante de si. Olhou a cabelleira lisa e preta, compacta como si fôsse esculpida em linhas duras num blóco de onix. Os olhos avelludados, quentes e electricos como os de um gato. O colorido das faces como uma decoração de porcellana com *nuances* insensiveis e transições suaves. Os labios como crepúsculos barbaros desabrochando o luar humido e alvissimo dos dentes. E sombras, e penumbras, e uns hombros magnificos. Cinematographicos...

Quanto á dedicatoria, poderia deixar de existir. Realmente, depois que as estrellas norte-americanas e congeneres inventaram o "Sincerely" inglez, que não é *yankee* por ser demais laconico, toda moça que se preza, a si mesma e ás constellações de Hollywood, escreve frequentemente á margem das photographias côr de ocre, em larguissimos traços: "Sinceramente". Outras nada escrevem, o que vem dar no mesmo...

Era, portanto, mais ou menos immerso nessas cogitações que o rapaz relia no angulo inferior direito do retrato as duas palavras e a virgula alli traçadas. "Sinceramente, Aline". Afóra isso, um sorriso interessante e o sinete desinteressantissimo do *atelier* photographico.

Altamiro queimou a palha castanha dum Snleiper Batschari fumarento como um incendio japonez, bateu-lhe a cinza gris no recipiente de jade e mordeu a ponta da caneta. Escreveu:

"Quando ella viér...

E ella ainda está tão longe! Do outro lado da distancia, num pólo tão opposto!..."

* * *

Sobre essa questão de pólos o sr. Berilo Neves escreveria muita coisa interessante. Por exemplo: que a mulher, sem maldade, occupa o pólo Sul, porque fica justamente abaixo do homem, etc. etc. O sr. Berilo ha de desculpar estas reflexões do nosso Altamiro e, com a sua licença, deixaremos seus pólos em paz passando ao outro pólo, quero dizer, ao outro lado da distancia. Precisamente onde se encontra a dona do coração e da penna de nosso heróe.

Está muito enganado o leitor que julga encontrál-a a mirar a paizagem bordando "rococó", ou reclinada sobre um divan a lêr Chantepleure. Porque Aline não tem o cerebro de duas gallinhas, como definiu Confucio, através da citação de não sei que autor europeu, a mulher intelligente. E, sim, um espirito pratico, muito pratico mesmo. A estas horas ella deve estar fazendo o *footing* e o *flirt* ao mesmo tempo. Duplicidade essa que diz muito bem de seu espirito. Pois tem o dom brasileirissimo de fazer duas coisas de uma só vez.

Madame Bartholomeu Raposo é uma senhora avantajada de dimensões e de interesses. Vive a inc[...] nos ouvidos da filha o estribilho perpetuo:

"Não o deves perder de vista siquér. E' um [...] partido. Rico. Intelligente. Sobretudo rico. Uma bês[ta] chapada. Muito tôlinho. E quanto mais tôlo mel[hor]. Casa-te que é o verdadeiro..."

E não era só. Um professor de sciencias natu[...] martellava tambem:

"Vamos, menina. Perpetúa a especie."

E um literato que digeria um poema cada vez [...] enguiia uma emoção:

"Não percas tempo. Casa-te logo. Quanto mais pressa te casares, melhor"...

Porém, madame Raposo (Bartholomeu) enganava parabolicamente. Altamiro nem era tôlo nem rico. muito menos "uma bêsta chapada". Simplesmente doente de paixão ephemera. Dessas que passam co[mo] passam as sombras, disse certa vez um promotor [pu]blico durante uma accusação de estellionato.

No mais era como os outros homens. Lia, escre[via], pensava pouco. Sympathizava com todas as mulher[es] indistinctamente, e cada uma dellas, em particular, vivia a vida como se deve viver a vida: vivend[o] simplesmente.

Wilde conheceu um artista que moldou com o bro[nze] da "tristeza que dura eternamente" a estatua [do] "prazer que só dura um momento". Esse rapaz [...] intelligente. O Altamiro, entretanto, era-o muito m[...]. Fez da "prisão esteril e estagnada" o "amôr que multiplica e desaggrega". Certa noitada de ba[ile] amou a meia duzia de creaturas bonitas, indistinc[ta]mente. Quando as esqueceu, esqueceu tambem o p[as]sado. Foi como se levasse uma pancada na cabe[ça] dessas que apagam a memoria.

* * *

Entretanto, quando recebeu o telegramma-aviso [...] avantajada madame Raposo (Bartholomeu), correu [á] *gare* da estrada de ferro. Julgava que uma coisa mu[ito] grande ia acontecer. Errou. Nem chegou a sentir a m[i]nima emoção. Quando Aline pulou da plataforma n[um] alarido de advertencia. — "Olha a valise! Não de[...] as caixas de chapéus! E a sombrinha? Prompto! e[s]queci as luvas! E' verdade, cá estão! Desça lo[go] mamãe! como vae, Altamiro?" —, elle, sem sab[er] porque, só achou na larynge estas palavras:

"— Sabe? Temos hoje um *bal-paré* no Club dos [...]

* * *

Ficou triste e voltou á casa. Seria possivel que n[ão] a amasse mais? De pé, junto ao *bureau*, procurou [o] retrato côr de ocre. Como teria elle ido parar alli, s[ob] o maço de jornaes? Sentou-se . Abriu a gaveta. Hav[ia] lá um papel. Nesse papel, algumas palavras:

"Quando ella viér, fará um sol esplendido. E ent[ão] a festa da Natureza será magnifica..."

Constrangeu-se-lhe o musculo cardiaco. Olhou o[s] vitraes. Não havia sol algum. Chovia a cantaros e [a] toneis... Enxurrada e nuvens côr de cinza. Exacta[mente] como o residuo dos Snleiper Batschari, fuma[rentos] como um incendio japonez. E o homem ma[is] intelligente e pratico que o artista de Wilde sorriu reconfortado, olhando o tempo e o papel:

"Comtudo, eu não sou culpado. Não ha sol algu[m] pela cidade... Tambem, por que ella não chegou du[rante] o verão, como eu esperava?!..."

BERNARDO, o eremita

De Henri Doris

EU acabava de ser nomeado extra-numerario do Registo. Sabia apenas o A B C do *métier*. Todavia, a Administração não trepidou em confiar-me a direcção do escriptorio de hypothecas. Eu estava inquieto com os successos dessa primeira aventura.

A' minha chegada, eu me abri ao sympathico conservador, sr. Jolibois. O excellente homem me tranquillizou com algumas palavras, cheias da mais amavel philosophia:

— Esse escrupulo é uma bella attitude que milita em favor da sua conducta de agente serio e bem educado; mas não faça da sua missão uma tragedia; o senhor não tem senão que assignar os papeis que o meu collaborador, sr. Petitjean, aqui presente, lhe apresentar. E' o phenix dos primeiros caixeiros — o phenix inclinou a sua calvicie até a sua banca; — essa interinidade é a sua despedida. Aproveite a sua bella mocidade: á medida que se ganha em edade e em grão, perde-se a alegria.

Senhor da situação, segui o sr. Jolibois até o quarto que elle desejava offerecer-me: um lindo quarto, claro, enfeitado, florido, denotava uma presença feminina. Sobre o fogão, a photographia de uma linda joven inclinava o seu collo fino sob os cabellos curtos.

— Minha filha Odette — disse Jolibois, que surprehendera o meu olhar. O senhor conhecel-a-á, por occasião do jantar em familia.

Mlle. Odette me acolheu como uma bella camarada, a mão estendida, uma linda mão de unhas côr de rosa, que beijei devotamente. Fiquei um pouco tonto, deante dos seus dezoito annos. Desde a sopa, admirei, de soslaio, os reflexos de ouro da sua cabelleira e o arco puro dos seus labios, num traço de malicia. A' perdiz, eu lhe fiz um cumprimento. A' sobremesa, levei a minha audacia a ponto de tomar um pastel das suas mãos. Na sala, ella me offereceu — e com que graça! — a exaltação de um veneravel *chartreuse* e o encanto de uma melodia de Massenet.

Subi, deslumbrado, ao seu quarto.

No dia seguinte, muito cedo, eu estava de pé, para assistir á partida do sr. Jolibois. Mlle. Odette, fresca como a aurora, na sua *toilette* de viagem, sorri docemente, lançando da janela do omnibus esta flecha de malicia:

— Não se vá acabrunhar sozinho, sr. Bernard,, eremita das hypothecas.

Ella me chamara pelo meu nome! Fiquei maravilhado, até que a carruagem desappareceu, á esquina da rua. Sob as pancadas do meio dia, o pae Petitjean me conduziu ao hotel do "Coq en Pate", onde a sra. Alleaume, a mãe dos extranumerarios, os servia a preços commodos. Fui recebido de braços abertos pelos meus collegas de velhas e novas contribuições. A sra. Alleaume abriu, em minha honra, duas garrafas de vinho fino, que nos deliciaram. Eu estava tão perturbado que, ao entrar no escriptorio, tentei abrir os registos do sr. Petitjean; mas este repelliu esta incursão nos seus dominios.

— Siga os conselhos do chefe, disse elle; vá pescar á margem do Jouinetéau. Ah! si eu tivesse vinte annos!

Obedeci ás injuncções do meu subordinado. Não reappareci mais no escriptorio senão para assignar documentos, cuja importancia ignorava. Eu ia ao longo do rio crystallino e fugitivo, sob os alamos, a sonhar com os bellos olhos de Mlle. Odette. O seu encantador fantasma me perseguia de manhã á noite. Um dia, em que a chuva me havia detido no est[...] o pae Petitjean me fez assignar um registo [...] zia uma assignatura que não era a delle.

— E' a letra de Mlle. Odette, explicou-me elle. [...] do ha muitos papeis, ella me auxilia. Si soubes[...] ella é gentil.... (Si eu o sabia!) Foi ella que [...] ceder o seu quarto, o melhor de todos.

Foi o tira de misericordia. O querido fanta[...] sitou-me varias [...] Em vão, eu repel[...] fervor o casto e [...] poema de Sully Pr[...] me:

Le miroir, le livr[...]

Et le bénitier prés[...]
Un sommeil lég[...]
[...]
O chambre de la[...]

Eu o confesso, enrubescido, beijei o travessein[...] havia repousado o adoravel rosto de Mlle. Odett[...]

Alguns cartões postaes que ella me enviava d[...] gastel atiçaram a flamma da minha paixão [...] cente. Foi um apaixonado que disse: "Os au[...] têm razão sempre!"

Emfim, recebi a noticia do seu regresso. A [...] ção teria de se dar, ai de mim! Mas eu teria a [...] dade de vel-a mais uma vez.

Encommendei um bom jantar á sra. Alleaum[...] jantar regado a vinho de Anjou. A festa foi [...] tadora.

A' hora da despedida, coltei sozinho á conser[...]

A frescura da noite me surprehendeu um [...] Observei um desdobramento bizarro de reverb[...] oscillações anormaes de velhos tectos. Procure[...] vão, introduzir a chave na fechadura do escri[...] quando a porta se abriu subitamente.

Quasi cahi aos pés do sr. Jolibois. Nesse mo[...] tive consciencia de que estava embriagado. Eu, o [...] tão educado, tão serio, estava embriagado.

O sr. Jolibois pegou-me pela manga do casaco [...] me fazer assignar algumas peças. Por um pr[...] de vontade, consegui traçar algumas linhas illeg[...] Esperava estar livre. Desgraça! O sr. Jolibo[...] impiedoso.

— Agora, meu caro amigo, venha ao salão. O[...] trouxe de Trégastel uma pequena lembrança qu[...] deseja offerecer-lhe pessoalmente.

Vacillando sobre as pernas, a fronte molhad[...] suor e a cabeça ardente, dirigi-me para o [...] idolo como um rafeiro. Tudo dançava em [...] de mim: cadeiras, o piano, as mesas, [...] fiquei abobalhado no meio dessa sarab[...] Mlle. Odette deslisou para mim com[...] sonho, e me applicou ao ouvido [...] "bernard-l'ermite":

— Sr. Bernard, disse ella, brincando, e[...] o ruido do mar.

— Oh! Sim.... o.... o.... mar....— gaguejei e deixei cahir o buzio, que se fez em pedaço[...]

— Uma illusão partida, que pena! — suspirou [...] com um olhar profundo, que me encheu os olho[...] lagrimas.

Mas, sacudindo a cabeça loura, ajuntou miser[...] diosa:

— Não nos mantemos de pé, os tres.

Despedi-me della como pude e subi ao meu qu[...] Lá, atirei-me á cama, dominado por um somn[...] chumbo.

De manhã, estava bom, mas picado de remorsos[...] só tinha um remedio: era fugir vergonhosamente [...] quella casa, cuja hospitalidade eu havia profan[...] Arrumei a valise e desci a escada. No patamar, [...] contrei-me com Mlle. Odette.

(Conclúe na pagina seguinte

BERNARDO, o eremita

(Conclusão)

— Ah! — fez ella, ralhando — assim é melhor, senhor Bernard. O senhor pode descer as vinhas do Senhor.

Tanta ironia me fendeu o coração. Tudo que havia dentro de mim começou a fluir como de uma fonte.

— Não, mlle. Odette — exclamei — não é melhor assim. Estou embriagado mais do que sempre. Ebrio da sua mocidade e da sua belleza. Ebrio, desesperado de amor. Hoje mais do que hontem e menos que amanhã.

— Ah! Ah! Vá recitar as suas estrophes a papae, elle gosta tanto.

Fui, no mesmo momento. Confessei humildemente a minha falta, e procurei a absolvição com a benção paternal e hypothecaria.

Meu futuro sogro teve mesmo a delicadeza de ajuntar esta confissão:

— Eu já tomei um bom pileque como o senhor. Mas foi com vinho de Charentes.

Lazaro

Charles Dormier

PELO meiado de setembro, começam os longos serões. Sob a chaminé, alta como uma torre, deante da lenha secca, sob os pesados presuntos não separados dos seus quartos, sob as cordas de linguiça, que absorvem os fogos odorosos do celleiro, jovens e velhos fazem o seu circulo.

E todos alles trabalham.

Para o fim da noite, quando os rapazes cançam de pilheriar e de brincar com as jovens, elles se calam e escutam as historias do *vieux temps*, que o avô lhes conta. O avô ou qualquer outro velho de barba branca e mãos tremulas.

Uma noite, o pae Bousson, chamado o *Bello*, annunciou uma aventura do seculo passado.

* * *

Reuniram-se todos em torno a elle, e o bom velho começou:

— Sim, meu pae morreu duas vezes, e duas vezes, elle foi enterrado.

Todos riem.

— Vocês estão achando graça ? Mas é a verdade o que lhes conto. Tão verdade como eu estar vivo e me chamar Bousson. Passou-se o caso em 1814, durante a invasão dos alliados.

Os austriacos chegavam ao nosso paiz. A bem dizer, eram todas as raças ue chegavam: hungaros, croatas... Não sei o que mais. Elles destruiam tudo: pontes, bosques, communas, estradas, casas. Um horror ! Diziam no seu *jargon* ue iam retomar a Napoleão — o *ogre* — a filha do imperador delles, a Maria Luiza; e sempre essas palavras eram repetidas, ameaçadoramente, pelos seus labios: Maria Antonietta, *capout* ! Napoleão, *capout* !" querendo significar que, decapitada a sua rainha delles, era necessario a cabeça do nosso imperador.

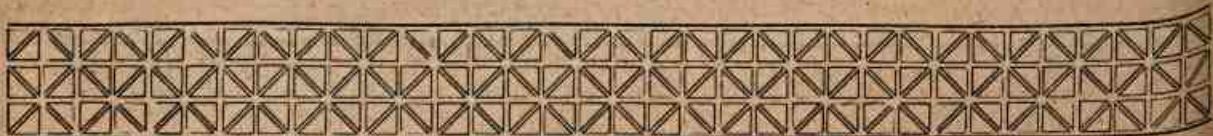
Mas pensavamos intimamente: "Não sereis vós ainda quem o prenderá; e si foi consentido que viesseis até aqui, á nova França, austriacos, prussianos, russos, é que elle, o imperador, deseja vos vencer em conjuncto, onde elle sabe que deve fazer de vós uma bôa salada". Oh ! o imperador ! Parece que elle havia perdido a sua estrella na grande noite da Russia e os seus melhores soldados, na passagem da "Bella Resina", um rio que carregava, á guisa de barcos, enormes blocos de gelo...

Foram tempos crueis, esses. Nas villas, não restavam senão jovens e velhos. A grande guerra tomava, todos os annos, os rapazes, a partir da idade de quinze, que eram os melhores. As requisições choviam sobre os camponezes. Os austriacos pensavam em sitiar Besançon.

Faziam transportar os seus comboios de obuzes, servindo-se das pessoas. Os comboios partiam, geralmente á noite; e elles, para descarregar a sua colera e a sua carga, faziam rolar nas ravinas meia duzia e mais de obuzes. Tanto que, depois da guerra, de todas as aldeias corriam a fazer carruagem delles, e com eram de famoso metal, eram comprados a bom preço.

Meu pae — continuou Bousson — tinha nessa epoca dezeseis annos apenas. Mas podia-se-lhe dar vinte. Um altivo rapaz, de cabellos negros e de bigode despontante que elle torcia com orgulho, sobretudo para ir ver a sua *loura* Joanna, a filha dos Saunier, dos vizinhos ue só estavam separados de nós pela distancia de uma cerca.

Ora, durante os mezes da invasão, si bem que as ruas, as estribarias e granjas estivessem cheias dos damnados *Kaiserliks*, elle ia ver a sua predilecta.

Uma noite, como elles estivessem reunidos, assim como nós, agora, sobre a chaminé, meu pae perto de Joanna, um dos croatas, um *hussard*, entra embriagado no salão, e, arrastando o seu sabre, insultando e ameaçando, no seu *jargon* meio allemão, veio tocar no queixo de Joanna, balbuciando:

Linda *fraulein*, eu amar a ti e te levar com mim..."
Meu pae, rapido como um raio, atirou-se e, apezar dos esforços do seu futuro sogro e dos gritos das mulheres, agarrou o croata, e o sacudiu contra a porta; esta se abriu pela metade, e elle veio fender o craneo nas pedras da soleira.

E' facil comprehender o drama e a agonia terrivel de todos os presentes. Era a fusilaria, na certa ! Porque, de que modo se haviam elles de se desembaraçar do intruso? Mas naquelles tempos, mais do que agora, as pessôas daqui eram cantrabandistas, e meu pae tinha tanto dinheiro quanto de força nos seus musculos. Elle se despe e pede que façam o mesmo ao austriaco. Elle veste o uniforme do morto, emquanto vestem neste as roupas do camponez — as de meu pae. E sem ruido, o cadaver é levado para casa de meu pae. Explicam aos meus avós o que occorrera; e o cadaver é collocado sobre o leito de meu pae.

O austriaco era o retrato daquelle que o matara. Só os cabellos é que foram transformados em louro por meio de um preparado de cêra.

A comedia foi bem representada.

Quando meu pae fugiu pelos vergeis, ganhando o bosque, meus avós se puzeram a gritar, e a soluçar, espantando os vizinhos, a quem disseram que o João havia morrido, de repente. Houve inquerito, sobretudo quando o *kaiserlick* foi dado como ausente. Mas que querem vocês ? perguntou o morador. O cadaver estava bem disfarçado. A comedia do pranto bem desempenhada. Como haver suspeitas ?

Na outra casa, onde o *kaiserlick* estava acantonado, não havia senão uma velha enferma, uma senhora e uma joven. De mais, o outro havia sido levado bebado e ladrão.

Procuraram do outro lado e nada acharam, pois que elle fôra enterrado sobre o nome de meu pae. Toda a aldeia assistiu ao enterro e as exequias, no domingo seguinte. Mesmo porque, para melhor desempenhar o seu papel, os meus avós lhe fizeram dizer missas.

Quanto a meu pae, todo o tempo da invasão, elle viveu nos bosques da Grande Combe, entre os carvoeiros, nossos amigos, em logar seguro. Mas quando elle voltou para casar com Joanna, houve difficuldade para se legalizar a coisa. Foi necessario haver um julgamento em Besançon, que nos custou mais caro do que o enterro e as missas.

E eis porque elle trouxe até á sua morte o sobrenome de Lazaro, pois, como este, depois de morto, elle resuscitou.

TERENCIO (S. Paulo) — Sim. O sr. será attendido. Obrigado pelos votos de bôas festas — que retribuo — e pelos elogios que concede ao meu poema "O Suave Enlevo".

DIANA (S. Paulo) — Peço-lhe acceitar, em retribuição, os votos de bôas festas e de feliz anno novo, que me enviou.

MARQUEZ (E. do Rio) — Meu caro, verso é coisa que, ou se faz bem, ou não se faz. Ninguem é forçado a *ser* poeta.

Por isso, declaro que, sendo intragavel, o seu poema foi ter á cesta.

E emquanto elle berrava de lá, numa gritaria de metter dó: Ai ! *seu* Yves, tire-me deste supplicio!" eu respondia, penalizado: "A culpa é do sr. *Marquez*... Um fidalgo, um nobre que não se pejà de macular a Poesia... pondo-lhe pés quebrados..."

Gostou ?

SYLVIA (Rio Grande do Sul) — Não sei si o meu poema "O Suave Enlevo" se encontra á venda em Porto Alegre. Mas asseguro que o encontrará em S. Paulo, em Bello Horizonte e aqui, na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, onde tambem encontrará a *Divina Amargura* de Paulo Gustavo.

A proposito desse livro e do seu autor, disse Medeiros e Albuquerque: "Vê-se que é um poeta que tem lindas idéas e as exprime com belleza, em versos de perfeita naturalidade". Delle transcrevo aqui o formoso soneto:

ULTIMA ESPERANÇA

Quando ella, um dia só por brincadeira,
Disse que iria para não voltar,
Falou tão serio que me fez pensar
Que a ameaça era mesmo verdadeira.

Porém, logo depois, a rir, brejeira,
Que eu era um tolo, disse a me beijar,
E jurou-me que havia de ficar
Em meus braços, feliz, a vida inteira.

Agora, ella deixou-me... Onde andará
Noutros peitos abrindo o Grande Sonho,
Nesse eterno encantar de feiticeira ?

E eu penso, ás vezes, que ella voltará...
Que si partiu, deixando-me tristonho,
Foi somente por simples brincadeira ?

AOS LEITORES — Declaro que não tomo, em absoluto, nenhum compromisso, no sentido de reco-

lher autographos para albuns, não me responsabilizando tampouco pela remessa dos que me enviem, sem consulta prévia.

As constantes solicitações que me têm feito, nesse particular, me obrigam a fazer esta declaração, accentuando, ainda mais, que essas collectas de assignaturas de escriptores é um trabalho fatigante, e que nos rouba o tempo, já de si exiguo para os nossos afazeres.

TURQUINHA (Capital) — Pois sim!... As mulheres são sempre egoistas: só querem para si... e para aquelles a quem amam, já se vê... Mesmo quando nos attribuem "cavalheirismos e gentilezas", só se recordam de nós quando necessitam de um obsequio. Nem sabem disfarçar o seu opportunismo evidente.

Nellas é que não creio — apesar de todos os elogios que me faz..

J. M. SENNA (Capital) — Caro confrade. Agradeço e retribuo os votos de bôas festas e bôas entradas no anno novo, que me enviou. Desejo ainda que continue a produzir bellas coisas, no estylo das que lhe conheço.

FRANCISCO MURAT (?) — O sr. me remette duas colaborações, uma em verso; (era fatal:) outra em prosa.

Vê-se que o sr. não é um grande prosador; mas é mais que passavel. Apesar da sua syntaxe imperfeita, algumas vezes. Como poeta, o sr. tambem não é intoleravel. E', porém, muito descuidado. A prova é que mistura os pronomes *você* e *tu* numa algaravia que pode ser muito bonita como modernismo, mas, grammaticalmente, é um desastre.

Veja se não tenho razão:

"Depois que você foi embora,
eu não sei bem o que se passa dentro de mim.
Tudo me entristece, tudo !
Até mesmo o teu retrato
que me sorri,
na penumbra do meu quarto de bohemio...
Até mesmo,
as roseiras do jardim, onde você colhia,
rosas rubras para eu enfeitar os teus cabellos de ouro..."

Bem vê que não faço uma accusação injusta.

GUARACY (Capital) — Apesar das mulheres serem sempre muito ingratas e mal agradecidas, farei o que me pede. Vamos vêr si não me arrependerei...

FRANK (S. Paulo) — O sr., depois de explicar que é um "assiduo leitor" do *Fon-Fon*, escreve textualmente:

"E' que eu gosto muito de namorar as pequenas cá da terra, mas o diabo é que aquellas que mais pretendo namorar, quando mais certo estou que me acceitam, na ultima hora resulta sempre uma "sonorosa taboa". E não comprehendo do que depende isso. O que o sr. acha que para "cavar" uma pequena a gente deve ir só acompanhado ?

Pergunto agora ao sr. Yves, que deve ser um "Ruy Barbosa" para essas coisas, si haverá porventura um remedio para isso, consistindo isso num conselho *infallivel* seu ou sinão que me aponte uma obra mestre de livraria, que se vende por ahi no Rio, para me apoderar de alguns conselhos uteis para esse mal.

O bonito, sr. Yves, é que além de não ser feio (como talvez poderá pensar) tenho um bonito "Chrysler 75" do papae, e apezar disso tudo, tive a constatar que o que disse o sr. Berilo Neves, "que" — sem automovel de luxo não se consegue uma namorada que preste"...

Ora, o sr. me faz uma consulta cuja resposta já está dada por si.

O melhor meio de conseguir uma pequena bonita não é andar desacompanhado — mas acompanhado, como diz o Berilo, de... um bello automovel. Este o sr. já o possúe. Que mais quer?

Si o sr. não tem sorte com "ellas", nem mesmo com o automovel, então será o caso de proclamar que possue tambem um "bungalow"...

Si com as duas coisas não arranjar nada, — o melhor, em tal caso, será recorrer á macumba, ao candomblé, ao feitiço, auxiliado com uma promessa a S. Cosme e S. Damião. Si, nem desse modo, o sr. nada conseguir, acredito que é caso para o sr. se dar por satisfeito. E' que, como diz o proverbio: "casa, e farás bem; si não casas, farás melhor".

Quanto ao resto devo dizer: si o sr. me enviar um vale postal de 30$000, mandarei a... sua graphologia, directamente, para o seu endereço particular; si o vale fôr de 20$000, só o darei por esta secção.

DELIIA DE CASTRO (S. Paulo) — A sua missiva não deixa de ser curiosa. E' até interessante estam-

paia nesta secção, porque o seu assumpto procura um commentario que ha de interessar a muitos leitores.

Vejamol-a:

"Snr. Yves. Saudações. Ha muito tempo estou para consultal-o sobre a minha graphia, porém desisto ao pensar nas 20 linhas exigidas.

Não vá pensar o Snr. Yves que me falte assumpto; tal não se dá. Mas, que direi eu a um desconhecido ? Apezar disso poderei eu escrever alguma cousa que interesse á uma pessoa tão culta ? Não irei aborrecel-o ? Essas e outras supposições, fazem transtornado o meu plano.

Hoje resolvi não pensar em nada — sómente escrever qualquer cousa, por mais banal que fosse, para obeter uma resposta, ou melhor, uma consulta graphologica. Gosto tanto das suas respostas ! Parece que o Snr. Yves conhece pessoalmente todas as suas consulentes.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

E ao ler as respostas, eu tambem as vejo, risonhas, dizendo: "Obrigada, bondoso amigo".

Agradecendo muito o bom acolhimento desta humilde cartinha, fica ao seu dispor a amiguinha admiradora

Delia de Castro."

A sua carta é verdadeiramente gentil. Não ha duvida.

Mas, para mim, o importante no exame de uma letra, não é somente o numero de linhas que o consulente deverá escrever: o que mais me interessa é a remuneração de que, geralmente, o leitor não se lembra. Ha mesmo consulentes que se descartam mui bem quando lhes falo nisso. Dizem: "Pensei que o sr. falava em graphologia remunerada para evitar os cacêtes". Bôa desculpa. Mas é que, por esse criterio, todas seriam cacetes. Pois não posso ter predilecção nem antipathia por este ou aquelle consulente — mesmo quando a sua graphia não indicar um bom caracter.

Pois si os não conheço pessoalmente...

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Graphologia — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1.º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2.º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4.º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

Endereço:
RUA REPUBLICA DO PERU', 62
Caixa Postal 97
TELEPHONE 2 - 4136

FON - FON — 24 - 1 - 931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA — Séde Social: AVENIDA RIO BRANCO, 125 — Rio de Janeiro (EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE)

Relação das apólices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado — 98.º Sorteio — 15 de Janeiro de 1931

	Apólice	Nome	Localidade
	212.644	Manoel Lydio Pereira Franco	Campo Grande - Matto Grosso
	152.516	Gentil da Costa Ferreira	Manaos - Amazonas
	156.475	Agostinho Bernardo da Veiga	Curityba - Paraná
	175.593	Octaviano Cavalcanti da Silva	Belém - Pará
	188.439	Darcy Xavier	Pelotas - Rio G. do Sul
	177.251	Virginio de Sant'Anna	Aracajú - Sergipe
	161.914	Francisco Coelho de Aguiar	São Luiz - Maranhão
	147.066	Ademar Maia de Aguiar	Idem - Idem
	147.843	Luiz da R. H. Cavalcanti Filho	Maceió - Alagoas
1º	159.545	Luiz Cardoso Zagallo	Idem - Idem
	150.203	Ramiro Santos Pinto	Parnahyba - Piauhy
	184.084	Acylino José de Almeida e Antonia Almeida Costa (conjuncto)	Valença - Idem
	161.519	Waldemar Pacheco da Costa	S. J. Muquy - Espirito Santo
	207.573	Johannes Maximiliano Itauffer	Victoria - Idem
	175.120	Josino Dias	Jequié - Bahia
	210.381	Antonio Eloy da Silva	Maragogipe - Idem
	203.543	Jorge de Lacerda Kilsch	Joazeiro - Idem
	182.521	Antonio Leopoldo Serra	Cedro - Ceará
	205.261	Joaquim Fernandes Telles	Crato - Idem
	202.796	Antonio Oriano Mendes	Sobral - Idem
	163.621	Octavio Vieira Sampaio	Bôa Vista - Pernambuco
	205.780	Israel Henrique Mafra	Recife - Idem
	102.504	Argemiro de Barros Wanderley	Timbó - Assú - Idem
2º	131.538	José Soares da Silva	Catende - Idem
3º	129.453	José Augusto Alves	Barra Mansa - E. Rio de Janeiro
	109.838	Anna Barroso Andrade	Miracema - Idem
	195.233	Pedro dos Santos Oliveira	Petropolis - Idem
	196.534	Francisco da Cunha Leite	Nictheroy - Idem
	123.266	Sandalo Alcover y Cots	Petropolis - Idem
	124.988	Joaquim Gomes dos Santos	Capital Federal
	210.205	José Eurico Dias Martins	Idem
	115.970	Ernesto Walter Mee	Idem
4º	146.515	Manoel Alves Corrêa	Idem
	113.964	Hermann Schubach	Idem
	198.501	Vasco Cyrillo Melim	Idem
5º	170.587	Ernesto Blanz	Idem
6º	207.679	Antonio Materno Pereira de Carvalho	Idem
7º	126.636	Jayme Silva	Idem
	202.652	Raul Santiago Bergallo	Capital Federal
8º	162.585	Gilberto da Cruz Dutra	Idem
	155.361	Frederico Velloso de Carvalho	Idem
	117.209	Emilio Bonzan	Idem
	204.090	Rodolpho Mansberger	São Paulo - São Paulo
9º	9[illegible].115	Innocencia Junqueira	Ribeirão Preto - Idem
	127.142	Júlio Durski	Sorocaba - Idem
	191.672	Elias Gomez y Lopez	S. Paulo - Idem
10º	[illegible]04.669	Luiz Ruotolo	Idem - Idem
	100.716	Floduardo Antonio Ferreira	Santos - Idem
11º	141.846	José Adriano Marrey Júnior	S. Paulo - Idem
12º	120.364	Eduardo Barra	Idem - Idem
	187.081	Isidoro Chansky	Idem - Idem
	149.454	João Xavier de Mendonça	Avahy - Idem
	210.772	Gustavo Pinfildi	S. Paulo - Idem
	120.610	José Guedes de Alcantara	Piratininga - Idem
	206.456	Olyntho José Garcia	S. Paulo - Idem
13º	206.463	Olyntho José Garcia	Idem - Idem
	177.478	Antonio Fares Achcar	Idem - Idem
	188.258	Carlos de Azambuja	Idem - Idem
	205.578	Francisco de Crescencio Spina	Idem - Idem
14º	194.356	Manoel Soares de Almeida	Idem - Idem
	213.457	Theotonio Nunes Matta	Manga - Minas Geraes
15º	195.621	Augusto dos Reis Junqueira	Sylvestre Ferraz - Idem - Idem
	146.002	Paulo de Castro Valerio	Barbacena - Idem
	204.388	Gentil Ferreira de Oliveira	Peçanha - Idem
	161.732	Adriano Zoet	Bello Horizonte - Idem
	141.914	João Felicio Fernandes	Queluz - Minas
	204.340	Joaquim Pedro de Amorim	Pirapora - Idém
	190.541	Pedro Rocha	Bello Horizonte - Idem
	124.466	Augusto de Azevedo Araújo	Tres Pontas - Idem
	197.410	Caetano de Vasconcellos	Bello Horizonte - Idem
	202.318	Manoel G. de Figueiredo Cortes	Ponte Noya - Idem
	179.716	Alfredo de Castilho	Bello Horizonte - Idem
	199.141	José Eduardo Gonçalves	Itajubá - Idem
	206.340	Liberio Soares	Bom Successo - Idem
	213.475	Honorato Rodrigues de Almeida	Januaria - Idem
	163.293	João Silva Carneiro	Raul Soares - Idem
16º	159.758	Theodomiro Alves Falleiros	S. J. Capitinga - Idem
	212.603	Luciano José Vieira	São Francisco - Idem

1º — O sr. Luiz Cardoso Zagallo teve a sua apo; n. 159.544 sorteada em 15 de outubro de 1923.

2º — O sr. José Soares da Silva teve a sua apólice n. 131.538 sorteada em 15 de janeiro do anno proximo passado.

3º — O sr. José Augusto Alves (pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios) teve a sua apólice n. 129.456 sorteada em 15 de abril de 1924 e 15 de outubro de 1929.

4º — O sr. Manoel Alves Corrêa (pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios) teve a sua apólice n. 146.517 sorteada em 16 de janeiro de 1928 e a de n. 146.514, em 15 de janeiro de 1929.

5º — O sr. Ernesto Blanz teve a sua apólice n. 170.837 sorteada em 15 de outubro de 1927.

6º — O sr. Antonio Materno Pereira de Carvalho teve a sua apólice n. 171.692 sorteada em 15 de outubro de 1927.

7º — O sr Jayme Silva teve esta mesma apólice sorteada em 15 de outubro de 1928.

8º — O sr. Gilberto da Cruz Dutra teve a sua apólice n. 162.588 sorteada em 15 de outubro do anno proximo passado.

9º — A sra. d. Innocencia Junqueira teve a sua apolice n. 96.112 sorteada em 15 de abril de 1929.

10º — O sr. Luiz Ruotolo teve a sua apólice n. 198.017 sorteada em 15 de janeiro do anno proximo passado.

11º — O sr. José Adriano Farrey Júnior (pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios) teve a sua apólice n. 95.910 sorteada em 15 de abril de 1925 e de n. 141.837, em 15 de julho de 1929.

12º — O sr. Eduardo Barra teve esta mesma apólice contemplada no sorteio de 15 de julho de 1924.

13º — O sr. Olyntho José Garcia (duas vezes contemplado neste sorteio), teve também a sua apólice n. 206.458 sorteada em 15 de julho do anno proximo passado.

14º — O sr. Manoel Soares de Almeida teve esta mesma apólice sorteada em 15 de abril de 1929.

15º — O sr. Augusto dos Reis Junqueira teve a sua apolice numero 195.623 sorteada em 15 de janeiro do anno proximo passado.

16º — O sr. Theodomiro Alves Falleiros teve a sua apolice n. 159.755 sorteada em 15 de julho de 1926.

NOTA — A Equitativa tem sorteado até esta data 4.166 apólices no valor total de Rs.: 19.360:369$500, importancia paga em **DINHEIRO** aos respectivos segurados, com direito aos sorteios ulteriores.

Rio-Rei

(Poema romance amazonico de Oswaldo Santiago)

AMAZONIA! Amazonia de mysterios, de romances, de pororocas, de evocações, de tormas, de expedições scientificas, turas, de esperanças e desillusões!

Amazonia, terra ignota, selvagem, encantada; Amazonia de Euclydes, Alberto Rangel, Agassis, Humboldt. Dos versos de Catullo, no "Terra Cahida"; de Cruls, no seu romance; de Carlos Dias Fernandes, no poema á "Terra da Promissão"; Amazonia de Quintino Cunha; Amazonas de Oswaldo Santiago, no seu *Rio Rei* victorioso.

Parece que fui eu quem primeiro fez, em jornal, apreciação sobre a estréa de Oswaldo Santiago, com o seu "No Reino Azul das Estrellas". Disso não estou certo; mas do que sei é que a tal critica sahiu inçada de incorrecções, uma dellas offensiva ao autor, que não sei como não me mandou as testemunhas para um duello...

Oswaldo Santiago alcançou exito não commum nas letras nacionaes. Pelo seu valor pessoal, os seus versos eram recitados nas festas *chics* de Recife, e toda menina dengosa lhe pedia autographos e sonetos para albuns perfumados.

E Oswaldo reconheceu que era a hora de pegar o "Trem Azul" do triumpho. E pegou mesmo. Libertou-se de ligeiras tendencias á poesia antiga; prometteu um livro cujo titulo falava em coração e não o deu. Sabedoria. Falar em coração, no seculo da velocidade, é retroceder.

E elle foi-se modernizando, vencendo no parco os seus contemporaneos, sobrepondo-se a todos.

Modernizou-se sem se inutilizar com o futurismo.

Guardo como preciosidade esta synthese do genio modernista de Oswaldo Santiago:

"VESPERAL

Na loja de miudezas do Céo acin-
[zentado,
a Tarde compra uma "écharpe"
[de séda negra.
Paga com a moeda de ouro do Sol-
[Poente.
E' a Noite-Caixeirinha de olhos
[fundos,
de olheiras fundas que faz medo
[vel-as! —
dá-lhe por troco
os nickeis reluzentes das Estrel-
[las..."

Guardo como documentação do quanto póde a natureza do nordeste inspirar espiritos creadores como o de Oswaldo Santiago na producção de mimos, de gemmas da belleza rara dessa synthese symbolica do crepusculo nortista.

Mas Oswaldo não estava satisfeito. Não queria fitar os Andes; queria ver o Pão de Assucar. E veiu. Quando veiu, já era doutor em poesia. Mas faltava o convivio com os *immortaes* que, filhos das *provincias*, se julgam deuses e, com ares de mofa, dizem que nós é que somos *provincianos*. Oswaldo Santiago veiu, pois, residir no Rio, deixar o *provincianismo* e ser poeta brasileiro de verdade.

Só, sozinho, pobre, sem protecção de politicos, confiou de mais. Confiou e venceu. Já no Porto Seguro da Vida, deixou na praia a roupa estraçalhada e vestiu a de cavalheiro armado... para as conquistas da sociedade carioca.

RIO - REI

(Conclusão)

Sem cabotinismos exaggerados; sem pretensões a igualar Bilac, só porque póde fazer conferencias na mesma tribuna onde o Principe as pronunciou, Oswaldo Santiago, unicamente com o poder do u rito, subiu, appareceu, para que todos o vissem.

E recomeçou a faina das letras. Foi ao Amazonas. Sua alma de poeta recolheu todas as bellezas do grande rio, do "Rio-Rei", e elle nos trouxe no poema impressões ineditas, imprevistas, de envolta com o drama de Jayta:

"Oh! a planicie dagua barrenta que se vê deslisar, caudalosa e imponente
parece uma larga avenida
rodeada de "arranha-céos" que os tentam
os vitraes amarellos das folhas maduras
luzindo, brilhando na luz refulgente.

E as canôas que passam
"são melindrosas
que passeiam no asphalto liquido;
"enquanto no seu rastro, a dois e a quatro,
os tambaquis, os pirarucús, os tucumarés
e outros galantes almofadinhas fluviaes,
seguem-nas sem medo
de serem alcançados pelas malhas insidiosas
da rêde feminina dos seus encantos..."

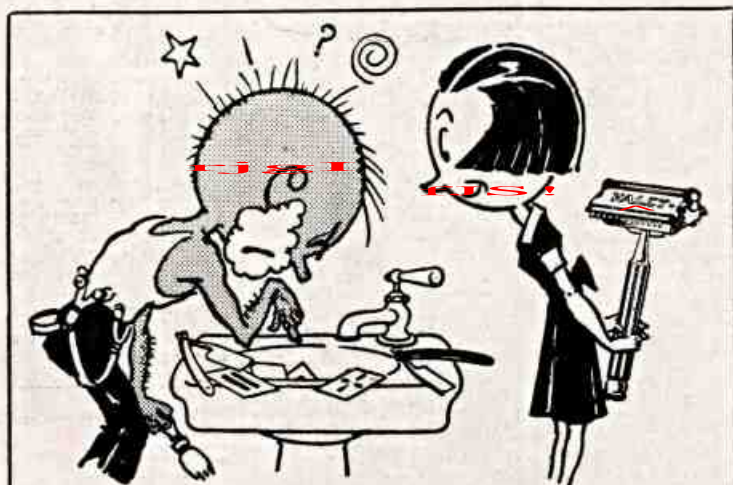
E remata:

"Com effeito! Parece uma larga avenida
rodeada de "arranha-céos" que os tentam
os vitraes amarellos das folhas maduras
luzindo, brilhando na luz refulgente,
a planicie dagua barrenta que deslisa
caudalosa e imponente!
Uma das canoas que passam, entretanto,
seguidas pela legião conquistadora e gentil
dos galantes almofadinhas fluviaes,
desvia-se, abandona a correnteza,
muda de rumo,
toma a direita
e entra na casa-de-chá de uma bahia verde..."

Oswaldo Santiago tem qualquer cousa de magico nas contemplações dos ocasos; concepções originaes, imprevistas, do poente:

"e o Céo transluz, reluz, offega em luz...
Uma faixa escarlate,
outra gris, outra azul, outra branca,
outra creme,
outra roxa,
outra cinza e outra negra,
formam uma unica, cor de todas as côres,
e embandeiram em arco o Firmamento
enquanto o Poente,
tysico e neurasthenico,
tosse nuvens
e escarra estrellas..."

* * *

Que se póde dizer mais de Oswaldo Santiago, alem disto, si os discos andam por todo o Brasil a glorificar João Pessôa nos versos emocionaes do poeta do "Rio-Rei"? Para o grande presidente nortista, decididamente, só o estro, a alma, o sentimento de um grande poeta do norte.

Uma sombra, porém, vejo no poema de Oswaldo. E' assim, parece justificar a contingencia humana: até o sol tem manchas...

E' quanto a certos descuidos na formação dos versos. Oswaldo Santiago não tem desculpas. E' conhecedor do vernaculo. Não tem razão para claudicar assim:

"Sobre as ilhas que vêm" ao invés de *vêem*. Como está é o verbo VIR, quando o poeta conjuga o verbo VER.

"Parecem se estorcer"

Oswaldo não ignora a syntaxe do verbo *parecer* impessoal e do logar dos pronomes... (Coitados!)

"Seringueiros tafúes...

.. ..

Vinham de igarapés curvos como [serpentes,
vinham dos estirões, dos furos, dos [canaes,
.. ..
passarem, frente ao rancho...

E' indesculpavel. Alem de graphias inadmissiveis, como "exhorbitante" "avesinha" etc. etc.

A que se poderá attribuir o deslise? Indifferença do poeta, desinteresse pela forma vernacula, que, de certo, julga velharia inutil á gloria de seus versos? Talvez...

Não basta, porém, o genio creador, a fluencia da rima espontanea, o rythmo, a musica de versos como estes, de impressionismo, de comparações deslumbrantes:

"O rumor de um trovão, porém, [estremecendo a terra
abalando-a,
assustando-a,
ouviu-se, mal deserta a ribeira [ficou,
e um raio fuzilante
escreveu,
no papel sem pauta do Espaço
com o lapis electrico de um corisco,
os signaes cabalisticos e bizarros
de um alphabeto asiatico, desco- [nhecido,
fazendo, certamente,
pela Agencia de Propaganda do [Infinito,
o annuncio luminoso da Tempes- [tade!"

("Rio-Rei", canto XI)

Surprehendentes de concepção, pelo seu impressionismo absolutamente inedito, incomparavel!

E' preciso, entretanto, não desprezar o vernaculo. Não por inflexivel caturrice; mas pelo culto que, dos seus letrados, a lingua de um paiz deve merecer.

E Oswaldo a cultiva e cultúa. Esses e outros deslises do seu livro, de certo, poderiam ser corrigidos. Elle os descobriu; "o autor queria apontal-os; mas, achou melhor attender á necessidade de não poupar aos profissionaes da nossa critica o prazer diabolico de encontral-os..."

* * *

E por aqui me cerro, sem dominar o desejo de saudar o poeta do "Rio-Rei" com as ultimas palavras da "Protophonia" do seu encantador poema amazonico:

"Sim! Tu não és o que todos dizem, [ó Amazonas!
Tu és, ó rio, ó rei magestatico e [forte,
tu és a bandeira liquefeita do Brasil
içada neste mastro altissimo: — [que é o Norte!..."

RENATO DE ALENCAR

O PAVOR
DA NOITE QUE
NÃO TERMINA
A tosse nocturna é o maior horror dos que soffrem de bronchites chronicas, asthma ou coqueluche. O Bromil, sendo um calmante e um expectorante poderoso, evita os accessos de tosse, permittindo dormir tranquillamente, o que é um beneficio e um allivio para os enfermos que, sem o providencial remedio, ficariam expostos ao supplicio das noites em claro.
KOHOUT New York
TOSSE ? BROMIL

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 4

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 24 de Janeiro de 1931

SORRINDO...

NÃO fôra a alegria do sol que, doirando os cimos das montanhas, veste de galas a natureza, o Rio seria a cidade mais triste do mundo.

Tristeza que dimana do caracter, ou melhor, do feitio pouco expansivo do brasileiro, pois nós apenas sabemos sorrir e quedamos boquiabertos deante da gargalhada sadia daquelles que não fazem da vida escola de dôres e soffrimentos.

Assim, ao Rio, a cidade luz, falta a alegria da sua gente, hoje, mais do que nunca, preoccupada com a rigidez dos orçamentos caseiros, sem margens para *extravagancias*, como dizem os velhos catarras, incluidas, no numero dellas, necessidades da civilização hodierna, sem as quaes melhor fôra morrer...

Apenas o verão conseguia quebrar um pouco a monotonia da *urbs*, arrastava para as praias forte contingente da população carioca, e, nisto, creio ainda que não actuava o desejo de collocar a alma em harmonia com a alegria da natureza, mas a necessidade imperiosa e hygienica de mergulhar o corpo na agua tépida do mar.

E as praias cheias, movimentadas pelo bizarro das côres vivas dos *maillots*, davam, a nós outros, amantes do Bello, a illusão ephemera da felicidade de viver entre *naiades* ou coisa parecida...

Era assim até pelo anno de 1930, o anno velho, desprezado e esquecido, porque passou...

Agora, porem, com o anno novo, surgiram novidades, isto é, as coisas mudaram.

Para melhor?!

Creio que para peor...

E' que, em nome da senhora Moral, a policia resolveu tambem dar cabo da liberdade derradeira que restava ao carioca, a liberdade de gozar das praias com um sorriso mais franco á flôr das faces, a liberdade de gritar *olha a bôa...*, á approximação das ondas que alteiam demasiado o seu collo de espumas.

Nada de *maillots*, pois estes despem ao invés de vestir, e a maldade do homem, tal qual o sensualismo quente do sol, mórde a carne feminina, escandalizando até os peixinhos do mar...

Pelo geito, parece que as mulheres devem voltar ao uso dos calções cobrindo a linha dos pés, os calções que apesar de espessos e longos, ainda assim preoccupavam os nossos avós.

E' que, naquelle tempo, Cupido já frequentava as praias, e a malicia espiava através dos tecidos grossos...

Mas, resolveu a policia implantar tambem a tristeza nas praias, matando o sorriso matinal do carioca.

De maneira que o mar não deve, no verão, ser procurado como um prazer do corpo e do espirito.

As praias não devem offerecer o aspecto de uma grande feira de alegria!

Voltaremos a usar do mar e da praia como *botica* para a cura da gôta e outras miserias do homem.

Convenhamos que isto é horrivel!

Entretanto, os moralistas resolveram, e está acabado.

A moral sempre foi receitada para uso externo, para os outros...

Todo excesso, porem, é ridiculo, faz mal.

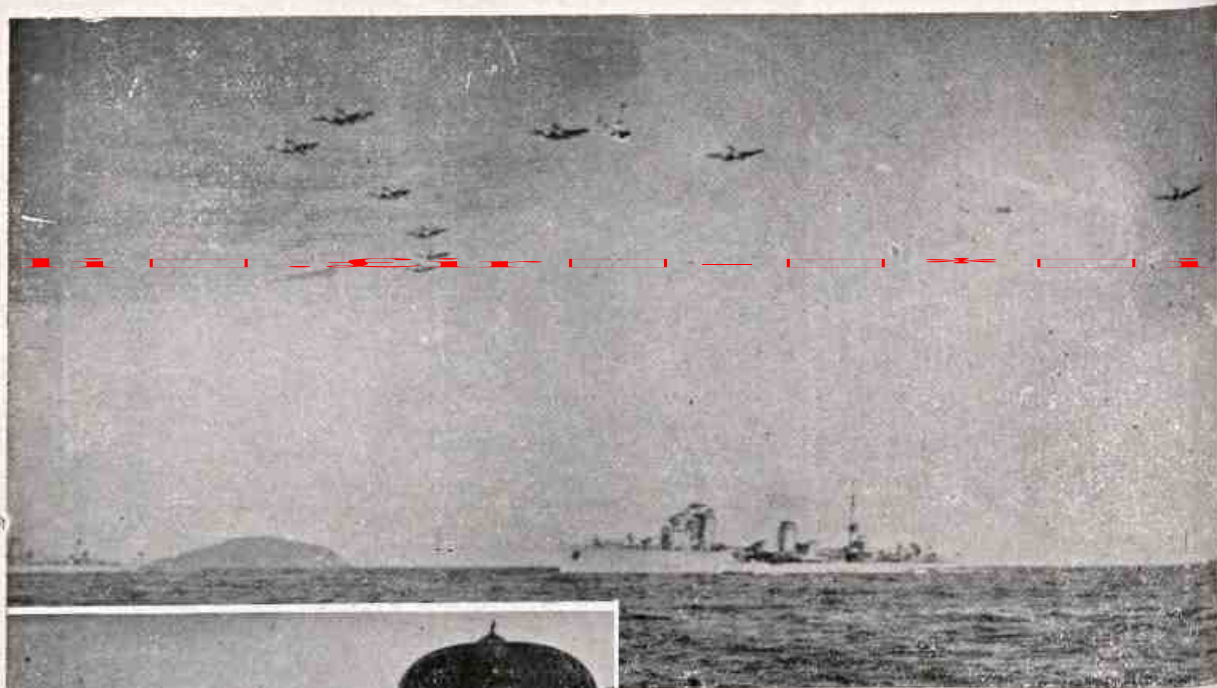
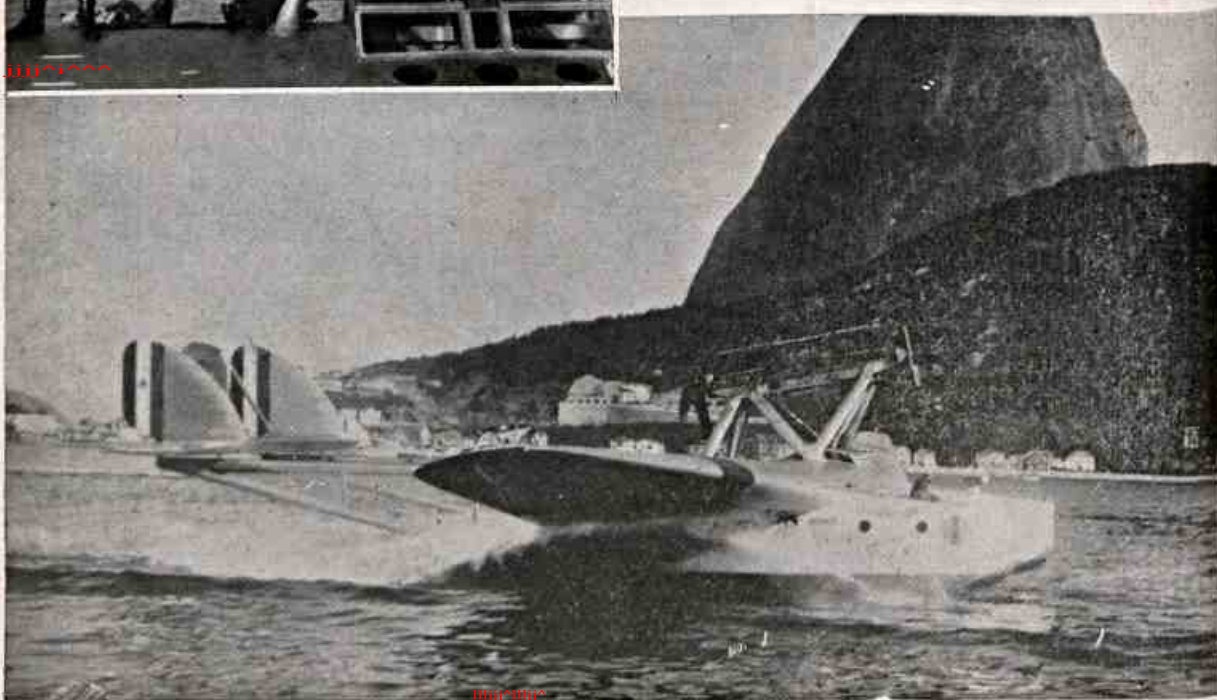
Metter sentinellas ao mar para verificar si as mulheres que mergulham o corpo branco nas aguas claras da Guanabara estão cobertas de panno da cabeça aos pés, é, positivamente, medida de máo gosto.

Não se contrariam as leis da natureza...

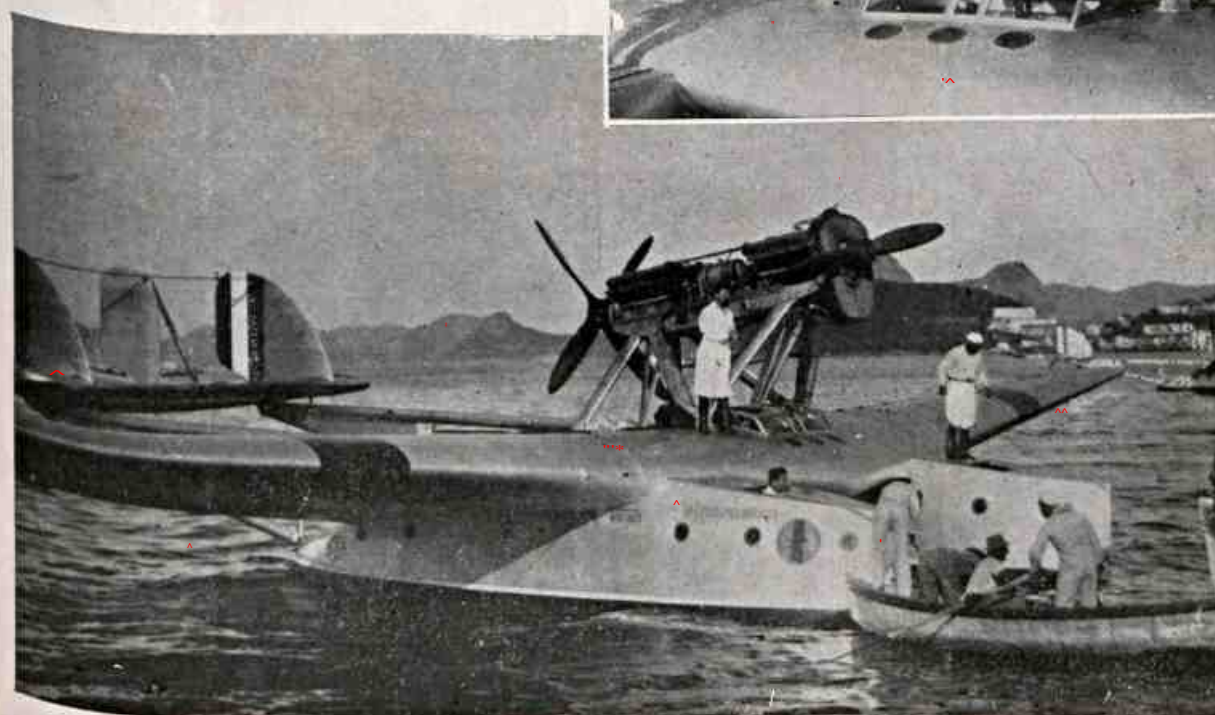
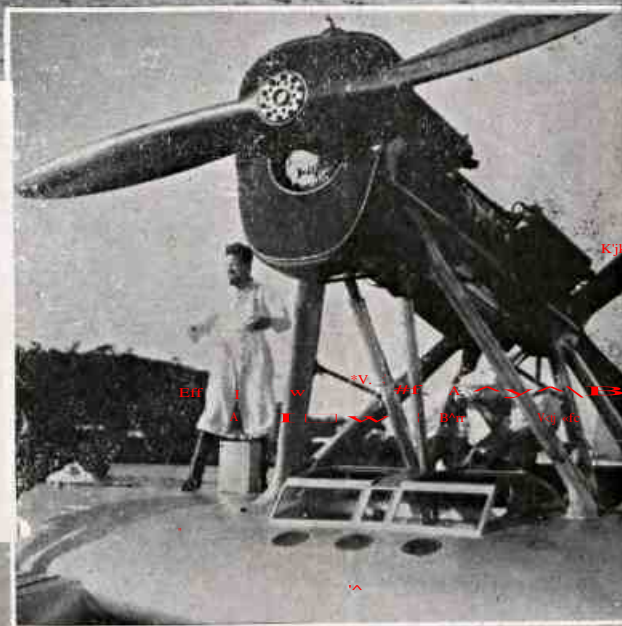
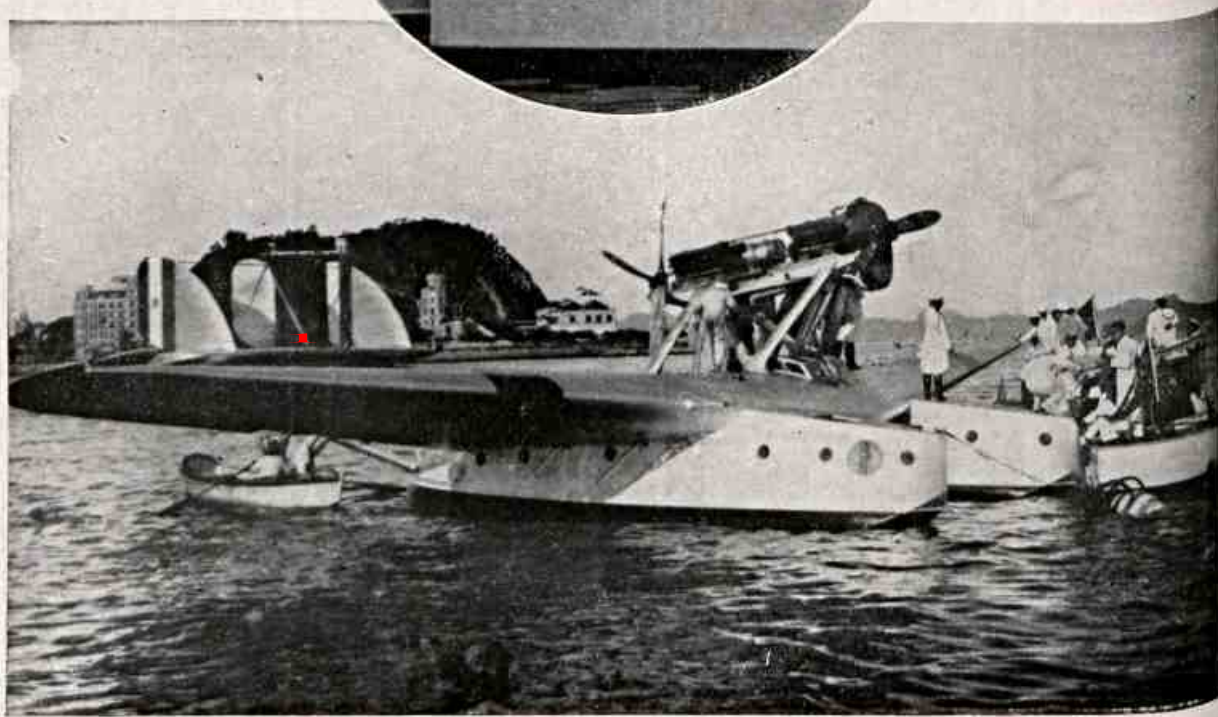
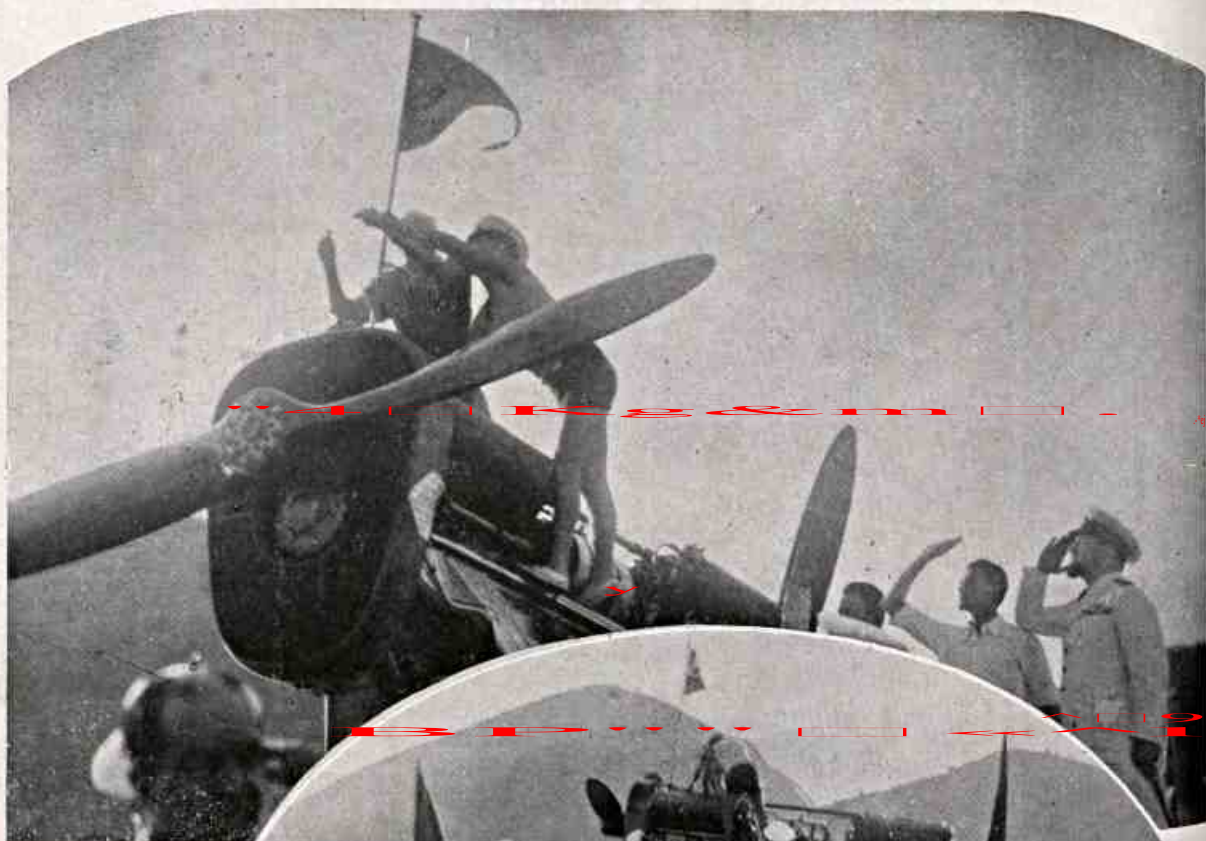
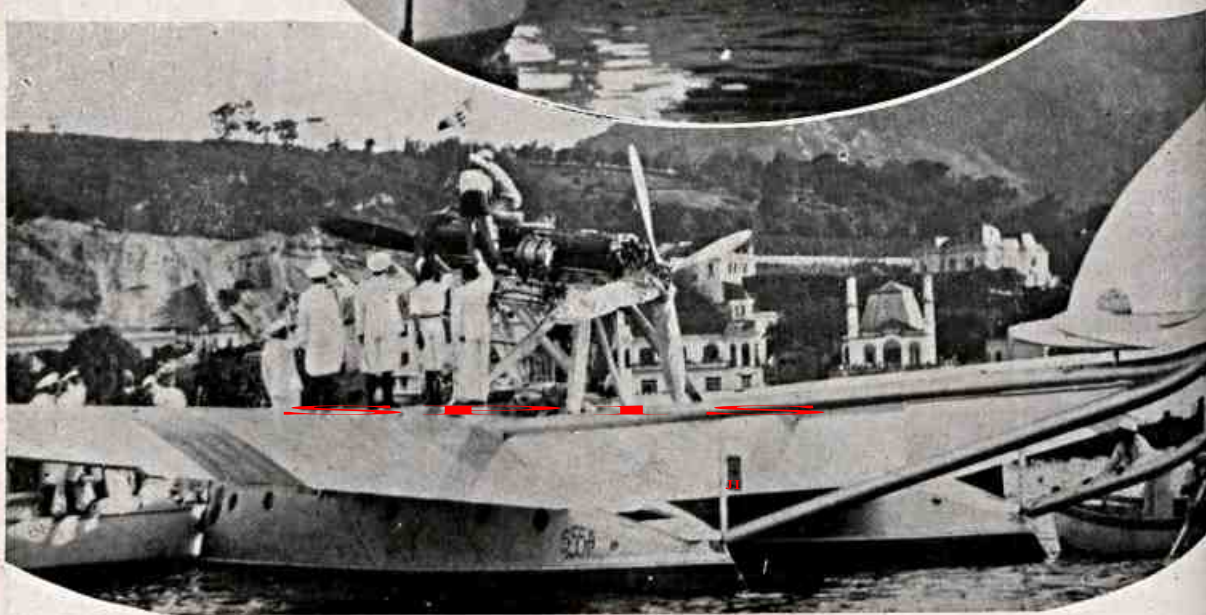
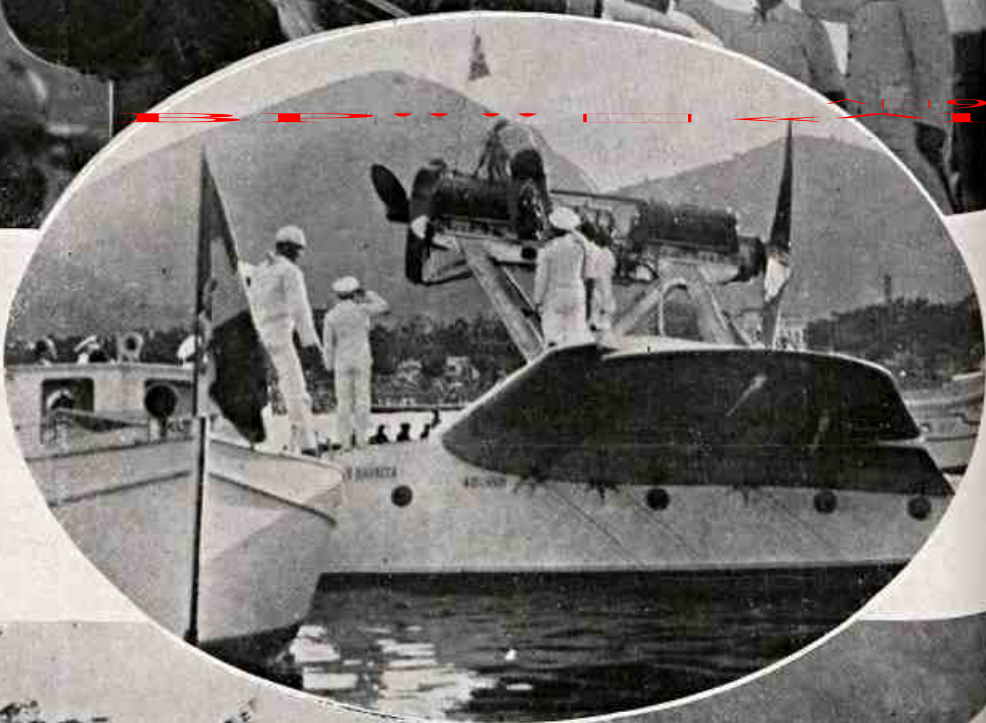
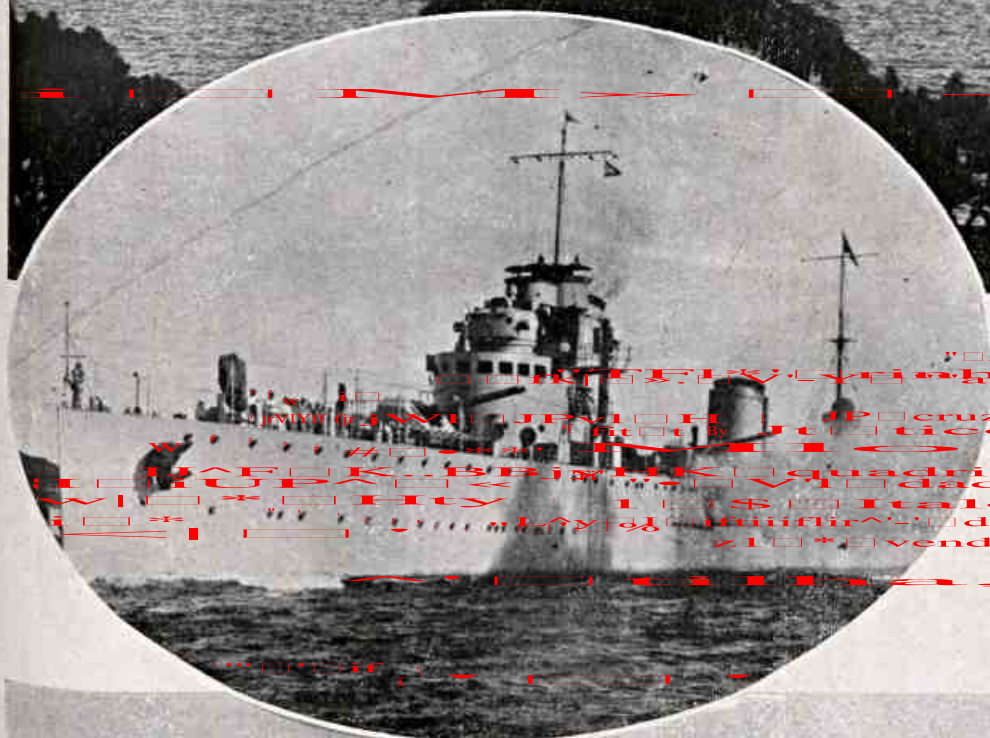
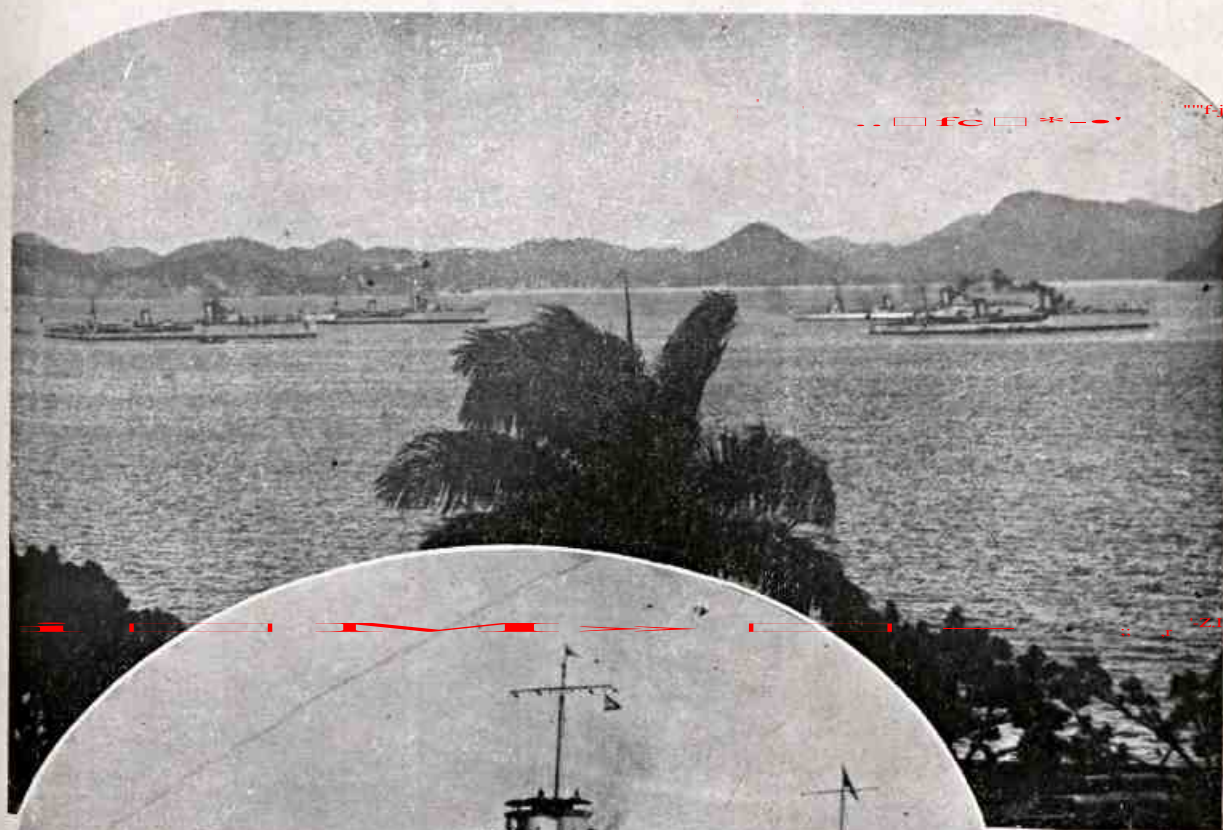
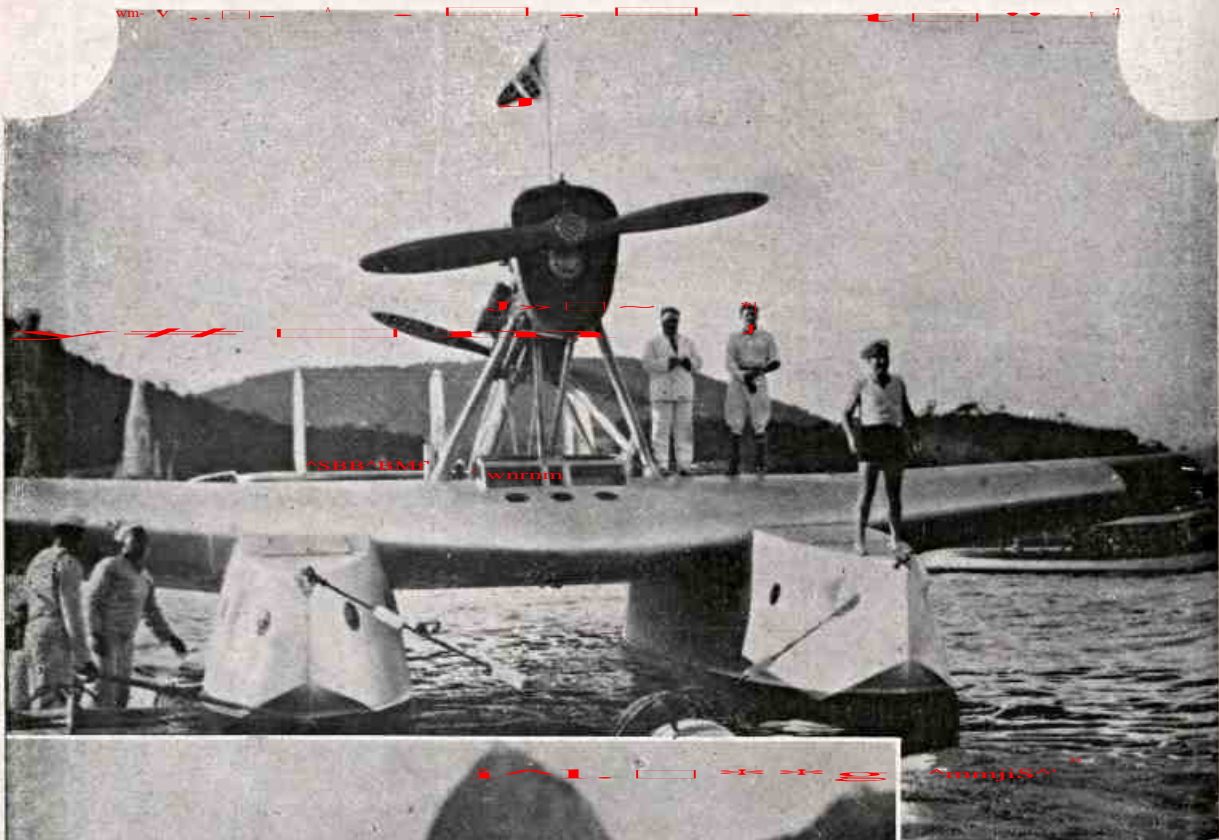
Depois do banho, deve a gente vestir-se, isto sim, para não apanhar uma *grippe* azul.

O contrario...

O Rio tem o direito de ser a cidade mais alegre do mundo!

MARIO POPPE

O cruzeiro magnífico das azas italianas que transpuzeram o Atlântico, para trazer á Patria Brasileira o amplexo de cordialidade da Italia Nova, marcou, na penúltima quinta-feira, a etapa final do seu remigio glorioso. Na tarde luminosa daquelle dia, sob o céo azul e limpido que se estendia sobre a Guanabara como um immenso arco triumphal a glorificar a sua formidável façanha, as trepidantes aeronaves da esquadrilha Balbo, após varias evoluções sobre a cidade, recebiam o beijo amigo e carinhoso das aguas verdes e serenas da nossa maravilhosa bahia. Era a Itália Nova — a alma dynamica e cheia de fé, fremente de enthusiasmo e de patriotismo, da grande terra do Duce— a que, representada pelos heroicos aviadores da esquadrilha gloriosa, o coração brasileiro acolhia

e saudava num largo e vibrante rythmo de admiração e de amizade. Era a Italia de Del Prete, de Ferrarin, de Balbo, — que, sob a acção dynamica e fecunda de Mussolini, voltou a desempenhar no mundo contemporaneo aquella missão magnifica que inspirou esta saudação de Virgilio: «Salve, magna parens frugum, Saturnia tellus, Magna virum». E «salve, terra Saturnia, grande mãe de homens e de grãos»...

* * *

Estas paginas de «Fon-Fon» focalizam os primeiros flagrantes da chegada da esquadrilha aerea italiana, fixando interessantes detalhes do que foi esse momento de intensa e formidavel vibração.

Os aviões da esquadrilha Balbo, ainda com os seus pilotos a bordo, e quando recebiam as primeiras visitas das autoridades brasileiras, de membros da embaixada italiana, e outras pessôas gradas que lhes foram levar cumprimentos e acompanhál-os no seu desembarque. No medalhão vê-se a lancha que conduziu o general Italo Balbo e seus companheiros de gloria até o pavilhão da praia de Botafogo, onde desembarcaram.

Após o formidavel cruzeiro que vem de realizar, o avião do general Italo Balbo, commandante da esquadrilha aerea italiana, ainda com os seus motores arfantes, repousa sobre as aguas da Guanabara. Em cima do glorioso apparelho vê-se o illustre ministro da Aeronautica da Italia, no momento em que ia passar para a lancha que o deveria conduzir para terra.

O avião capitanea da esquadrilha italiana, no momento em que içava a bandeira de commando, na enseada de Botafogo. Essa cerimonia foi assistida pelo general Italo Balbo e demais membros da tripulação do seu apparelho, sendo as continencias do estylo prestadas pelos outros aviões da esquadrilha.

As unidades da Marinha de Guerra italiana que fizeram o cruzeiro do Atlantico acompanhando o grande vôo da esquadrilha commandada pelo general Italo Balbo, ancoradas na Guanabára, vendo-se ao centro o capitanea da flotilha, e, em baixo, os aviões pousados na enseada de Botafogo.

O general Italo Balbo na occasião em que desembarcava no Pavilhão de Regatas da praia de Botafogo, na tarde da penultima quinta-feira. Na photographia do alto, apparece o glorioso apparelho em que o ministro da Aeronautica da Italia realizou o seu grande vôo transoceanico.

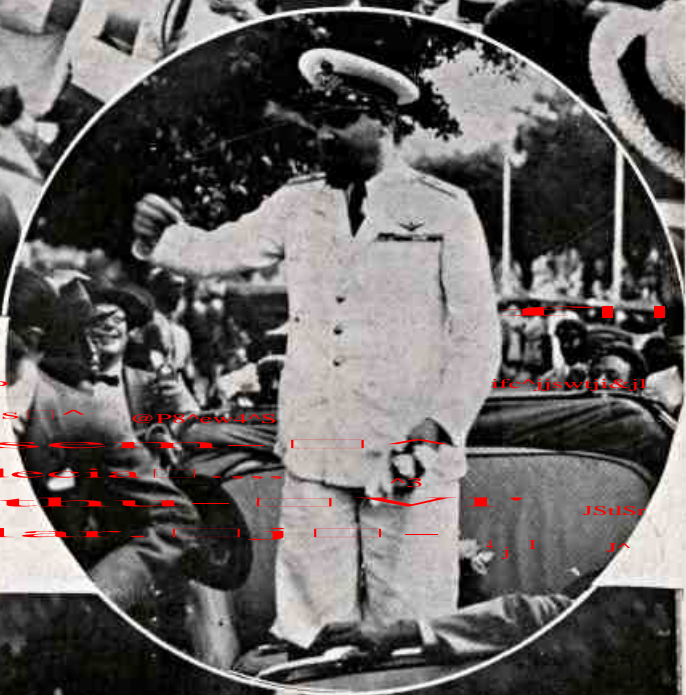
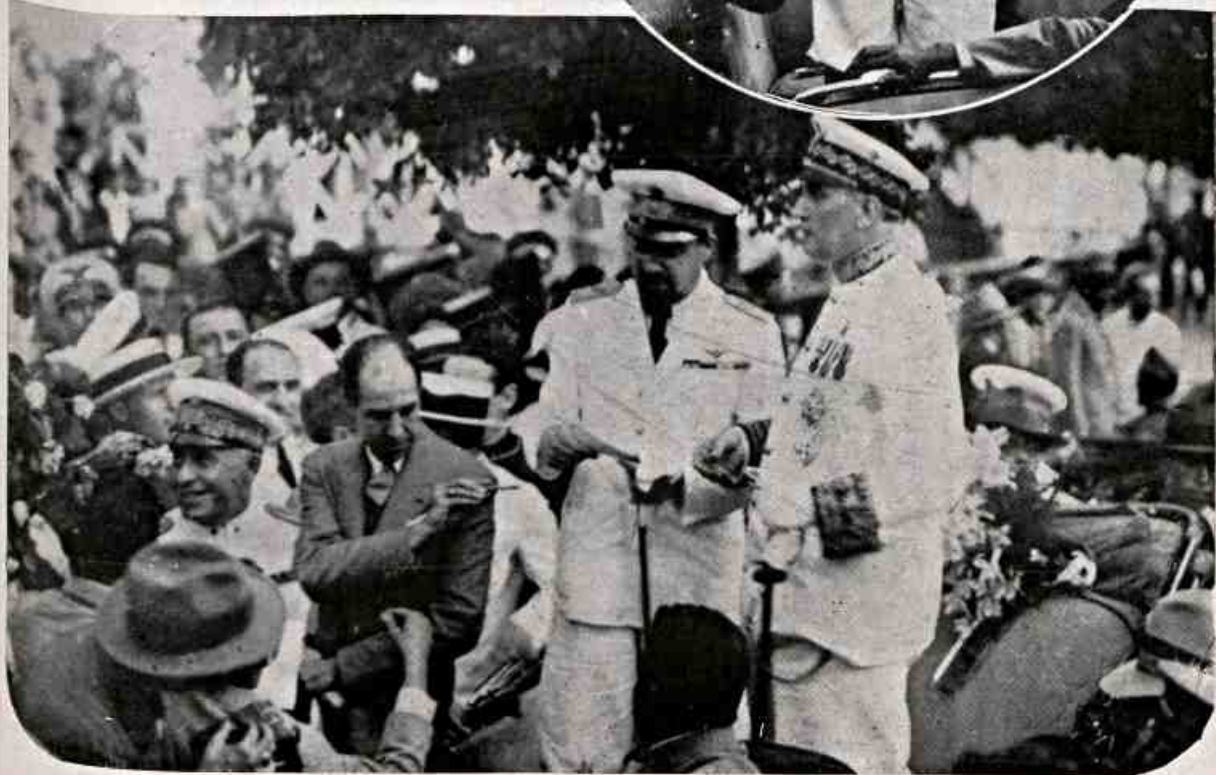
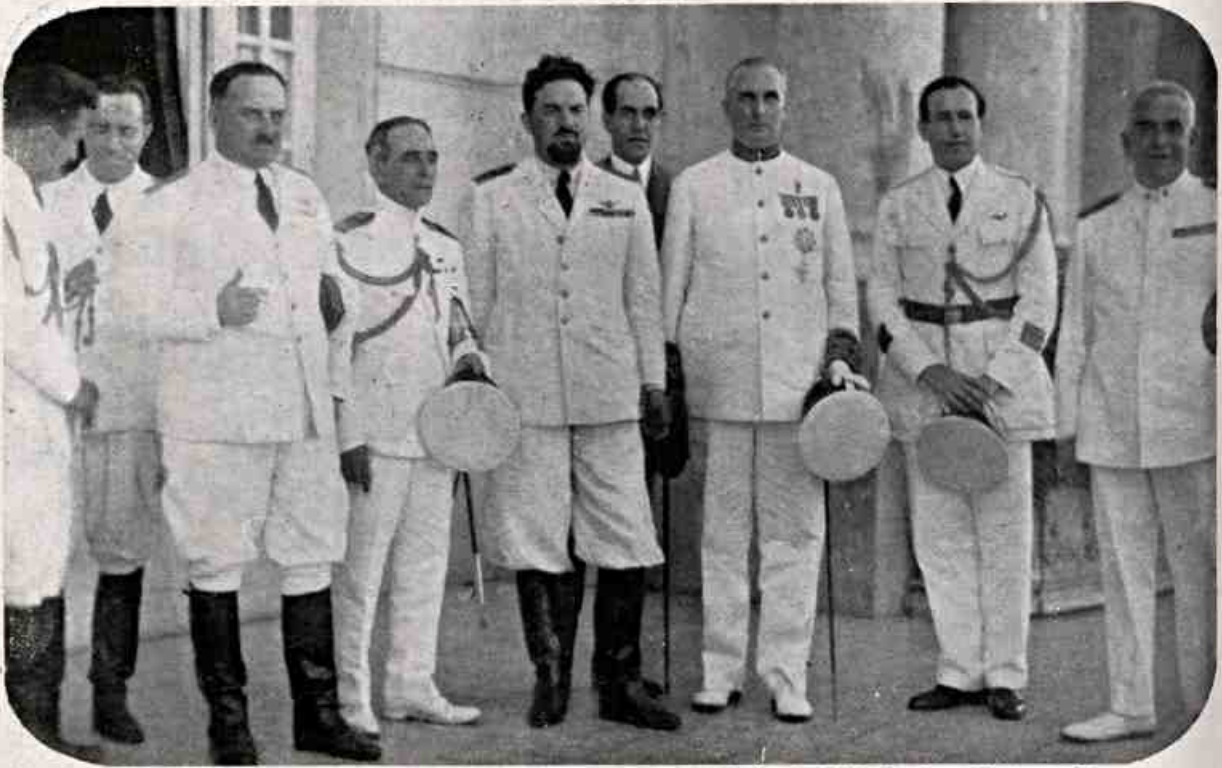
FILIGRANAS

— Aquelle sujeito é um esparadrapo...

— Como? indaguei eu, espantado, emquanto o mar, em torno dos banhistas, ria em frócos de espuma. O amigo com quem me achava na linda praia de Copacabana aproximou-se mais de mim e sussurrou:

— E' o appellido que lhe puzeram.

— Por que?

— Ora, porque! Porque é um bicho para adherir...

O commandante da esquadrilha aerea italiana em varios flagrantes colhidos por occasião de seu triumphal desembarque nesta capital, quando agradecia as vibrantes demonstrações do enthusiasmo popular.

O general Italo Balbo, já no Hotel Gloria, ao lado do embaixador Vittorio Cerruti e cercado de officiaes brasileiros e italianos.

TRES CONTAS

Foi nos Alpes — num desses dias de neve — que quatro sentinellas de um posto avançado italiano já haviam sido abatidas a tiros de fuzil, cuja origem ninguem conseguia descobrir.

O quinto guarda heroico, que a uma ordem do commando mais forte galgou o posto sinistro, bem não recebia na fronte altiva o vento frio da montanha, tambem cahia varado pela arma traiçoeira.

Quando o sexto soldado foi mandado perfilar-se para receber a missão de substituir a ultima sentinella, todo o regimento sentiu, na rudeza

O ministro da Aeronautica italiana, a convite dos jornaes de William Randolph Hearst, dirige, pelo microphone, no salão de baile do Hotel Gloria, uma saudação ao grande povo norte-americano.

brutal da guerra, o choque sensivel de uma emoção profunda, ante o seu rapido e inesperado suicidio, explicado pelo horror que lhe despertára a ordem recebida.

Si, por um momento sequer, esse homem tivesse visto o brilho dos teus olhos, por certo teria sabido morrer bem differente!

Longe da vida, longe do coração, entre a folhagem morta e escassa de um pecegueiro, á mercê da chuva, doente, immovel, abandonado pela campanheira; pelo proprio encanto da natureza...

No silencio da nostalgia, no ruido imperceptivel da saudade, o velho rouxinol perdia uma a uma as suas pennas tão simples e tão macias.

Pobre passarinho! Si elle ao menos pudesse ter ouvido a tua voz; aquella linda canção que fala dos teus cabellos... Como poderia ter vivido muito mais!

(Conclue na pagina seguinte).

O commandante da esquadrilha aerea italiana ao lado de seu eminente collega general Giuseppe Valle, do embaixador Cerruti, e entre patricios seus que ostentavam a indumentaria fascista, momentos depois da chegada de s. ex. ao Hotel Gloria.

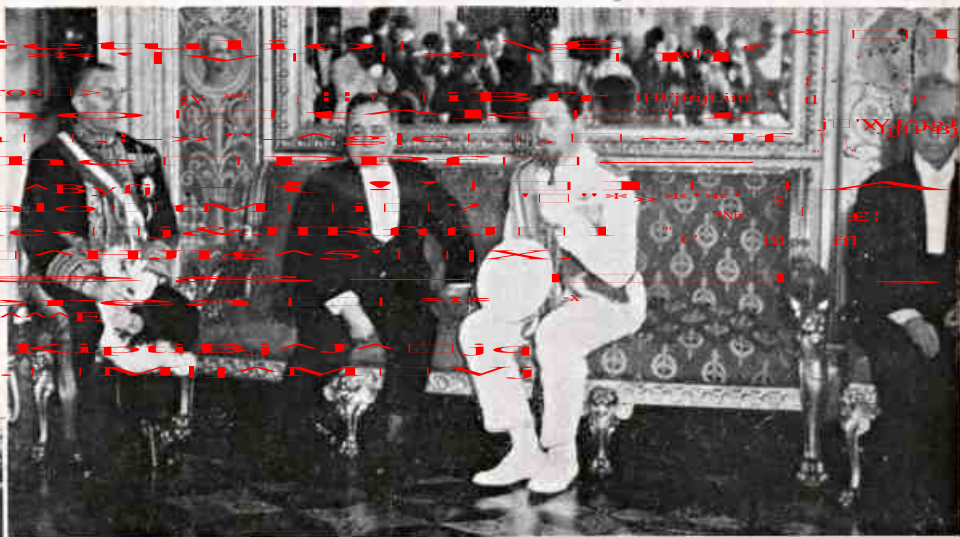
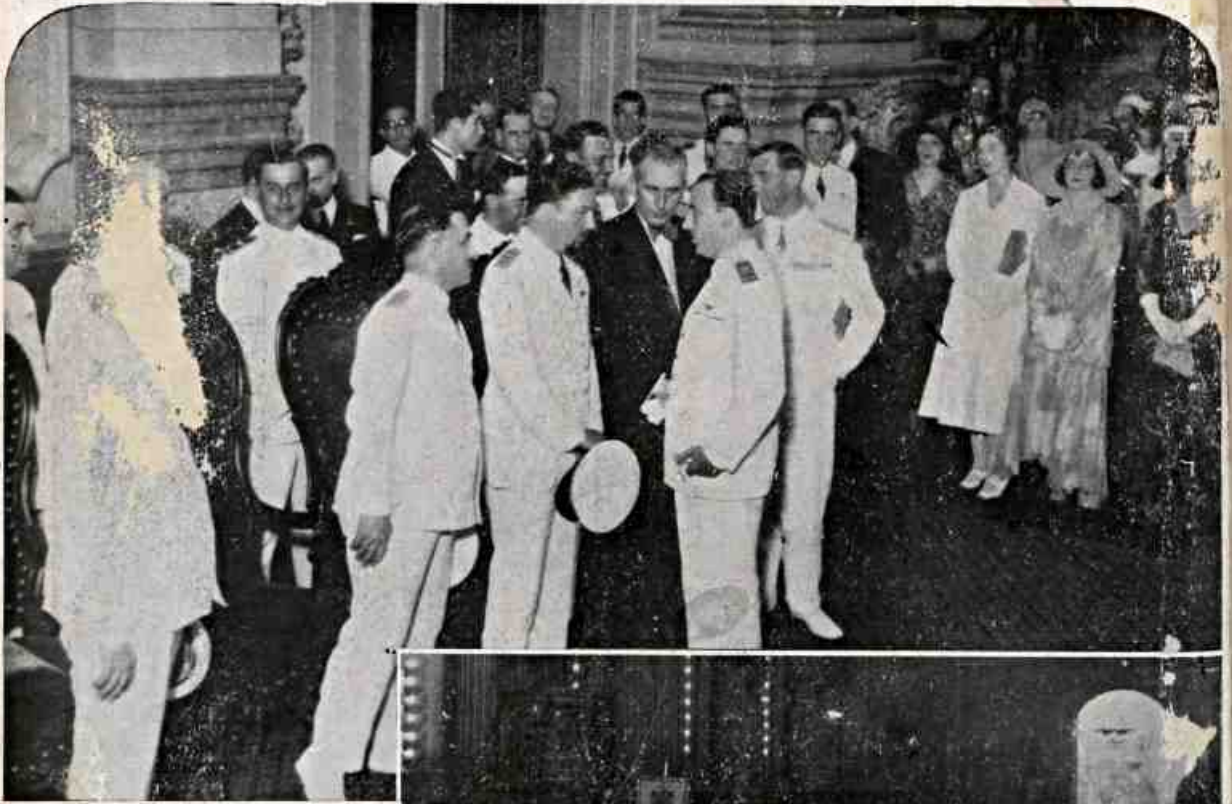
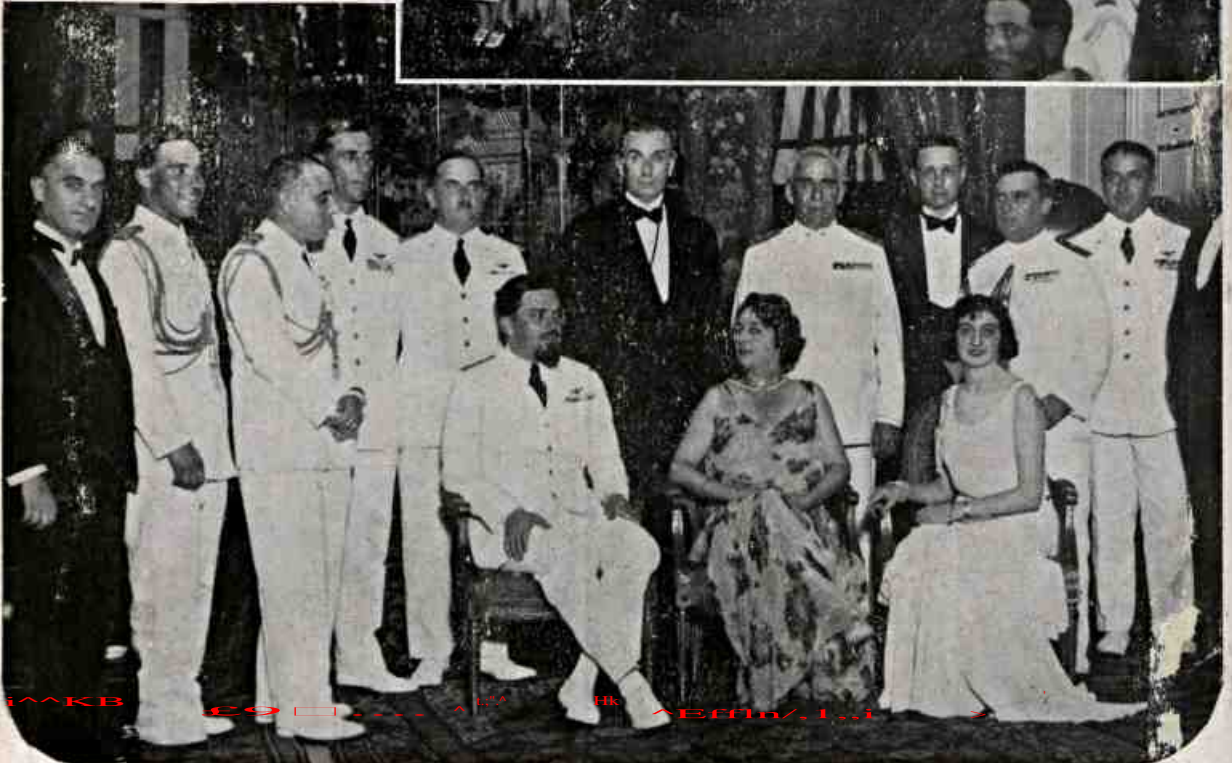
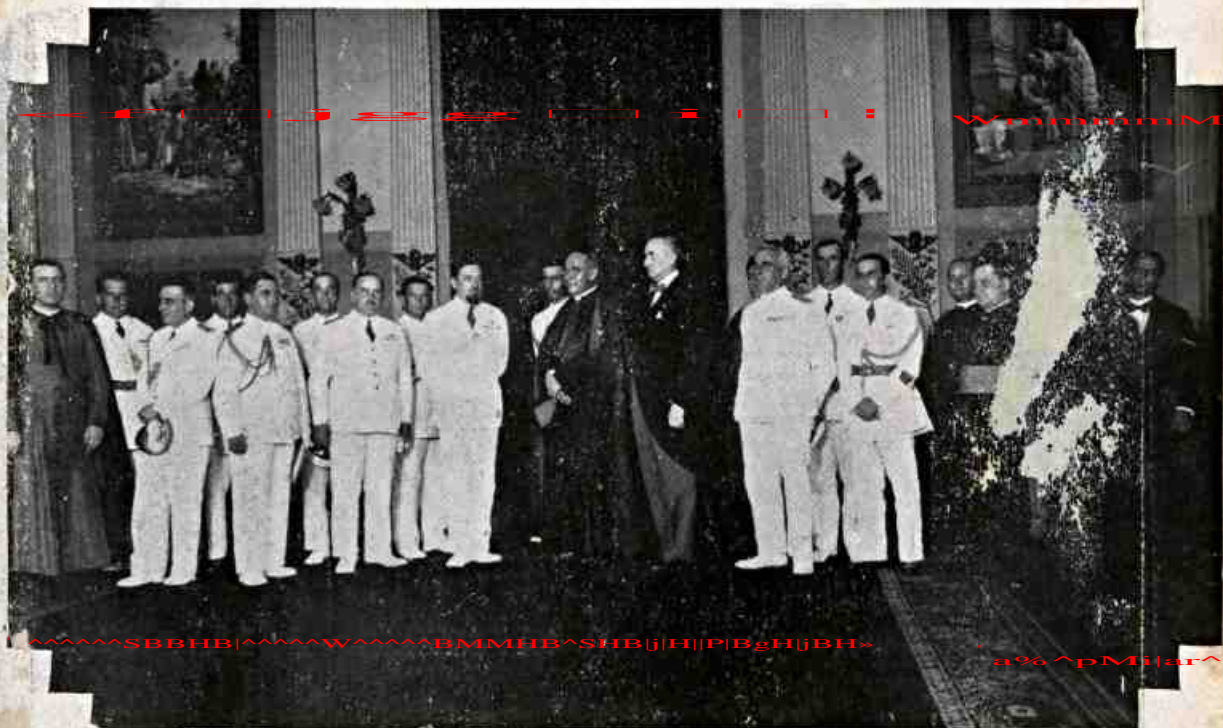
Ainda hoje me emociona a leitura de viagens. Não me sahem nunca da memória os caçadores de pérolas que vivem e morrem nas ilhas pestilentas e selvagens da maravilhosa Oceania.

Deve ser bem divertido a gente ver homens tão feios e nojentos a se atirarem ao mar, em busca das conchas mysteriosas...

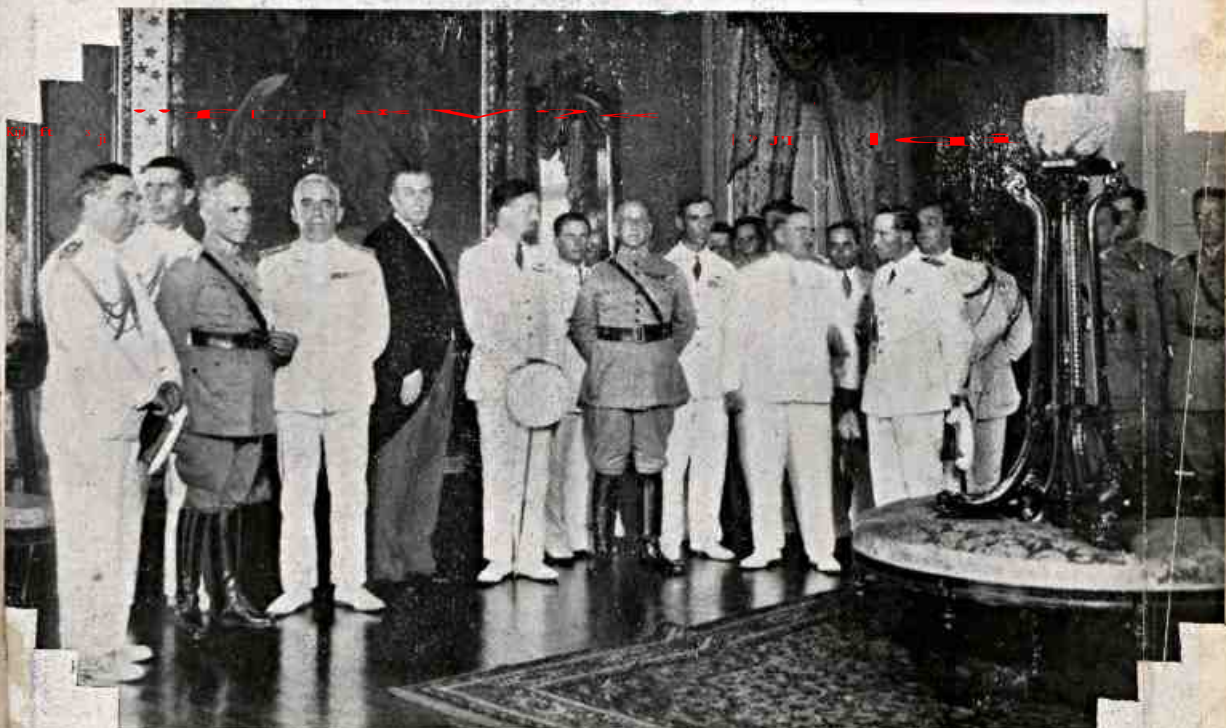
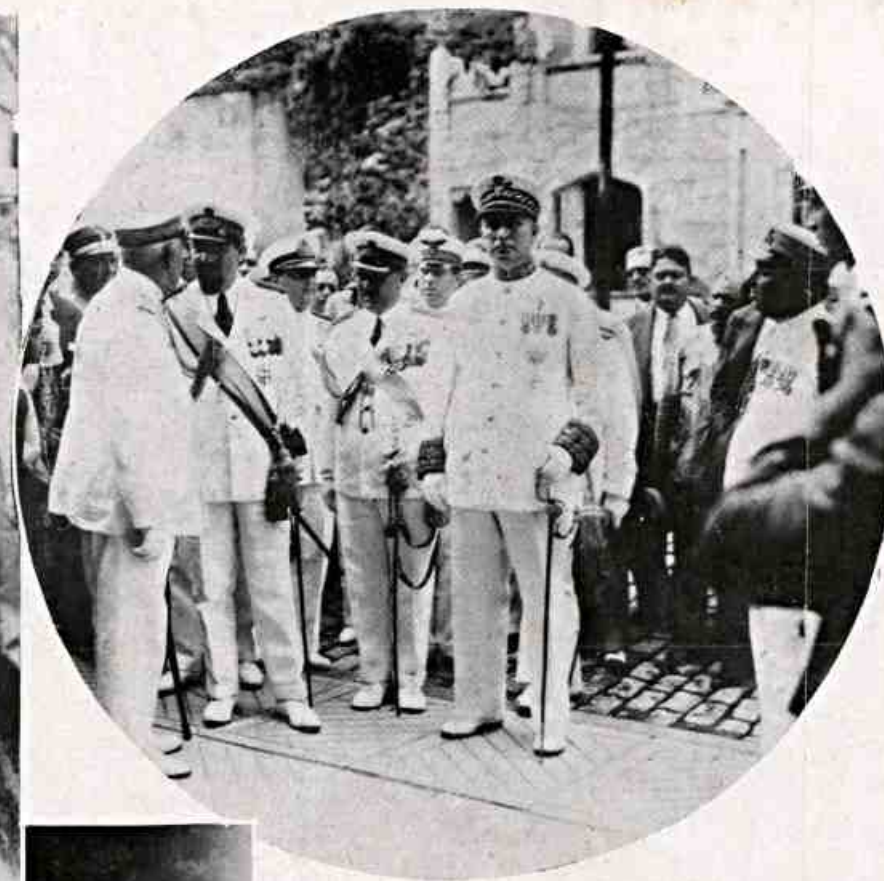
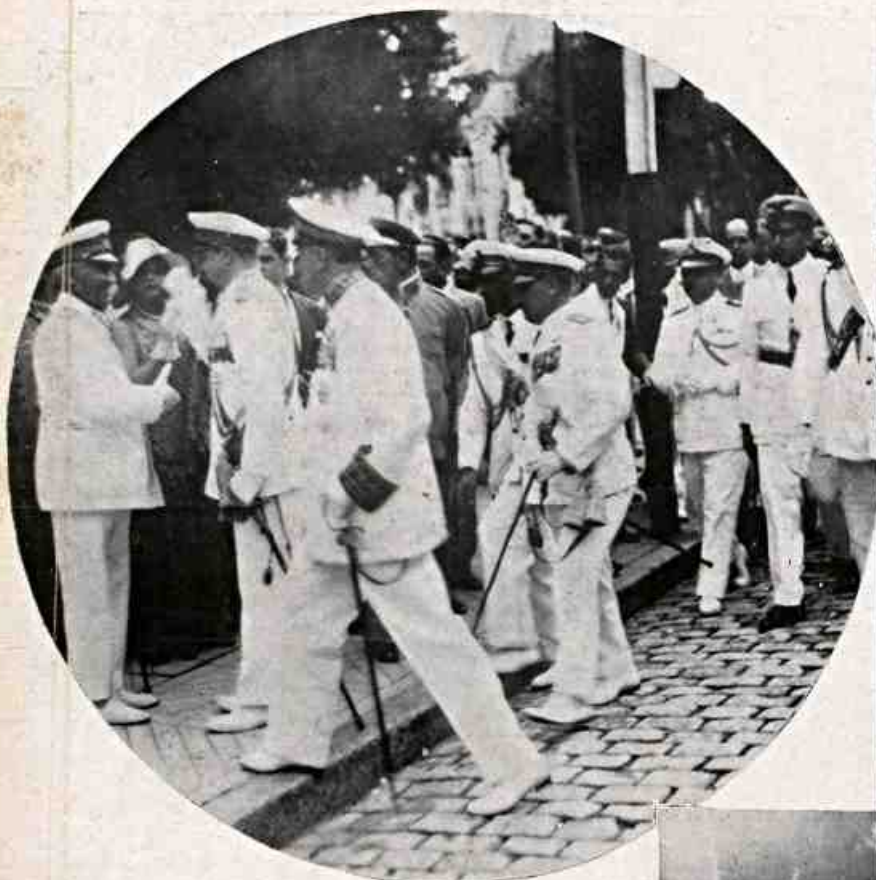
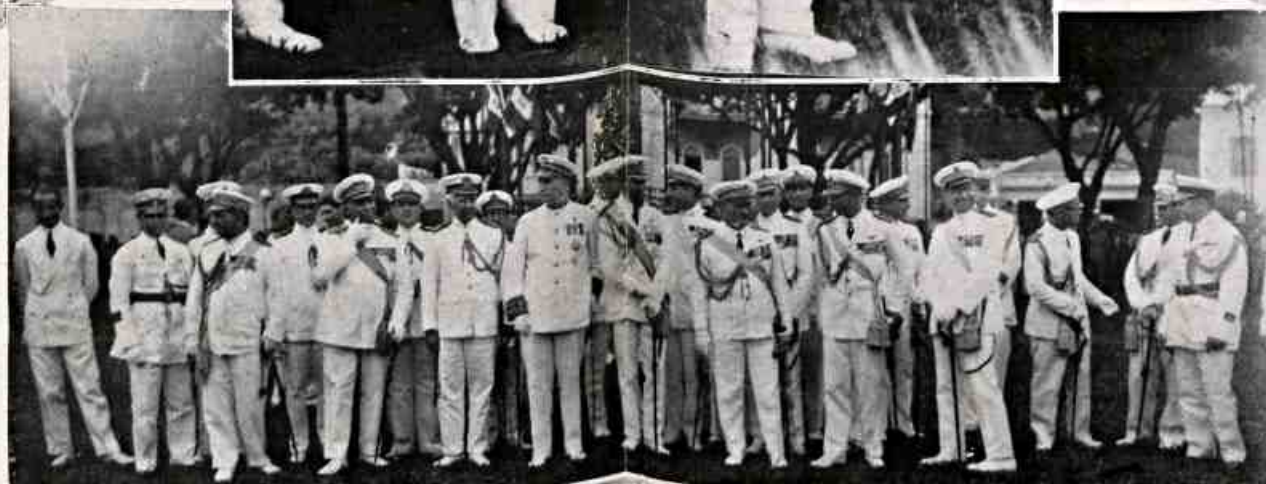
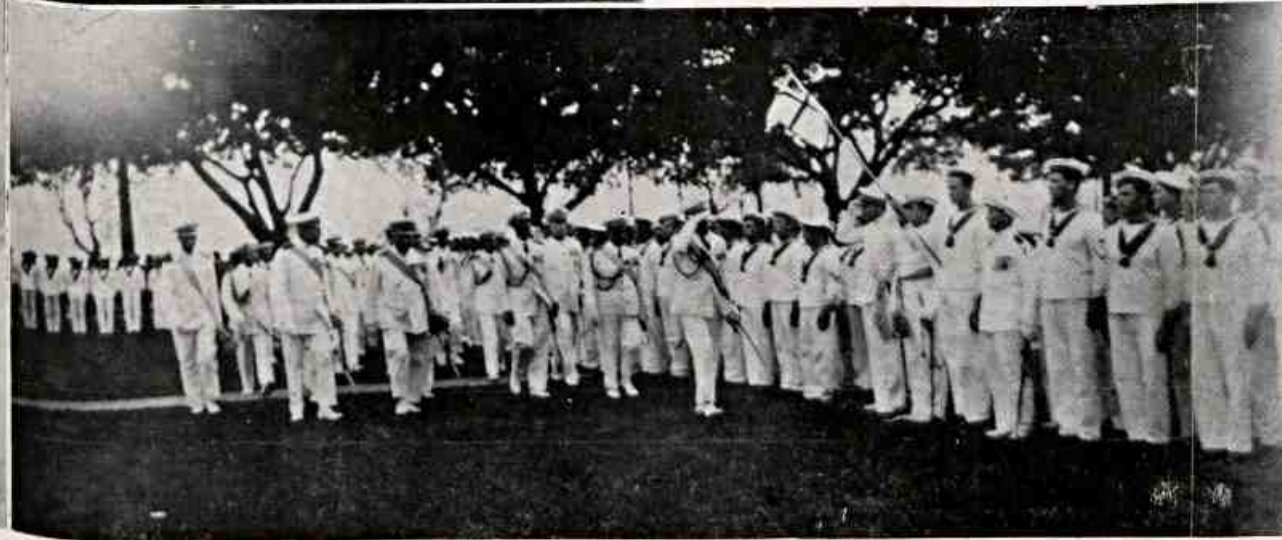
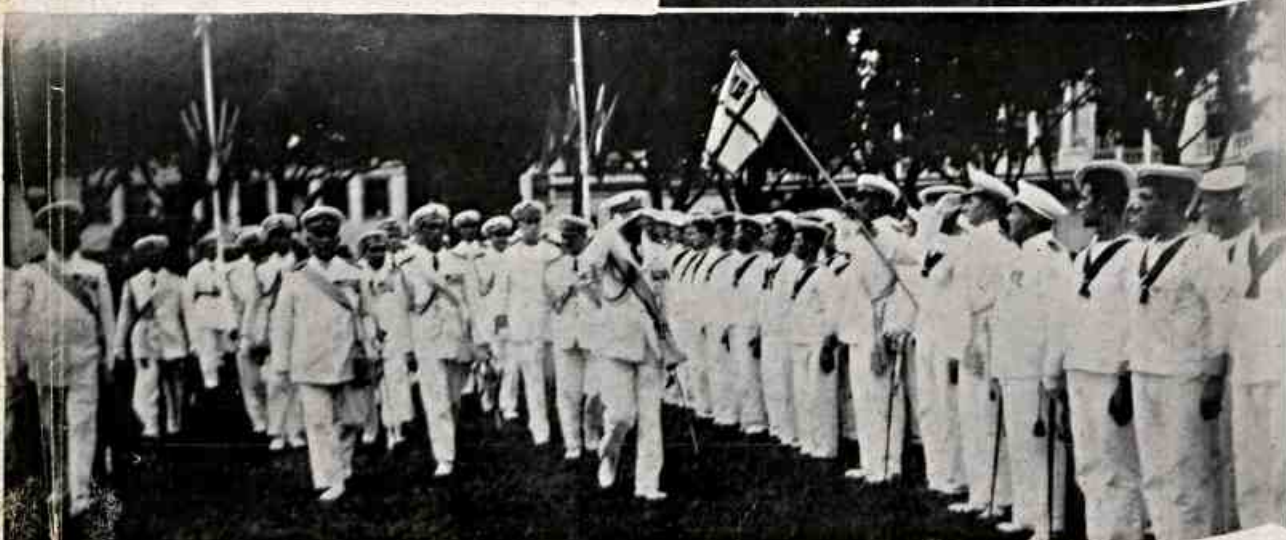
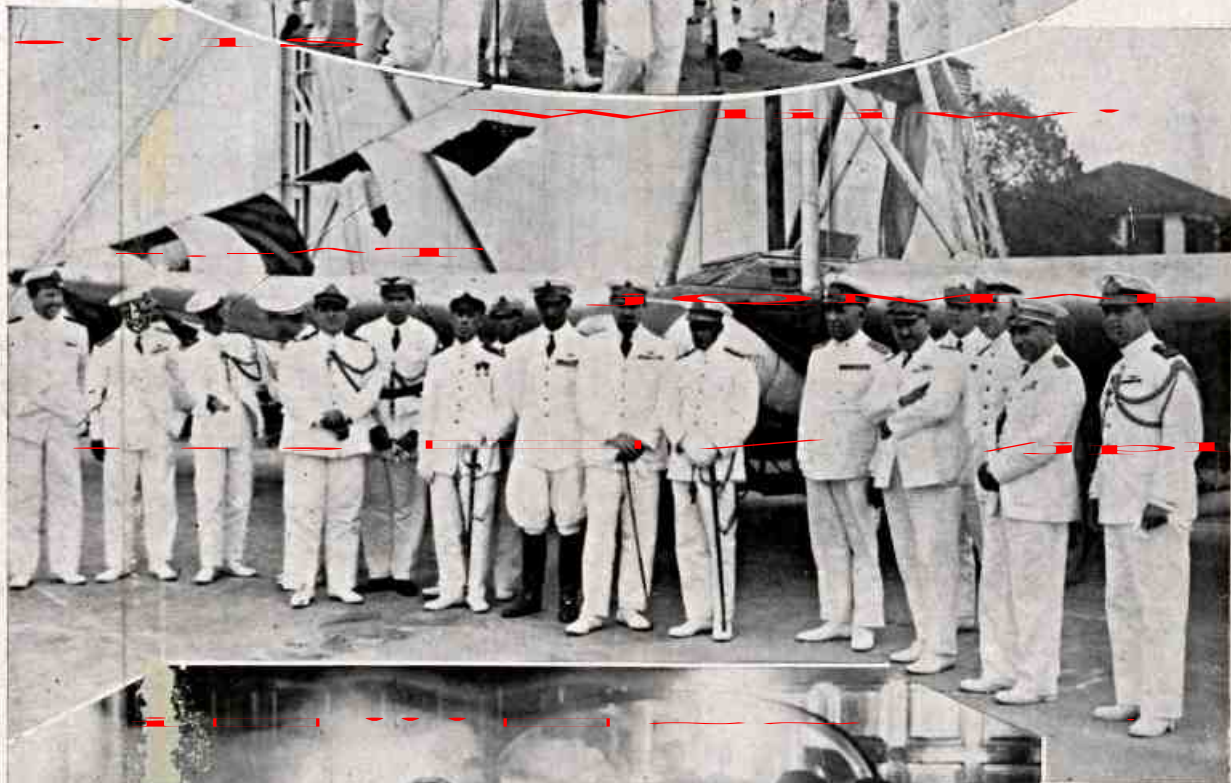
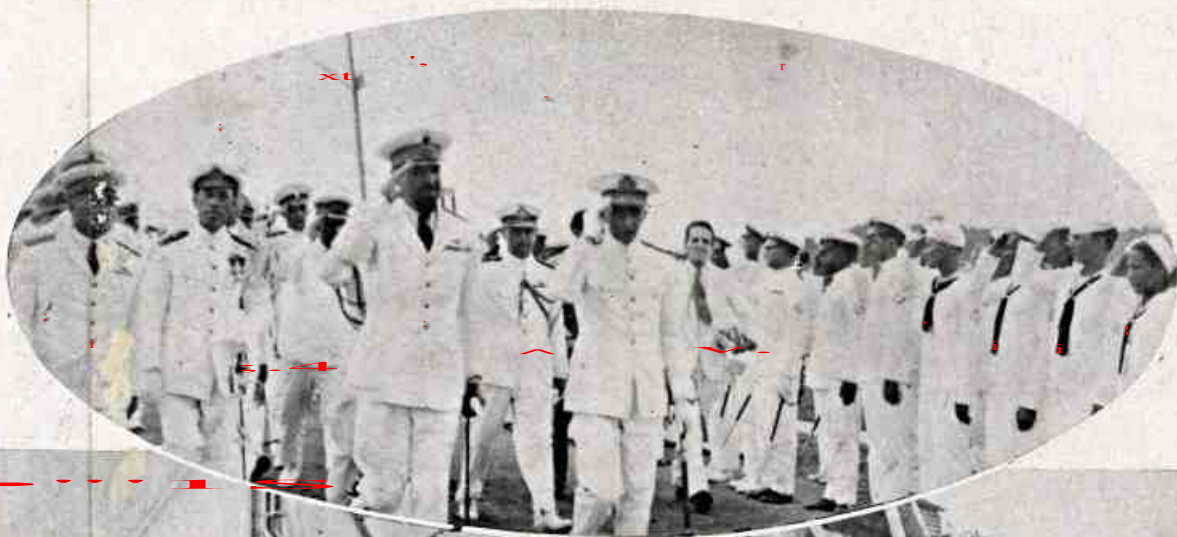
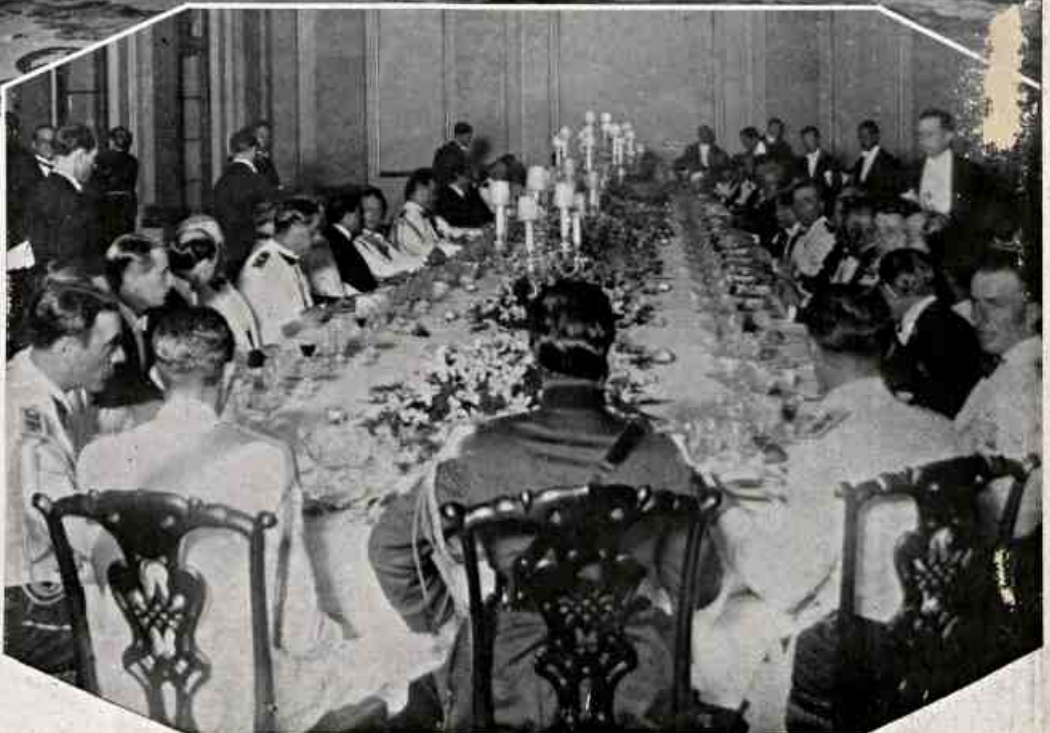
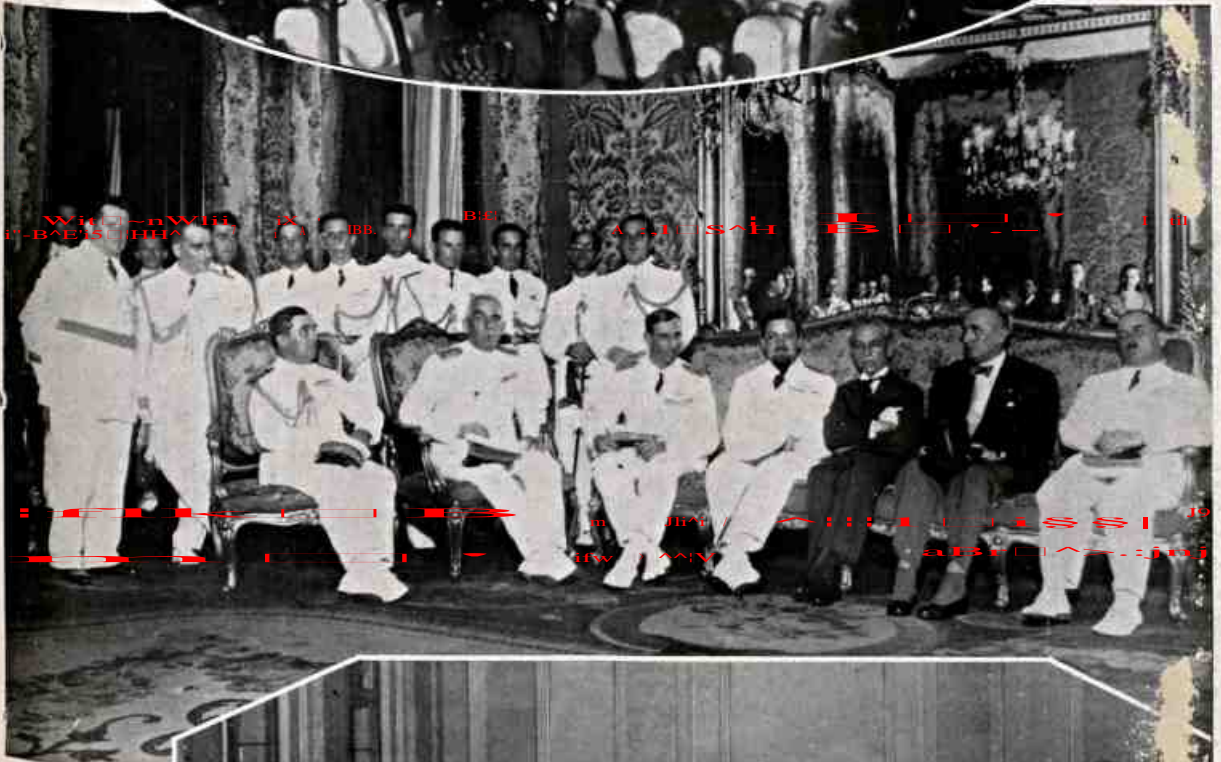
Vou viajar nos meus sonhos. Quero ser um simples caçador de perolas: dessas perolas que o teu sorriso angelico possue!

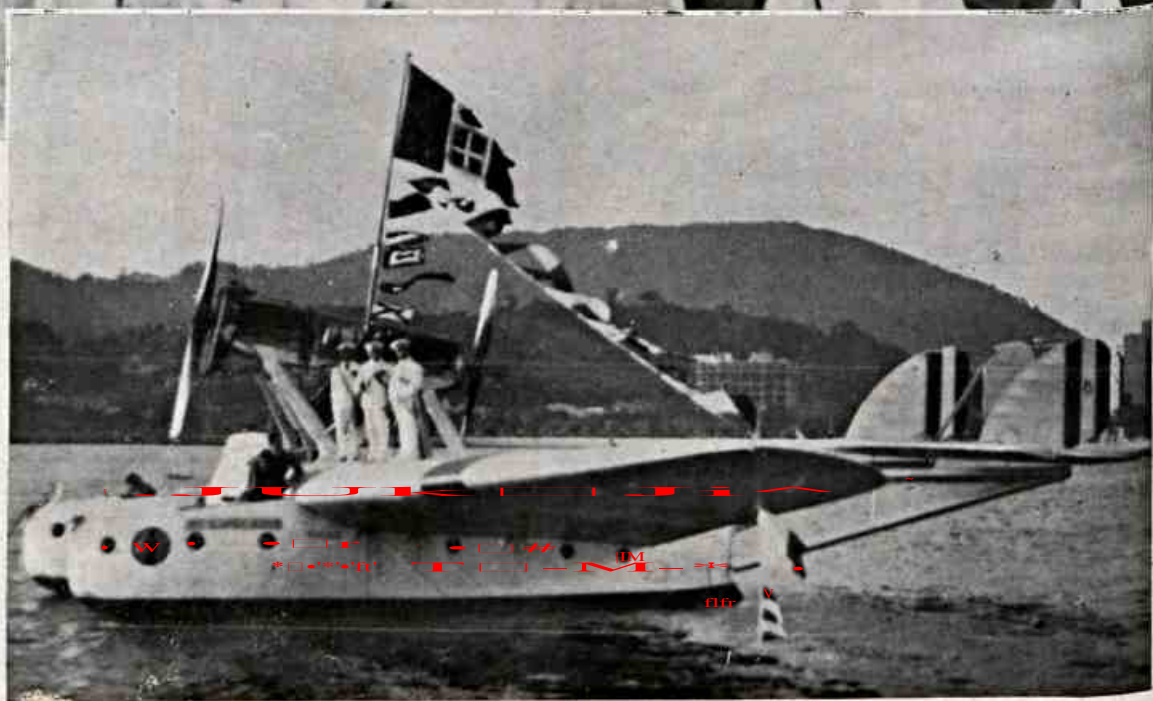
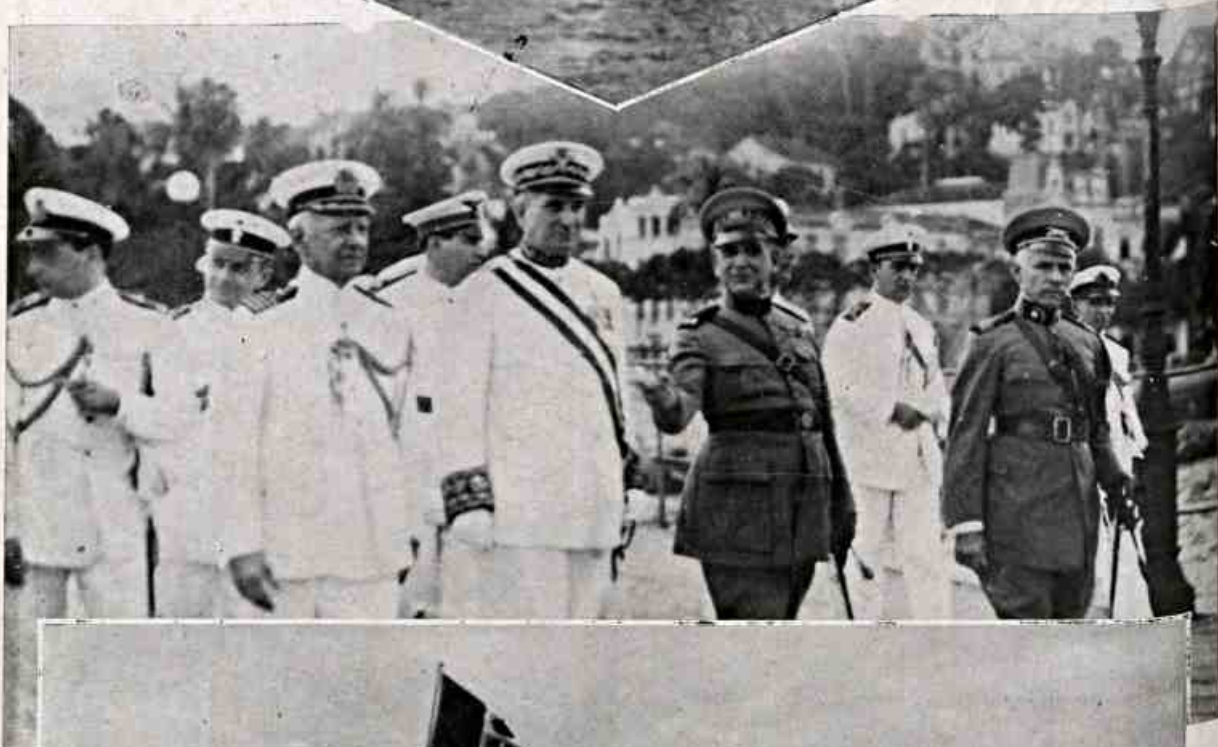
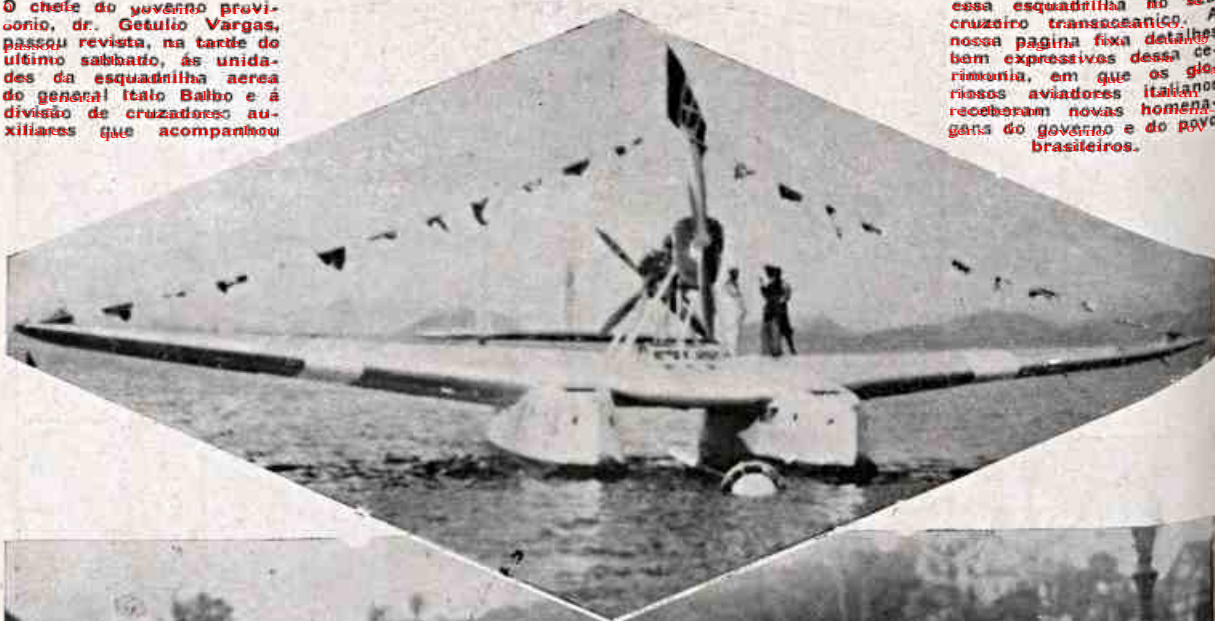
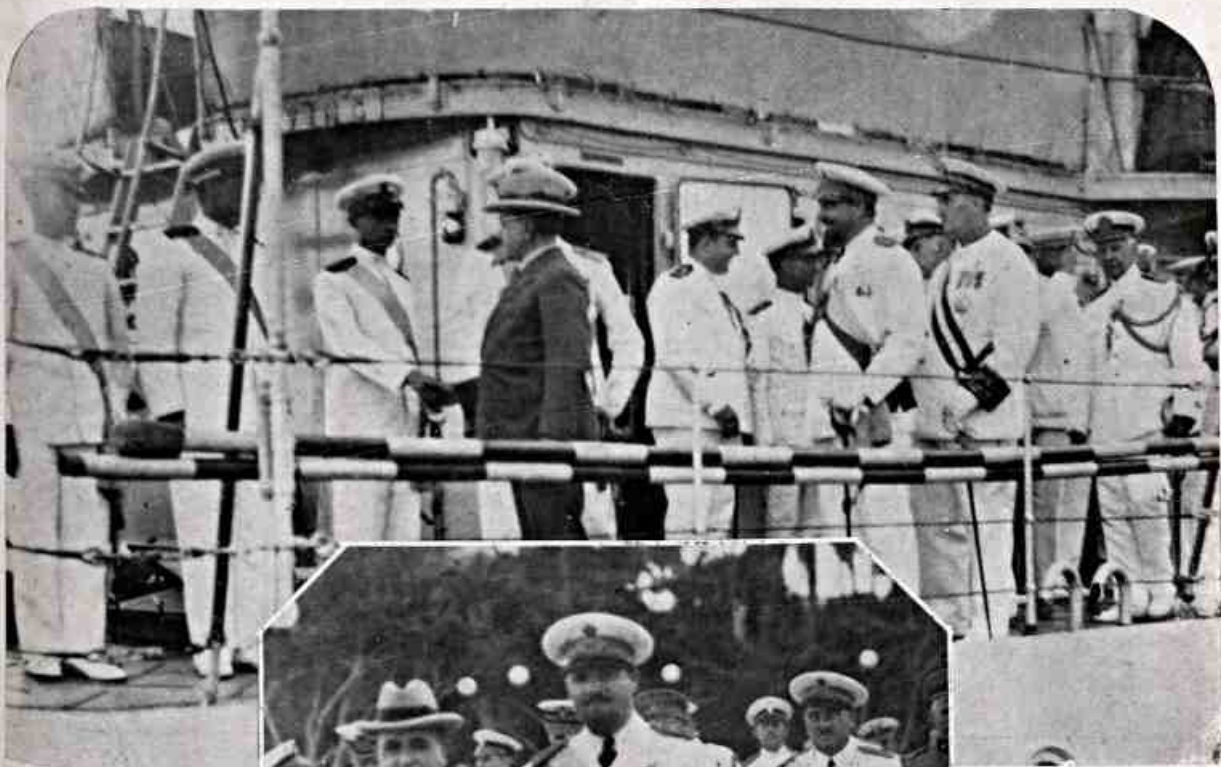
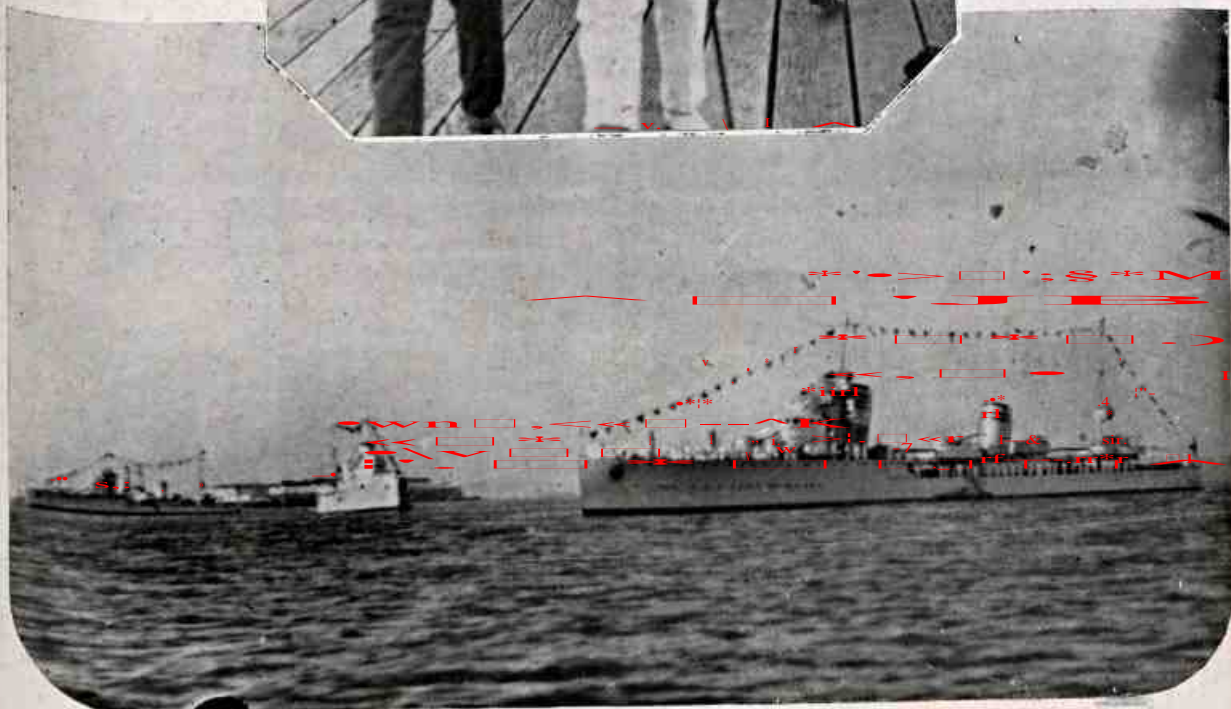
BRAZ GLETTE

Os aviadores da esquadrilha Balbo prestaram, sexta-feira penultima, uma tocante homenagem á memória dos mortos na Guerra Européa e de teu mallogrado compatriota Carlo del Prete, reunindo-se primeiro em torno do monumento que se ergue no parque da embaixada da Italia e, em seguida, deante da estatua do grande «az» italiano que tombou gloriosamente depois de ter elevado bem alto o nome de sua patria. Em ambos collocaram corôas com expressivos dizeres, fazendo-se ouvir, então, o ministro Italo Balbo e o commendador Buffarini, que exaltaram a gloria e a vida daquelles cuja memoria ali reverenciavam de maneira tão commovedora.

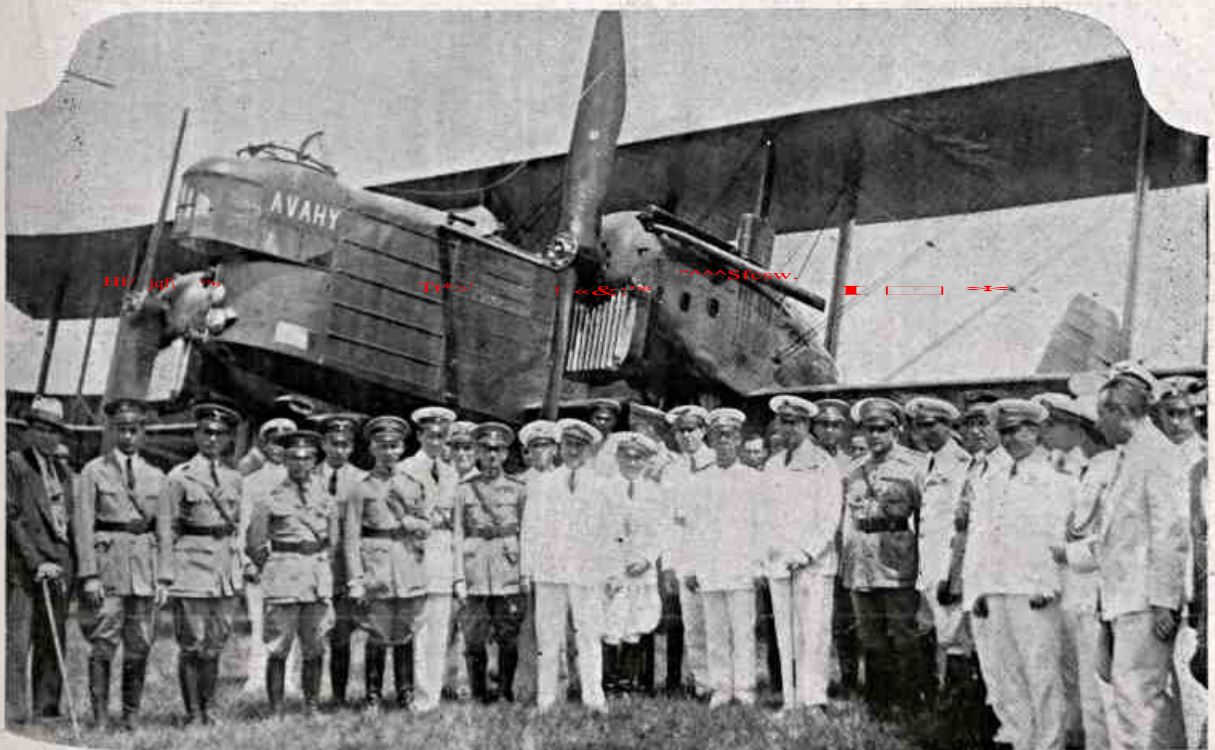
O chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, acompanhado de todos os ministros de Estado, recebeu, no Palácio do Cattete, a visita official que lhe fez, sexta-feira penultima, o general Italo Balbo, ministro da Aeronautica da Italia e commandante da esquadrilha aerea que vem de realizar o grande cruzeiro transoceânico.

Em acção de graças pelo feliz exito do cruzeiro aereo da Italia, celebrou-se na egreja de São Francisco, sexta-feira penultima, um solenne «Te-Deum», do qual foi oficiante o nuncio apostolico. Nas duas primeiras photographias desta pagina estão focalizados detalhes dessa cerimonia. Na photographia de baixo, apparecem as pessôas que tomaram parte no jantar intimo offerecido ao general Balbo, na embaixada da Italia pelo embaixador Vittorio Cerruti.

Acompanhado do embaixador Cerruti e de alguns officiaes brasileiros postos á sua disposição, o ministro Italo Balbo e os aviadores da sua esquadrilha estiveram, sexta-feira penultima, no palacio S. Joaquim, em visita ao cardeal d. Sebastião Leme, que os recebeu com as maiores demonstrações de sympathia pela Italia e seus gloriosos filhos.

FILIGRANAS

O communismo russo é um espantalho mysterioso. O mundo inteiro vibra de pavor ante essa ameaça que se acocora nos gelos da Moscovia, preparando um bote contra a civilização. E tem talvez razão, porque, como diz Pierre d'Aye, o bolschevismo é um phenomeno asiatico, que oppõe uma concepção nova, negadora de todas as crenças e tradições em que se alicerça a nossa força, á concepção da civilização sob cuja egide nascemos e vivemos.

O illustre ministro da Aeronautica da Italia e commandante da esquadrilha aérea que na semana passada chegou a esta capital tambem visitou, em seu gabinete, o general Leite de Castro, ministro da Guerra.

Na manhã de sexta-feira penultima, o general Italo Balbo, ministro da Aeronautica de sua grande patria e chefe da gloriosa esquadrilha aerea que vem de realizar, brilhantemente, uma das maiores provas da aviação mundial, passou revista, na praia do Russell, ás guarnições italianas da divisão de «scouts» que fez o cruzeiro do Atlantico, acompanhando o arrojado vôo transoceanico, bem como ao pessoal da esquadrilha sob o seu commando. A cerimonia, que se revestiu de tocante imponencia, teve a assistencia do embaixador Vittorio Cerruti, general Valle, commandantes Maddalena e Longo e varios outros officiaes italianos e brasileiros, sendo presenciada tambem, por grande massa popular e familias da nossa alta sociedade. Esta pagina focaliza os aspectos mais interessantes dessa revista militar, em que o general Italo Balbo leu uma bella e patriotica mensagem de louvor do primeiro ministro Mussolini, dirigida a todos os que tomaram parte ou cooperaram para o exito do formidavel e glorioso «raid».

O general Italo Balbo, em companhia de officiaes seus commandados da guarnição italiana que presentemente se acha no Rio de Janeiro, esteve, num dos ultimos dias da semana passada, em visita á base de Aviação Naval, na Ponta do Galeão. Recebidos por officiaes brasileiros e pelo almirante Protogenes Guimarães, os officiaes italianos percorreram pontos diversos daquella dependencia da Marinha de Guerra e tiveram occasião de ver o «Savoia-Marchetti», em que Ferrarin e Del Prete fizeram o famoso vôo Roma-Natal.

Em nome do governo brasileiro, o ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, offereceu, no palacio do Itamaraty, um banquete em honra do general Italo Balbo, ministro de Estado da Aeronautica da Italia, e de seus companheiros do cruzeiro aereo que terminou brilhantemente entre nós. Compareceram a esse agape de cordialidade italo-brasileira o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, e outras altas autoridades, além de figuras destacadas da colonia italiana.

O chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, passou revista, na tarde do ultimo sabbado, ás unidades da esquadrilha aerea do general Italo Balbo e á divisão de cruzadores auxiliares que acompanhou essa esquadrilha no seu cruzeiro transoceanico. A nossa pagina fixa detalhes bem expressivos dessa ceremonia, em que os gloriosos aviadores italianos receberam novas homenagens do governo e do povo brasileiros.

As photographias desta pagina fixam alguns flagrantes da revista que o chefe do governo provisorio do Brasil passou á divisão de cruzadores italianos e ás equipagens dos aviões presentemente ancorados na enseada de Botafogo. A mudez dos flagrantes não diz, no emtanto, nem de leve, o que foi aquelle acontecimento, levado a effeito na tarde luminosa do ultimo sabbado, e no qual a força dos laços que unem a Italia ao Brasil se mostrou claramente através as expressões do presidente Getulio Vargas e a cordialidade affectuosa dos officiaes italianos.

Com a presença do embaixador Vittorio Cerruti e do general Balbo e almirante Bucci, respectivamente, commandantes da esquadrilha aerea e da flotilha italiana, realizou-se, domingo pela manhã, a solennidade do lançamento da pedra fundamental da «Casa do Italiano», que será construida á avenida das Nações e terá como finalidade amparar os filhos da Italia residentes no Brasil. S. ex. revma. d. Sebastião Leme, lançou a benção da egreja sobre a primeira pedra do futuro edificio.

Por motivo da realização do cruzeiro aereo da Italia, cujo exito tanto encheu de jubilo a alma brasileira, o cav. Vittorio Cerruti, embaixador da terra de Mussolini no Brasil, offereceu, sabbado á noite, no palacio da rua das Laranjeiras, um banquete em honra do chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, e no qual tomaram parte, especialmente convidados, além de altas figuras da administração brasileira, o general Italo Balbo e demais officiaes italianos do «raid» Orbetello-Rio.

Muito expressiva, pelo seu cunho de festiva cordialidade, foi a visita que o general Balbo e os seus companheiros do «raid» Orbetello-Rio realizaram ao aerodromo militar do Campo dos Affonsos. Nessa occasião, teve execução um programma onde figuravam excellentes numeros, que muito agradaram aos presentes. Ahi estão varios aspectos photographicos da festa, inclusive um desfile aereo, e o general Balbo, que apparece, no medalhão, guiando um apparelho.

O general Italo Balbo ao lado do ministro da Guerra, general Leite de Castro e entre officiaes italianos e brasileiros, segunda-feira pela manhã, no Campo dos Affonsos.

FILIGRANAS

Um véu de mysterio cobre a Russia communista. Os livros que sobre ella se publicam por mais interessantes que sejam, sempre nos deixam uma impressão de parcialismo — contra ou a favor. E o espirito continúa a se interrogar sobre a verdade do que se passa no antigo imperio czarista.

As melhores revelações ainda são as que nos dão os proprios escriptores sovieticos, Platochkine, Jacobleff, Anna Karavaieff, Norikof Priboi, Tur, Laureneff, Panteleimon Romanoff, Yarga, Vsevolod Ivanoff e Sequiev Tzenski.

Alumnos da Escola de Aviação Militar, reunidos no Campo dos Affonsos, por occasião da visita, áquelle estabelecimento, do general Italo Balbo e seus companheiros da esquadrilha aerea italiana.

Os officiaes reformados do Exercito italiano, residentes entre nós e que foram, como o actual ministro da Aeronautica da Italia, combatentes da grande guerra, prestaram, segunda-feira á tarde, no parque da embaixada da rua das Laranjeiras, uma tocante homenagem ao general Italo Balbo e demais aviadores que realizaram o «raid» Italia-Brasil, aos quaes offereceram medalhas commemorativas desse feito glorioso das azas italianas.

FILIGRANAS

Ha muitos annos *Fon-Fon* publica esta secção de notinhas soltas com o titulo geral de *Filigranas*, que succedeu ao não menos conhecido de *Garatujas*. O autor continua o mesmo e não precisamos dizer quem seja, pois desde uns quinze annos escreve nestas paginas e, como dizia Buffon, o estylo é o homem... Que a secção é apreciada e apreciavel não resta duvida, tanto assim que, no seu ultimo numero, o interessante collega *Beira Mar* publica uma de nossas filigranas, sem marca de procedencia, com a epigraphe *Petalas*. E' justo transcrever o que é nosso e mudar-lhe o nome?

Na séde da sociedade italiana «Dopo Lavoro» realizou-se, segunda-feira á noite, uma brilhante festa, em honra do general Balbo e demais aviadores da esquadrilha aerea, commandada pelo ministro da Aeronautica da Italia.

Balcão Florido

LETRAS FEMININAS

NEL MEZZO DEL CAMIN...

VOCÊ veiu para mim, minha filha, com todo o inquietador deslumbramento de sua alma e de seu coração de mulher-creança, com todo o seu pequenino e bizarro ser de borboleta estonteada pelo fulgor mesmo de suas azas luminosas.

Para que? Por que?

Destino?... Fatalidade?...

Talvez, não. Talvez simples ingenuidade de creança, se não simples curiosidade de mulher...

Talvez não. Talvez você não voltou e não mais trouxe ao meu balcão solitario a festa colorida de suas azas irisadas, nem a fragrancia fresca de sua alma de creança, nem o rythmo crystalino de sua voz *bégayant*, tão grato... sim... tão grato ao meu sentimento, á minha emoção, ás ansias de meu espirito e aos clamores mais profundos, mas sem éco, do meu coração...

Você veio, porem não voltou. E talvez não retorne mais, nunca mais...

Meus olhos encheram-se de deslumbramento e todo o meu ser vibrou, enternecido, sacudido pela fascinação do seu apparecimento.

Porque você veio para mim, para o ambiente outomnal da minha vida, com o esplendente fascinio de uma estranha e bizarra floração de primavera...

As folhas amarellecidas do meu outomno cahiam, porem, cahiam e bailavam, no ar, o bailado inquieto da sua melancolia e da sua saudade.

Você, certo, as viu e, certo, logo comprehendeu que não deveriam ser para mim as braçadas de flores que coroavam todo o seu vulto, pequenino e distante, e que, a sorrir e a brincar, veio para mim com a doçura de uma esperança, que mal vislumbrei, para logo sentir todo o amargo desespero da desillusão.

Foi, talvez, melhor assim.

Que importa que eu tanto acariciasse o sonho de ter ainda, um dia, a meu lado, a encher de alegria e de paz a inquietação do meu outomno, uma mulher-creança, como você — uma mulher que fosse um tanto minha filha, e que, com o seu continuo *bégaiement*, fizesse a festa — a ultima festa e a ultima exaltação emocional do meu coração?

Foi bom que você não viesse mais...

Lá fóra tudo se vela da tristeza que nada, angustiada, nos meus olhos.

Tenho saudade, tanta saudade de você, minha filha...

HELIANTHO

A doutora Ernesta von Weber, autora de um excellente livro sobre o nosso paiz, victoriosamente recebido pela critica nacional, está em via de publicar a segunda edição de sua bella obra. «O Brasil que eu vi» é o titulo desse brilhante livro, onde o espirito observador da sua talentosa autora em cada pagina revela a aguda intelligencia e o transbordante enthusiasmo, que pela nossa terra alimenta a illustre escriptora. Esta segunda edição d'«O Brasil que eu vi» traduz o victorioso acolhimento literario que mereceu a joven e scintillante escriptora.

TREPAÇÕES

PODEMOS garantir que *madame*, agora, não sahirá mais á rua sem a companhia do marido.

Madame tinha uma amiguinha do peito, com a qual frequentava as casas de chás, os cinemas... Mas essa foi collocada á margem depois de um celebre passeio ao outro lado da bahia, por causa do calor...

Quando *madame* regressou da bella excursão, encontrou em casa o marido, como uma *féra!*

Não houve explicação possivel; elle recusou qualquer e declarou que a esposa podia despedir a amiga para sempre.

Madame, dotada de intelligencia viva, conhecendo o genio do esposo, comprehendeu perfeitamente a situação e não teve duvida em romper com a amiga, guardando o maridinho, prenda preciosa nos tempos actuaes...

E, fingindo-se muito contente da vida, passa os dias inteiros ao piano, cantando, saudosa dos dias que passaram e que não voltam mais...

A amiguinha, que tem um marido menos *desconfiado*, está tratando de arranjar outra companheira, pois, como diz, não fica bem a uma senhora séria andar só pelas ruas da cidade...

Está conferido.

O nosso amigo, apesar de casado, é um dos grandes marotos frequentadores dos banhos de Copacabana.

Pelas manhãs de sol, lá está elle, deitado na areia fulva, contemplando o mar...

Mas, o interessante é que raramente se faz acompanhar da esposa, ficando, assim, na posse plena dos seus movimentos, podendo olhar para a esquerda e para a direita...

Vae dahi, a serie de maroteiras que tem praticado ao ar livre da praia.

Existe mesmo certo *maillot* que lhe faz companhia, seguidamente, sob a protecção discréta de um vasto guarda sol.

Quando estão juntos, perdem a cerimonia e não cuidam dos vizinhos curiosos...

O outro dia, entretanto, o caldo quasi foi entornado...

Um guarda, de surpresa, surgiu junto ao guarda sol e convidou o casal a comparecer perante o delegado.

O nosso amigo quasi perdeu a calma e a companheira esteve a ponto de desmaiar.

Por fim, depois de longas explicações, o guarda, *commovido*, cedeu aos rogos da linda creatura de olhos de fogo...

E, passado o susto, ambos partiram, céleres, para casa, vociferando contra a impertinente policia de costumes, que resolveu acabar com o encanto das praias...

O GRANDE COMICO

Este é o nosso Procopio Ferreira. Não ha nisso, porém, nenhuma novidade. Quem não conhece o illustre actor brasileiro? A novidade que temos a registrar é que elle acaba de regressar da sua longa «tournée» ao norte do paiz. Procopio Ferreira, que fez um estrondoso successo nos Estados nordestinos, reappareceu no Trianon. Querido pelo nosso publico, que o admira e applaude com enthusiasmo, continúa a ser aquelle mesmo comico irresistivel cuja «verve» constitúe a delicia dos frequentadores do elegante theatro da Avenida. E nisso ninguem o supéra. Motivo por que o seu reapparecimento á fina platéa do Trianon ha de causar a maior alegria aos seus admiradores. Procopio iniciou a sua nova temporada, nesta capital, quarta-feira ultima, com a hilariante comedia de Nicoláu Foller «O Rei do Petroleo», que está arrebatando o seu grande publico.

MADAME foi uma revolucionaria rubra.

Quando as primeiras tropas victoriosas cruzaram as ruas da nossa capital, festejando a queda do governo passado, *madame* delirou, sacudindo o seu enthusiasmo num automovel aberto, para que todos vissem a sua alegria pela Republica Nova.

Madame discutia, combatia, não admittindo que alguem pensasse de modo differente, chegando mesmo a romper com uma das melhores relações, velhos amigos da familia.

Passados, porém, os primeiros dias do novo regimen, houve uma brusca mudança no modo de sentir da illustre dama.

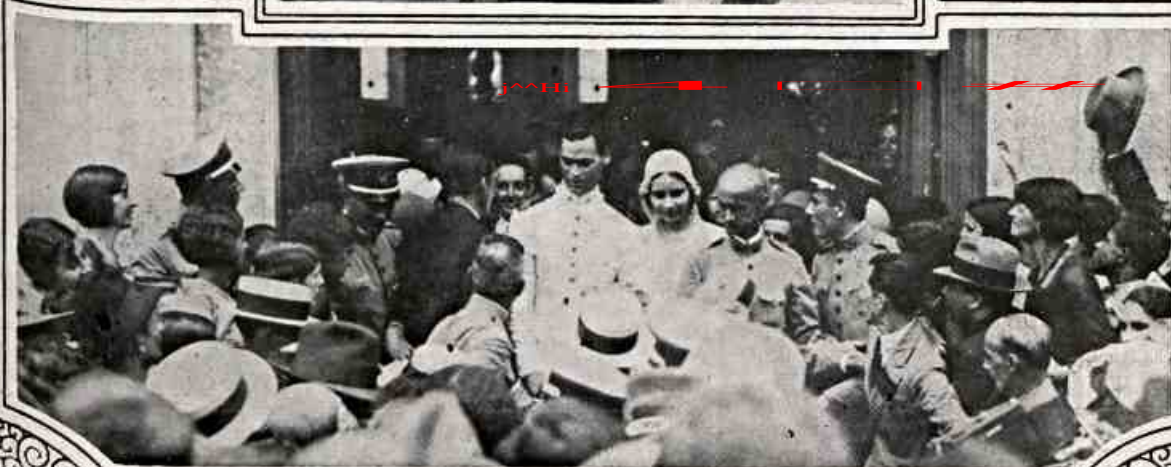
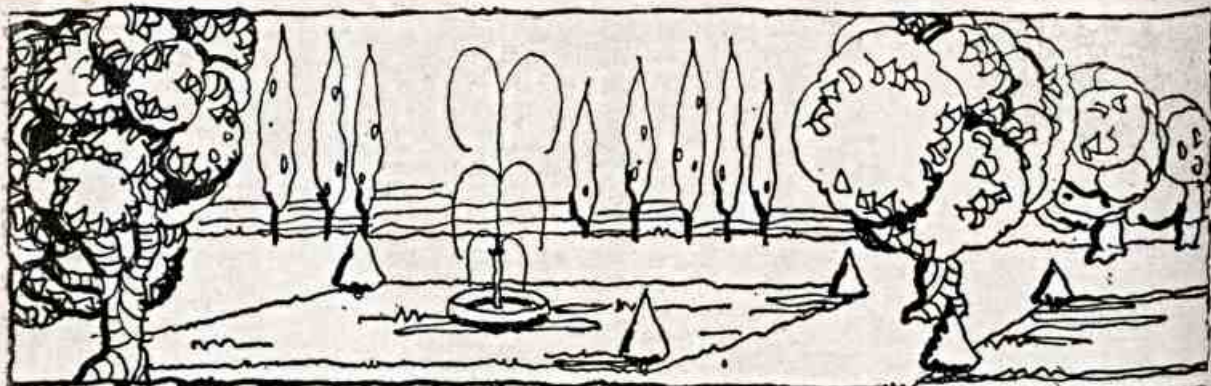
Ella deixou de ser revolucionaria rubra, transformando-se completamente.

Agora, declara-se revoltada com a situação, desillludida com a marcha dos acontecimentos, chegando a confessar que tem saudade do passado...

E tudo isto porque o marido, especie de cabide de empregos, teve de largar varios *bicos*, ficando reduzido nos vencimentos, que são insufficientes para manter o luxo a que se habituára *madame*.

Agora, as modas são outras...

Enlace Nair - Juarez Tavora

A nota social de mais intensa repercussão destes ultimos dias foi o enlace nupcial da senhorita Nair Belisario Tavora com o capitão Juarez do Nascimento Fernandes Tavora, realizado quarta-feira penultima, nesta capital. E [illegible] mundano desse acontecimento [illegible] prestigio do nome dos noivos, figuras de grande conceito em nossa «élite», pelo destaque de sua illustre familia e ainda pela posição do capitão Juarez [illegible] na actualidade politica brasileira, da qual é um dos «leaders» mais autorizados. Na residencia do dr. Belisario Tavora, pae da noiva, effectuou-se a ceremonia civil, tendo sido celebrada a religiosa na matriz de S. Francisco Xavier. S. ex. revma. d. Carloto Tavora, tio dos noivos, deu a benção nupcial a seus jovens sobrinhos. A gravura desta pagina fixa tres aspectos do enlace do illustre general revolucionario, todos elles tomados na matriz de S. Francisco Xavier, onde se viam o chefe do governo provisorio e todos os ministros de Estado.

O amor na Russia

Logo que se apoderaram da Russia, os soviets declararam guerra ao pudor, considerando-o uma sobrevivencia dos preconceitos da burguezia. Por todo o vasto imperio dos czares mortos, fundaram-se ligas contra o pudor. Segundo contam alguns escriptores e jornalistas que visitaram o paiz de Lénine, enxameavam até pelas ruas das cidades os puros defensores do in naturalibus, nús como as estatuas ou, quando muito, levando uma tanga diminuta. Dahi veiu o habito dos banhos sem roupa nos balnearios do rio Moskowa, junto aos muros historicos do Kremlim. Henri Béraud, que esteve na capital sovietica em 1925, conta que assistiu a um desses espectaculos. Alli, as pessôas se banhavam núas, absolutamente núas, diz elle: "...les hommes à gauche, les femmes à droite. Au point central, sur une barque, il y a un sergent de ville que, par manière de plaisanterie, les nageurs jettent à l'eau de temps en temps." Não sómente no balneario de Pokrowski se via isso. Béraud accrescenta: "Tout l'été, l'on voit des gens sans préjugés et sans caleçons faire la brasse dans la Moskowa." Em 1927, dois annos depois, a coisa continuava. Alfred Fabre Luce, de volta de Moscou, descreveu essa grand fête de la chair dans l'eau achando até que toute laideur, tout désir disparaissent dans l'innocence heureuse des ébats...

Aliás, parece que isso provem do facto dos soviets entenderem que o amor é a mais alta e completa forma da liberdade e de haverem por isso resolvido não contrarial-o. Já em 1918, no tempo do communismo rubro, conta o diplomata dinamarquez Henning Kehler que, na inauguração dum jardim, o commissario bolchevista da cidade de Simbirsk assim se exprimiu: "Este jardim servirá aos interesses do povo, auxiliará a prosperidade das artes e fomentará o livre desenvolvimento do amor."

Emquanto isso, o governo de Mussolini promulga leis draconianas sobre o pudor e a nossa policia decreta posturas rigorosas para os banhistas e os pares amorosos dos logradouros publicos.

Aconselhamos, pois, a quem for do amor, conforme se diz na gyria, pedir seus passaportes para a Russia. Aquillo lá é que é bom...

BACHARÉIS DE 1930

O dr. Alvaro Ramos Nogueira Junior é bacharel da turma de 1930 da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Alli fez um curso brilhante e largo circulo de relações entre os seus collegas, que sempre lhe admiraram as qualidades de intelligencia e os predicados do coração. Por isso mesmo, Alvaro Ramos deixou muitas saudades na Faculdade de onde sahiu bacharel.

O dr. Aurelio Marinho de Albuquerque pertence á turma do anno passado, da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Fez um brilhante curso, e, agora, teve a sua intelligencia premiada com a nomeação para o cargo de promotor publico no Estado do Espirito Santo.

Tambem pertence á turma de 1930 da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro o bacharel Carlos Lourenço Jorge, que deixou um nome estimado naquelle estabelecimento.

CULTUANDO A MEMORIA DE UM HERÓE

O major Joaquim Tavora, que tombou em São Paulo, em 1924, quando ali combatia pelos ideaes a cuja victoria não chegou a assistir, tem sido lembrado, nesta hora de vibração patriotica, com a saudade e as homenagens que a sua grande memória nunca deixou de inspirar ao civismo brasileiro. Ainda agora, a figura nobre desse bravo cearense acaba de ser mais uma vez reverenciada. Amigos e admiradores de Joaquim Tavora deliberaram, num movimento espontaneo e expressivo, obter dos poderes competentes que a antiga estação de «Estrella», no Estado do Rio, passasse a ter o nome daquelle heróe da revolução de 24. No penultimo domingo, com a presença de autoridades locaes e muitas outras pessoas gradas, realizou-se a inauguração official das novas placas daquella estação. Essa solennidade foi uma verdadeira consagração popular á memoria de Joaquim Tavora. Varios oradores, entre elles, o coronel Sotero de Menezes e os srs. Waldemar Figueirôa, Emilio de Barros e Carlos Corrêa, exaltaram commovidamente a figura serena do glorioso irmão de Juarez Tavora, evocando passagens tocantes da sua vida de patriota e de soldado. Alguns representantes da familia Tavora assistiram á cerimonia. Tambem se achava presente o dr. Belisario Tavora, illustre tio do saudoso homenageado, e que, em nome de todos os parentes de Joaquim Tavora, agradeceu, emocionado, aquella homenagem a tão querida memoria, digna, por todos os titulos, de ser cultuada com o maior carinho.

* * *

A nossa pagina focaliza dois detalhes da solennidade publica da antiga estação de «Estrella», e Joaquim Tavora no seu ultimo retrato, tirado pouco antes de sua morte heróica.

O dia do padroeiro da cidade

O interventor do Districto Federal, dr. Adolpho Bergamini, auscultando o espirito altamente catholico do povo carioca, fez questão de dar um caracter inteiramente novo ás tradicionaes homenagens que a cidade do Rio de Janeiro, annualmente, rende ao seu padroeiro, São Sebastião. Para isso, fez revestir de um cunho, a um tempo popular e mystico, a cerimonia do descerramento da imagem do Santo Martyr, solennemente realizada no domingo passado, no palacio da Prefeitura. Desse acontecimento são os flagrantes que illustram esta pagina e nos quaes se vêem, entre membros da ordem dos Capuchinhos, convidados e representantes de associações catholicas, s. ex. revma. o cardeal d. Sebastião Leme, o dr. Adolpho Bergamini e monsenhor Rosalvo Costa Rego, vigario geral da Archidiocese do Rio de Janeiro.

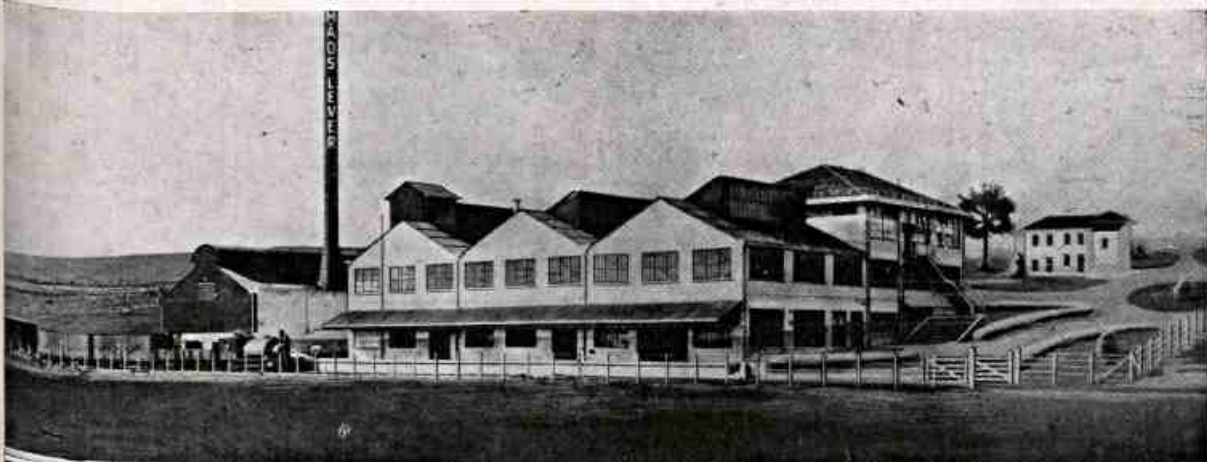
DEZEMBRO

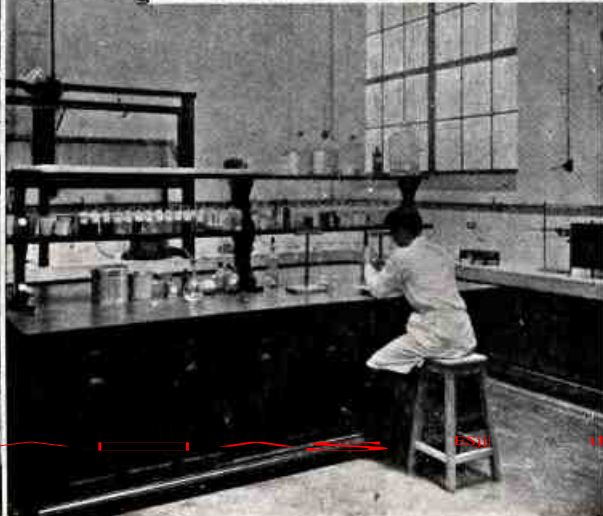
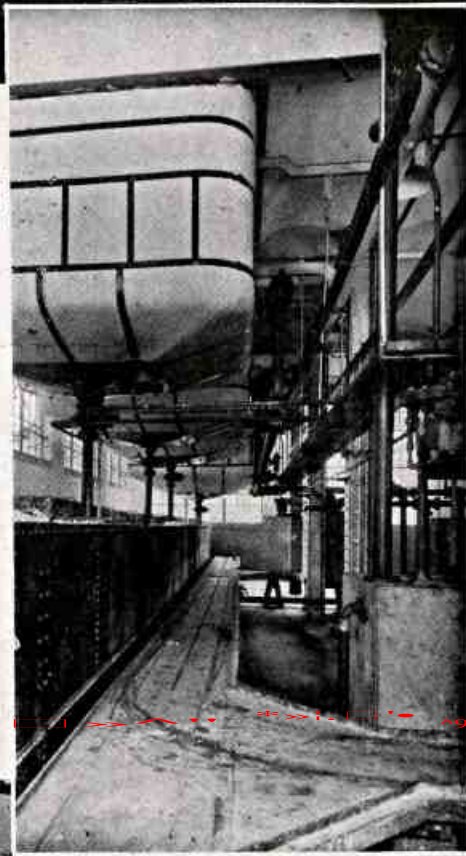
Dezembro. Eu me recordo. E, recordando,
Vem-me a saudade — esse amargor bemvindo —
Trazer um sonho divinal, bailando
Em cada evocação que vae surgindo.

Eis, Dezembro — não me esqueço — quando
Pela primeira vez a vi, sorrindo:
Quanta vez já me viu quasi chorando
Por sua causa, esse anjo esquivo e lindo!...

Dezembro é o mez festivo, é o mez divino
Em que nasceu Jesus, o Deus — Menino
— Suprema Redempção de quem peccou.

No emtanto, para mim, foi em dezembro
Num dia de Natal — ainda me lembro —
Que, sem piedade, ella me condemnou...

J. VENTURA MARTINS

Será inaugurada no proximo dia 26 do corrente, em São Paulo, a grande fabrica de sabão que a firma Irmãos Lever acaba de montar naquella capital, contribuindo, assim, de maneira louvável, para o progresso industrial do Brasil. Trata-se de um emprehendimento de notavel relevancia nesta hora em que o nosso paiz entra numa nova phase de reconstrucção politica.

A nossa pagina focaliza aspectos das grandiosas installações da fabrica de sabão dos Irmãos Lever. Em cima, vista geral do estabelecimento. No centro: á esquerda, sala de resfriadores; á direita, uma das baterias de tacho. Em baixo: á esquerda, machina seccadora; á direita, o laboratorio da fabrica, cujo controle garante a pureza de todos os productos Lever.

Quando as rosas florescem...

Quando as rosas florescem, erra um perfume,
Que lembra o teu amôr tão cheio de luar...
Tão macio era o teu beijo,
Que eu nem desejo
Recordar...

Quando as rosas florescem... Tenho ciúme
Das rosas! De ti, tenho saudade!
E ha tanto amôr, que me procura,
Tanto, porém nenhum tem a doçura
Da tua simplicidade...

E a Primavera volta, e passa a Primavera...
Só tu não voltas! Por quê? Não sei!
Olha o caminho: é lindo! lindo!
E é todo luz o claro-azul da esphera
Pompeando em teu louvor!...

Ainda te amo com o mesmo ardôr com que te amei:
— Um grande amôr nunca tem fim...
O coração te está sentindo
Nas pulchras rosas que se vão abrindo...
Vem! Eu só desejo o teu amôr,
E ha tanto amôr perto de mim...

Quando as rosas florescem no pomar,
Eu me lembro de ti, e me ponho a pensar
No que me segredaste á despedida:
— "Eu voltarei, ó flôr de minha vida,
Quando as rosas florescerem no pomar!..."

E floresceram as rosas..., e tudo ha renovado!
Só tu, meu lirio amado,
É triste,
Partiste
Para nunca mais voltar!

Notas de arte

OSCAR D'ALVA

ACADEMIA BRASILEIRA DE MUSICA — Foi um bello vesperal de arte o 23º concerto da A. B. M., realizado no ultimo sabbado, em o I. N. M. e onde se ouviram, além de alguns *extras*: *Quartetto*, em *lá*, de Borodine — pelos Prof. Chiaffitelli (1º violino), Carlos de Almeida (2º violino), Orlando Frederico (viola) e Iberê Gomes Grosso (violoncello); *Andantino*, de Martini, *Le coucou*, de Claude Daquin, *Marcha Turca*, de Beethoven — Auer — pelo violinista prof. Chiaffitelli; *Estudo*, de H. Oswald, *Alma Brasileira*, de Villa Lobos *Poloneza*, op. 44, de Chopin — pela pianista, srta. Cecilia Dolores de Vasconcellos; *Chanson du papillon*, de Campra, *Green*, de Debussy e *Polo*, de Falla, pela cantora srta. Alicinha Ricardo.

O *Quartetto*, se nem sempre nos deu a impressão de homogeneidade, nem por isso deixou de agradar, principalmente no *Scherzo* e no *Andante*.

O prof. Chiaffitelli, com a sua reconhecida competencia technica, executou, com applausos geraes, todos os numeros, sobresahindo mais particularmente em *Le coucou* e no minuetto que tocou em extra.

A srta. Cecilia de Vasconcellos — que ouvimos pela primeira vez — mostrou bellos dotes de bravura; impressionou mais vivamente na *Alma Brasileira* e na *Poloneza*. Revelou a interpretação de ambas que a joven pianista toca o que sabe e sabe o que toca.

Finalmente, a srta. Alicinha Ricardo encheu a sala com a belleza da sua voz pura e delicada, que a cultura aprimorou, fazendo-a precioso instrumento de encantadores e difficeis poemetos sonoros. Comprehendeu-o o auditorio, que não cessou de applaudir e de pedir mais e mais *extras*, que a joven artista satisfez com belleza e galhardia.

Para o exito da graciosa cantora, muito concorreu o prof. Souza Lima, que a acompanhou ao piano.

Apesar da hora e do calor, estava cheia a sala do Instituto. E ninguem se arrependeu de lá ter ido, porque todos os concertistas porfiaram em se mostrar dignos dos applausos com que os saudaram.

E' de louvar-se mais essa tentativa de incrementar o gosto pela bôa musica, através de instrumentistas e cantores brasileiros. O concerto da A. B. M. veio mostrar mais uma vez que o Brasil possue elementos de escol para figurar entre os paizes que mais cultivam e cultuam a arte dos sons.

Aurora Bruzon, a grande pequena pianista brasileira, que, ha meia duzia de annos, quando tinha apenas nove, deslumbrou o auditorio do I. N. M. executando, com individualidade excepcional para a sua idade, a sonata «Aurora», de Beethoven. A nossa joven e illustre patricia, que foi discipula do prof. João Nunes, é hoje alvo da admiração do publico e da critica da Allemanha, onde fez estudos de aperfeiçoamento e tem realizado concertos de grande successo.

Berta Singenman e Ilde Pirovano, numa scena de «Rosas de todo o anno», de Julio Dantas, a ser levada na proxima temporada do Theatro de Camera, creado por Berta Singerman, e que estreará no Lyrico, em fevereiro proximo.

Taboletas...

De ASTAROTH

QUEM se dér ao trabalho de prestar attenção ás taboletas que se ostentam nas ruas da nossa cidade, terá occasião de verificar que ellas são quasi sempre mal adequadas aos ramos de negocio; quasi todas são escriptas em portuguez cassange e muitas são deliciosamente humoristicas.

Por favor não nos venham dizer que isso se encontra em toda parte do mundo, nas capitaes mais adeantadas, nas cidades mais civilizadas.

Muito felizes seriamos si pudessemos affirmar que, de facto, isso se vê em todo o mundo, menos no Rio de Janeiro.

Somos daquelles que acham que o amor pelo seu paiz, o patriotismo são não é sómente aquelle que limita os deveres do cidadão a derramar o seu sangue na guerra, tirar o chapéo quando passam as bandeiras e ao som do hymno nacional, e votar em eleições.

Achamos mesmo que o zêlo pela nossa fama de civilização e pelo bom nome do nosso paiz indica muito maior grão de patriotismo.

Não nos importa, absolutamente, saber que em Paris ha taboletas como a do "Rat mort" e do "Chat que miaule", nem que em Londres, Berlim, Vienna, Nova-York e Buenos-Aires haja outras de igual ou peor quilate.

Desejariamos que o Rio não pudesse igualar-se nesse ponto ás lindas cidades que acima citamos.

Não falaremos, aqui, das taboletas escriptas em máu portuguez; essa lingua é tão difficil, que para se poder criticar os erros della é necessario que o individuo a estude cincoenta annos a fio, para então, cautelosamente, fazer uma criticazinha modesta.

Falaremos apenas das humoristicas.

Ha, em um ponto da cidade, um salão de barbeiro em cuja taboleta o Figaro fez escrever: "Salão das Novidades".

Para quem conhece um salão de barbeiro por dentro, esse titulo é enormemente expressivo; parece mesmo que o seu dono é um homem amigo da verdade.

Não ha quem ignore que todo e qualquer salão de barbeiro, seja elle de primeira ordem ou de ultima classe, é um salão de novidades.

Sentados na cadeira de supplicios, soffremos os mais minuciosos inqueritos sobre a nossa vida publica e privada e, em troca, obtemos informações detalhadas da vida dos demais freguezes, ordinariamente condimentadas com a critica arrazoada ou não do Figaro.

Assim, essa taboleta é, na nossa opinião, um monumento de humorismo.

Os botequins, explorando, entre cafés e bebidas, o alto-falante e o "foot-ball", crearam a novidade da tabella de jogos do campeonato da cidade.

Os *torcedores* do famoso sport bretão, emquanto aguardam o resultado das pugnas, vão esvaziando as garrafas de cerveja e os calices de cachaça do botiquineiro, que bemdiz a hora em que o "foot-ball" entrou no Brasil.

A tabella dos jogos é exposta em logar visivel, bem á frente, como um chamariz, ás vezes em uma taboleta propria, decente, compativel com a seriedade da casa; outras vezes, é o resultado escripto, a gesso, no espelho, em letras garrafaes.

Foi assim que vimos, em um domingo á noite, ao passar deante de um botequim dentro do qual uma turba enorme discutia, uma tabella onde havia os seguintes nomes de clubs assim:

Falmengo — Basco.

Fulminensio — Andrahy.

S. Christuvo — Cirio.

Dos dez nomes que havia na tabella, seis estavam errados!

A' porta de uma casa de aves, vimos uma taboleta annunciando o preço das aves e entre os nomes dellas vimos uma especie que não conhecemos e que o nosso diccionario tambem não definiu: *Gallaróte.*

Em um restaurante que se dá ao luxo de annunciar o prato especial do dia em uma taboleta necra, vimos a seguinte moxinifada: "Pulé ô petis-poá".

O francez recem-chegado, que por acaso lêsse essa taboleta, havia de achar a lingua portugueza bem parecida com a sua...

E, por falarmos em taboletas, aproveitaremos a occasião para lembrar as taboletas dos nossos bondes.

Até pouco tempo, os bondes que trafegam para a parte norte da cidade mudavam as taboletas, trazendo ellas a parte da cidade para a qual se dirigiam. Assim, todo o mundo sabia que um bonde cuja taboleta indicava "Barcas" não ia para a Tijuca ou vice-versa. Hoje, não; o estrangeiro ou o brasileiro de outras cidades pódem muitas vezes tomar um bonde cuja taboleta é "Tijuca" e baterem nas Barcas.

Esse systema poderá trazer á Light a poupança das suas taboletas em tambores; poderá tambem poupar o tempo aos seus empregados, mas não corresponde, absolutamente, á commodidade dos passageiros, que são obrigados a lêr o destino dos carros em duas taboletas, uma grande e outra pequena.

Durante o dia, os dizeres da taboleta pequena são legiveis a pequenas distancias; á noite, porém, tornam-se illegiveis e cada um de nós tem o dever de, para não se enganar, decorar, como qualquer fiscal da Light, não só os pontos terminaes, mas tambem o itinerario das innumeras linhas de carris.

As taboletas dos auto-omnibus são mais logicas; indicam os dois pontos extremos da linha e, por meio de um numero, o destino que levam no momento.

Sabendo-se que o n. 1 indica o centro da cidade, ninguem se enganará ao tomar um omnibus.

Si a Light tem pena de gastar os rodizios, engrenagens e tambores das taboletas dos seus carros, que adopte os numeros usados nos omnibus, para os bondes, a exemplo do que se faz em S. Paulo e em outros lugares.

Poderia tambem adoptar nos carros das Aguas Ferreas a substituição da taboleta "E. F. Corcovado", em lugar de "Corcovado Ry", fórma muito ingleza e pouco pratica, porque, embora muita gente saiba que "railway" quer dizer estrada de ferro, nem todos sabem que "Ry" quer dizer "railway".

Emfim, si não botarmos côbro aos disparates das taboletas do Rio de Janeiro, acabaremos por acceitar como verdade a conhecida anecdota do "Café Boi nos aires"...

— Já estiveste alguma vez de accordo com tua mulher?

— Uma unica vez. A casa onde morávamos começou a pegar fogo, e nós dois tivemos o mesmo desejo: chegar em primeiro logar á porta da rua...

*

Conversa de noivos.

— Gostas muito de mim?

— Loucamente.

— Então, serias capaz de matar-te, si eu morresse?

— Não. Prefiro ficar chorando-te a vida inteira.

*

O medico. — Como passou a noite a doente?

O marido. — Mal, doutor. Muito mal. Falou bem de todos.

*

Um antiquário que costumava viajar pelo interior do Ceará, afim de adquirir objectos para a sua collecção, chegou, certa vez, á fazenda de um velho sertanejo, e ali ficou deslumbrado deante de uma preciosa tijella azul, de rara porcelana, na qual um gato bebia leite. Com o intuito de afastar qualquer suspeita do fazendeiro relativamente ao seu interesse pela tijella, cujo valor desde logo aquilatou com o seu golpe de vista profissional, o antiquário disse:

— Que bonito gato tem o senhor, coronel!

— E' verdade. Um formoso animal — respondeu o sertanejo.

— Quer vender-mo? — insistiu o forasteiro?

— Podemos entrar em negocio. Quanto me dá por elle?

— Vinte mil réis.

O velho fazendeiro coçou a orelha, pachorrentamente, cofiou a longa barba patriarchal e, fingindo reflectir sobre a offerta, permaneceu um momento em silencio. Em seguida, resolvido, respondeu:

— Está fechado.

O antiquário passou-lhe uma nota nova de vinte mil réis. Recebeu o gato e despediu-se do fazendeiro. Mas, chegando ao terreiro, voltou-se para o velho, e disse:

— O pobre animalzinho, certamente, terá sêde no caminho, e eu não disponho de uma vazilha onde dar-lhe de beber. Posso levar a tijella?

— Ah! — respondeu, tranquillamente, o lavrador. — Infelizmente não é possivel. Por causa dessa tijella, eu já vendi trinta gatos...

*

— Teus paes já deram o consentimento para o nosso enlace?

— Ainda não. Papae não deu resposta, e mamãe está á espera de que elle se manifeste, para resolver o contrario...

*

O banqueiro Walter está gravemente enfermo. Sua esposa chama o medico, e este, tomando a temperatura ao doente, exclama:

— Elle tem febre, minha senhora. Febre que oscilla entre 38 e 39.

Então, o banqueiro, delirando, diz:

— A quarenta, póde vender!

*

O empregado dirige-se ao gabinete do patrão e fala-lhe:

— Desejava falar ao senhor um momento.

— Não tenho tempo a perder.

— E' que... eu... queria pedir-lhe... a mão de sua filha.

— Ora! Por que não o disse antes?! Concedo-a! Concedo-a!...
Julguei que pretendia augmento de ordenado...

*

Na delegacia.

A victima. — Senhor commissario: o guarda me vibrou uma bofetada.

O guarda. — Não é verdade!

A victima. — E', senhor commissario!

O guarda. — Repito-lhe que não é verdade. Mas, si insiste, dar-lhe-ei outra!

*

O casal está no jardim publico, espairecendo.

— Ando tão aborrecido — diz o marido — que nada me distráe. Queria ler alguma coisa que me commovesse, que me excitasse...

— Quando chegarmos em casa — responde a esposa — te darei a conta da modista, que recebi esta tarde...

*

— Ha muita differença entre você e eu. Você é um tratante, um canalha, e eu sou um homem de bem!

— Pois não vejo a differença.

— Vae vêl-a perante a justiça.

— Ah, muito menos. Não sabe que, deante da lei, somos todos iguaes?

*

Um viajante, chegando a um hotel de Juiz de Fóra, deixou á entrada seu guarda-chuva com um cartão, no qual escreveu estas palavras:

"Este guarda-chuva pertence a um homem que é capaz de dar uma bofetada com uma força de cento e cincoenta kilos, e que voltará dentro de dez minutos."

Ao regressar, para apanhar o guarda-chuva, encontrou, no logar deste, apenas um cartão, com os seguintes dizeres:

"Este cartão pertence a um homem que póde andar dez milhas por hora, e que não voltará nem dentro de dez annos."

*

— Estou desesperado! Imagina que tenho de supportar em casa, dois ou tres dias na semana, minha sogra! Tu é que és um homem feliz, pois tens a sogra longe de ti!

— Sim. Mas, minha sorte não é completa. Duas vezes ao anno ella nos visita.

*

Depois da festa.

O marido. — Parece que os convidados sahiram todos contentes.

A mulher. — Diabo! Teremos que contar a louça!

*

— E' você o primeiro homem a quem dou permissão para beijar-me...

— Obrigado, querida!

— Os outros sempre me beijaram sem permissão...

DEPOIS de formado na Escola de Medicina da Bahia, vae o doutor Vicente a Paris, afim de praticar nos hospitaes, continuar os estudos scientificos; e lá conhece dois eminentes mestres da sciencia, dos quaes se torna amigo: Bizet e M. Toussau.

Volta ao Brasil, monta uma casa de saúde em sua cidade natal, no Estado do Rio Grande do Sul, prospéra nos estudos; e, após alguns annos, vae novamente o doutor Vicente á França. Na cidade luz, encontra-se com M. Bizet em certo hospital. Acha-o bem disposto, abraça-o, conversam ambos acêrca da sciencia medica, e remata o doutor Vicente, perguntando por M. Toussau.

M. Bizet não sabe informar com segurança. Não o vê, ha muito tempo. Parece-lhe até que morrêra o collega... Morrêra, sim. Estava já muito velhinho. Tinha idade de lhe ser o pae. Todavia, como não tem bastante certeza, consulta o assistente.

Este, para lhe ser agradavel ou por não querer preoccupar-se com coisas fóra do seu interesse, responde parecer-lhe que sim: si lhe não falha a memoria, lêra a noticia do fallecimento de M. Toussau... Sim: fallecêra de facto; tem disso certeza.

Commove-se o doutor Vicente com a triste nova. Pobre do mestre e amigo! Tinha immenso desejo de o ver, de o abraçar. Fôra o amigo de quem primeiro se lembrára, quando puzéra os pés em terras parisienses; entanto, os seus olhos já não teriam a alegria de o rever, nem os braços a de o estreitarem.

E assim é a vida! Nem tudo se realiza de accordo com os desejos de cada um.

*

Muitas vezes passa o doutor Vicente pela porta do edificio, onde, num apartamento, residira, ha annos, o velho mestre; e outras tantas vezes tem desejo de averiguar para saber o certo, saber si de facto não existe elle... E', porém, tolice sua, é perder tempo: o assistente informára com certeza plena; não tivéra duvida alguma acêrca do fallecimento...

Perguntar mais o que e a quem?

Muitas vezes passa pela porta do edificio e a modo uma voz intima lhe ordena: "Vae ver si o teu amigo ainda vive, toma o elevador, sobe, avante!"

E vezes tantas a voz intima o incita a isso, que, em determinado

POR

HORMINO LYRA

...mento entra no edificio, vae á portaria e fala á mulher, zeladora e porteira do mesmo.

— Bons dias!

— Bons dias!

— Conhece M. Toussau?

— Sim, conheço-o. E' um bom homem...

— E um bom medico...

— Que não se engana nunca.

— Ainda móra elle aqui?

— Sim, e no mesmo apartamento.

— Então, é empregada daqui, ha muitos annos? Agora me veio certa reminiscencia... Como que a reconheço...

— Só pode conhecer-me daqui mesmo... Desde que este edificio foi construido, para aqui vim e conservo-me no mesmo emprego.

— O edificio ainda é bem novo...

— Obrigada. Para não dizer que já sou bem velha!...

— Posso affirmar-lhe que, ao passar pelas ruas, ainda arrasta ciliares...

— Obrigada. E muito gentil!

— Nem por isso! Porem é mesmo M. Toussau quem ainda móra aqui? Era elle já muito idoso, quando o conheci...

— E' elle proprio. Devo dizer-lhe que tem já muita idade.

Sorri o doutor Vicente, agradece os informes e sobe. Quando bate á porta do apartamento, é o proprio M. Toussau quem lha vem abrir.

Reconhece immediatamente o collega brasileiro, cuja presença muito o alegra. Abraçam-se.

Então, o doutor Vicente tudo lhe conta, mas veladamente. Tem quasi certeza de o não encontrar vivo; emtanto, não se contém e vae á portaria na esperança de colher noticias do mestre, quando é surprehendido com a resposta da porteira do edificio.

— Com certeza, adivinha M. Toussau, já lhe haviam informado que eu morrêra! Nas grandes cidades, e é muito commum, quando uma pessôa do escol se recolhe á vida intima e assim se conserva por longo tempo, ninguem pensa noutra cousa: morreu! E morreu mesmo: para o mundo ou para a sociedade! Isso acontece com quem pode resuscitar, quanto mais com o seu pobre amigo, que já é quasi um macrobio!

Flôr nostalgica emmurchecendo ao crepusculo — Sorôr saudade de minha vida

AOS domingos, quando as tardes eram menos estuantes de quentura, e antes que os raios pállidos do sol morressem, e o crepusculo descesse sombreando as coisas, eu gostava de ir ver o mar se esbatendo e rugindo, ondeando e se espraiando voluptuosamente por sobre o leito macio da areia alva, feita de ouro e prata, a cantar a eterna e convulsiva melodia de sua bailada nostalgica...

Por cima, o céu desabrochava em flôres de melancolia, que se desfolhavam em nuvens de prata e ouro...

E, lá longe, o azul triste e profundo do horizonte, sempre azul, como a visão dos meus sonhos fugitivos, como as miragens enganadoras do deserto, como a sombra das minhas perspectivas desilludidas...

Enlevado e embriagado pelo perfume do crepusculo, tendo nos ouvidos o rumor lancinante do vento, e no coração a marcha fúnebre do meu amôr, eu me ficava como que adormecido, horas e horas, no meu extase de sonhador, dominado pela sêde mystica de um sonho benefico...

E era por essas horas tristes da tarde agonizante que ella vinha, flôr nostalgica emmurchecendo ao crepusculo, se debruçar sobre aquelle muro esverdeado e carcomido já, e os seus meditativos olhos azues, azues como a loucura dos deuses, mas que pareciam já aniquilados pelo tormento de muita saudade, se punham, como em genuflexões extaticas, a pousar numa immobilidade quasi artificial, ora nas ondas que iam e vinham brincando com o paredão cimentado, numa troca de caricias e repulsas, ora para o horizonte de opala, como que para avistar um paiz, que fica além desse mar, que a distancia e a bruma escondem do seu olhar saudoso, um vulto que, talvez, aflorára gloriosamente a sua vida, e que partiu depois, ou que ficou além desse mar, na deliquescencia de uma distancia immensuravel, no debuxo nevoento, esbatido, de um afastamento longinquo, tão longinquo, para lá de onde as velas e as nuvens esboçam paizagens facticias, que se não sabe nem se póde medir onde seja...

E ella ficava, assim, toda a tarde, até que as sombras da noite desciam, longinqua, etherea, longinqua, alheiada, indifferente ao existir que a envolvia, a viver como num sonho inanimado, enlevada pela nostalgia ou pela saudade que se lhe desabrochava áquella hora melancolica...

E eu me ficava a pensar e a interrogar por que é ella assim tão serena, e assim tão tristonha? Foi incomprehendida? Insentida? Mallogrou o seu lindo sonho de felicidade?... Ou é apenas alguma sonhadôra, como eu, que vem aqui fitar o horizonte distante, ouvir o mar, (o mar e o horizonte são como as almas das mulheres: immensos, profundos, attrahentes, fascinantes... só cabem os nossos sonhos mais lindos e as nossas desgraças mais lamentaveis. Jamais, nunca os havemos de penetrar...) para ver se encontra nelles motivos consoladores á sua Arte, ou si para ver, tambem, si delles apparece um vulto amado, e para ver si ouve no rumor do vento a sonoridade de uma voz querida?...

E a minha interrogação perdia-se no ar, como um novello ondeante de fumaça, como uma onda de perfume...

— Flôr nostalgica emmurchecendo ao crepusculo — Sorôr saudade de minha vida...

Stenio de Sá

un air de printemps

LA REINE DES CRÈMES

MERVEILLEUSE CRÈME DE BEAUTÉ

CELLE QUI FAIT LA FEMME SI JOLIE

CHEZ VOUS: EN PÔT

LA REINE DES CRÈMES S.A.
PARFUMEUR
PARIS

A LA VILLE: EN TUBE

Idéale pour la beauté du teint
protège le visage contre le hale et les rougeurs
maintient parfaitement la poudre

Em venda em todas as boas casas do Brazil

Renuncia

Por ZELIA MOREIRA

E aquelle rostinho de mulher-boneca ficára gravado ás pupillas azuladas do poeta. Elle não via mais nada e em nada mais pensava! «Ella», unicamente «ella» estava no seu cerebro!

Aquelle corpo sensual e branco bailava-lhe nos olhos e elle via, até nos proprios livros, a sombra esguia daquella mulher...

E foi assim, com o pensamento nella, com o coração a transbordar de ternura, que elle escrevêra os magnificos poemas que o elevaram ao apogêu da gloria.

Entretanto, elle era obrigado a deixal-a, a não vel-«a» nunca mais, porque ella era indigna de ser amada, porque era a mais frivola mulher que elle conhecia...

E, na penumbra do seu gabinete, o poeta revia, de olhos lacrimosos, o seu castello lindo de torres de marfim demolido pelo vendaval da realidade.

Todos os sonhos morrem... e o sonho do poéta agonizava lentamente, como aquella tarde de sol...

.. ..

Ah! o seu sonho! Seu bello sonho que era todo feito de petalas de rosas...

Não demoraria muito e tudo estava consumido... A coragem que elle via fugir havia de chegar no momento opportuno.

Sim, Kerjean falar-lhe-ia tudo... Daria o ultimo adeus á sua Marly querida e partiria depois, para bem longe com a sua saudade.

Era preciso esse sacrificio.

Que adeantaria tornál-a sua esposa, adorál-a infinitamente, si elle sabia ser mais tarde infeliz, si elle via, já, a traição futura? ..

... E a sombra do passado envolveu lentamente a alma doentia do poéta...

Veio-lhe á mente a vez primeira em que se encontrára com Marly. Fôra numa das agitadas ruas de Paris. Uma onda de perfume balouçava no ar quando ella passou... Foi isso, talvez, que embriagou o sonhador e o fez seguir, por muitas ruas, aquella figurinha elegante de vestidos grenat, que deixava escapulir, pelo chapéosinho muito [illegible], os anneis dourados de seus cabellos...

Lembrou-se, depois, da scena passada no seu gabinete, dias depois d'aquelle encontro. Entardecia... Marly, muito linda, encolhida nos fundos da poltrona, olhava-o sorrindo. Elle tomou-lhe então as mãosinhas assetinadas e murmurou docemente:

—Tens um rostinho encantador, Marly... E eu tenho a impressão, quando te vejo, assim, a sorrir-me com os olhos e a bocca pequenina, que é impossivel realizar o meu sonho.

—E por que?

—Porque és tão linda, tão mimosa, que... que eu te queria conservar sempre assim, pura, para minha alma adorar-te. Oh!...

E Marly, então, agil, collocou os lábios purpureos na bocca apaixonada de Kerjean, beijando-o loucamente.

Depois desse beijo, vieram muitos. Ah! Depois que Marly partisse, morreria a felicidade de Kerjean, porque era na taça rubra de seus lábios que elle bebia a felicidade.

E o poéta chorava, porque Marly tinha que se ir da vida delle. E era elle proprio quem a mandava partir, pois era totalmente impossivel aquelle casamento.

Marly era uma «menina-moderna», que nada tinha de sonhadora. Adorava a vida mundana, a agitação de Paris, a orgia dos «cabarets». E o poéta sentimental não gosta da mulher frivola, da mulher volupia.

Marly não podia ser a esposa de Kerjean, porque elle já era sabedor da vida que ella tivera no passado... Si soubesse antes de amál-a tanto, a sua magoa, agora, não seria tão grande...

E a avalanche de tortura se desprendia da alma de Kerjean quando Marly entrou.

* * *

A meia-luz do abat-jour liláz dava um quê de suavidade e tristeza ao ambiente perfumado pelas violetas.

—Meu amor...

E elle sentiu o contacto daquelles lábios ardentes sobre os seus...

—Que vieste fazer? — perguntou asperamente, o poéta.

Muito graciosa, fazendo um gestosinho de zanga, ella respondeu:

—Que máo és tu! Vim ver-te, já que ha dois dias não me procuras. Como poderia eu passar sem o meu queridinho?

E com os dedos esguios acariciava o rosto moreno do poéta.

Elle estava nervoso... Os olhos semi-cerrados para não ver o rostinho tentador de Marly e, intimamente, revestia-se de coragem. Era preciso falar.

Decidiu-se por fim.

Tomando, entre as suas, as mãos da joven, falou-lhe, nervoso:

—Fizeste bem em vir, Marly, pois tenho uma conversa muito seria comtigo.

E' necessario que me ouças mui attenciosamente, por que hoje, Marlysinha, é o ultimo dia que nos falamos.

—Por que?

—Porque aprendi, já, a conhecer o teu intimo. E's falsa, sei que não me amas. Não procures negar... não digas mais, que sou o unico homem na tua vida, conheço o teu passado tão bem quanto tu... Sinto que não mais poderei viver ao teu lado, sabendo que...

—Mas, Kerjean, são cousas mortas...

—Nem sempre o passado morre. Quem foi, como tu, sempre o será. E's leviana demais; preoccupas-te mais com bailes, festas, vestidos e joias que commigo. Quem conheceu o prazer, o luxo, não póde ser mulher de um poéta. Eu só te poderia dar amor e versos; nada mais! Aquelle cavalheiro, que hontem te acompanhou á sahida do casino, te poderá fazer feliz. Vês? Sei tudo... Elle substituir-me-á para sempre, como hontem já o fez... Si não for elle, será outro.

E's linda; todos te querem. Quanto a mim, irei para o Brasil — a minha terra querida — nunca mais me verás. Que fazer? A vida é assim...

O Destino é quem nos separa. Paciencia. Amei-te muito! Si fosses sincera, nada nos havia de separar. E' sempre assim... quando a gente pensa que vae ser feliz, vem a flecha da desgraça e corta a felicidade!

—Tu o queres...

—Não sou eu, repito; é a sorte. Um poéta nunca vê realizado o seu sonho. O poéta nasceu para o soffrimento, para lenir as magoas alheias, para ser só. Ninguem comprehenderá a sua alma; por isso, não será feliz.

E eu sonhei demais! Idealizei coisas impossiveis! Lá se foram as minhas illusões douradas... Ah! Marly! por que és assim tão voluvel?

—A culpa não é minha, Kerjean.

—Comprehendo... mas não posso, entendes? Não posso, porque te amo muito. Hei de sentir muitas saudades tuas. Foste um pedaço de minh'alma e, em cada poema que compuz, ha um pouco de ti. Terei saudades de teus beijos, de teus carinhos, porque, apesar de tudo, és muito meiga. Tu propria procuraste esta separação...

—Infelizmente, Kerjean, não sei ser sincera. Tens razão! Mais tarde, talvez...

Levantou-se de um salto e estendeu a mão ao rapaz:

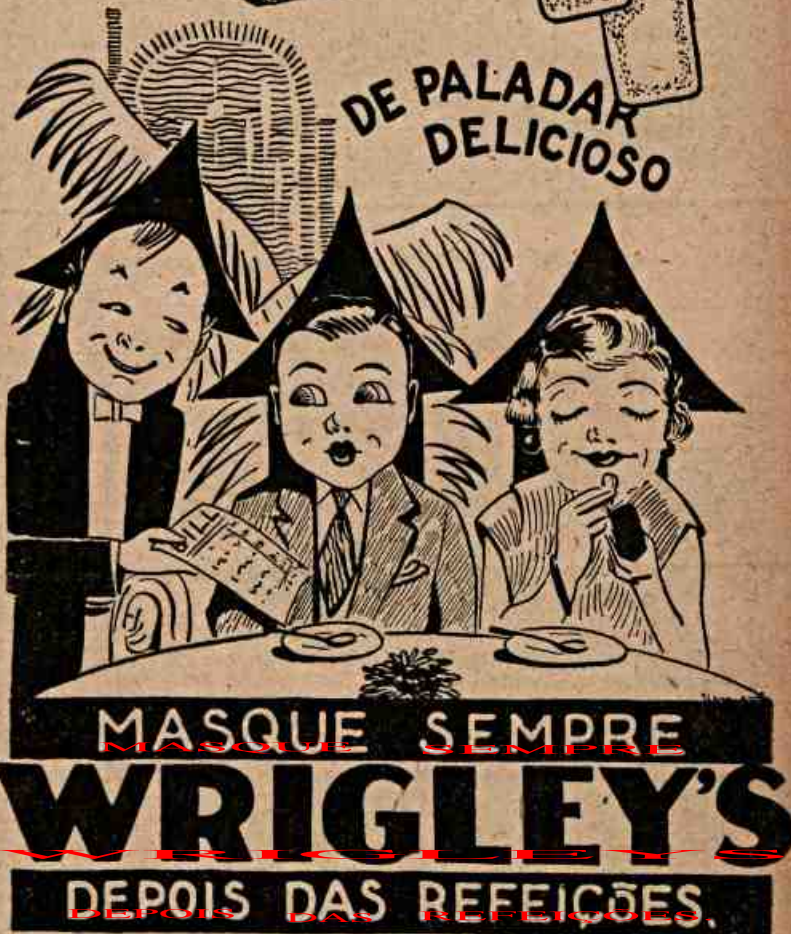
—Adeus! Obrigada pelos deliciosos momentos que passei ao teu lado e quando quizeres...

—Adeus, Marly...

Na porta, ella voltou-se e, sorrindo, accrescentou:

—Espero que sejas muito feliz, Kerjean...

—Não acredito que o seja — murmurou tristemente o poéta.

E lá da pequenina saccada das suas «aguas-furtadas» elle viu desapparecer entre a multidão a mulherzinha adorada que assassinára o seu coração...

TRAGEDIAS MODERNAS. — A cozinheira que estava perdidamente apaixonada pelo vendedor de gelo, ausente...

Uma das visitas (*desejando que a menina não entenda o que se fala, soletra algumas palavras*). — ...Assim, por exemplo, has de saber, querida, que o caso da senhorita B-i-n-k-s com o m-a-j-o-r, foi muito e-s-c-a-n-d-a-l-o-z-o.

A menina. — Como? Escandaloso se escreve com z?...

— Vamos brincar com o arco?

— Não; tenho que ir ao cinema, ás 3 horas.

— Mas, si ainda não é nem uma hora.

— Sim; preciso, porém, chorar durante duas, ao lado de minha mãe, para que ella me dê licença...

PERIGO. — O navio está se afundando! Seu cachorrinho sabe nadar, minha senhora?

— Creio que sim.

— Então, agarre-se bem na colleira delle!

— Perdõe-me, senhorita: quer fornecer-me um pouco d'agua para o radiador?

PRECE

Eu olhava a imagem de Jesus e via os seus cabellos muito louros, cahidos pelo rosto, e os seus olhos que dormiam para a Vida. Eu quizera tambem dormir assim um somno muito longo, suave como o ether ao se desfazer em luz, mais longo ainda que a propria Vida.

E depois eu vi a cruz melancolica, e os pregos que dilaceravam as suas carnes violáceas.

E pensei que tambem ha vinte e seis annos venho carregando a cruz do meu supplicio. Que tenho palmilhado terras estranhas. Que tomo por guarida as paredes do infinito. Que procuro a felicidade onde ella não existe.

E os costumes e as religiões vieram para os meus olhos.

Que uma noite eu dormisse, aos labios o canto nomade de minha existencia, e nunca mais acordasse... que dormisse... que dormisse...

Que me crucificassem e o sangue de minhas feridas fosse espargindo violetas pelo além.

Que dormisse tanto, que nunca mais eu pudesse ouvir a angustia das almas que se debatem, nem o canto nomade dos peregrinos do destino.

E os meus pés fatigados da poeira dos caminhos, descansassem eternamente.

Que a imagem de Christo fosse depois a luminosidade para a minha outra vida silenciosa.

... ...

E eu via os seus cabellos muito louros, cahidos pelo rosto, e os seus olhos que dormiam para a Vida.

Que uma noite eu dormisse tambem, nos meus olhos o clarão de sua imagem, e nunca mais acordasse... que dormisse... que dormisse...

GUY CASANOVA

A MORENA BRASILEIRA

A matta tropical emprestou-lhe o perfume com que aromatizou os seus cabellos trevosos...

A lua mandou-lhe um doce raio mysterioso para ficar boiando nos seus olhos brilhantes.

A rosa ficou sangrando nos seus labios...

O sol ficou ardendo no seu sangue moço, quente, bulIçoso...

Um claro-escuro rembrandtesco poetisou suas olheiras de eterna apaixonada.

Jesus—num requinte de graça—esmerou-se com sciencia e cuidados mil, para crear a côr da sua epiderme.

Uma côr divina; côr da natureza antes de ser noite e depois da tarde ter morrido... côr imprecisa...

Côr morena.

Neptuno presenteou-a, fazendo-lhe o corpo colleante, sinuoso, como as onda esmeraldinas...

Veiu a melodia e ficou docemente cantando na sua voz.

Veiu a graça e enfeitou o seu sorriso doce, tão doce, que os seus labios parecem verter mel...

Veiu a meiguice e engrinaldou a sua alma.

Veiu o Amor e ficou reinando no seu coração.

E assim nasceu a morena brasileira.

RUBEM FERREIRA DA ROCHA

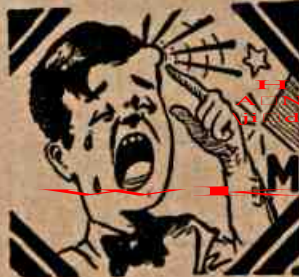
PREÇO 4$000

Exmas. Senhoras

A fabrica de calçado Souto, pioneira do fabrico de calçado Stitchdown — succedaneo do Tresse, participa que os mais lindos modelos para verão levam gravada na sola a marca

As senhoras de bom gosto, que desejarem usar o verdadeiro calçado Stitchdown, devem exigir aquella marca do seu fornecedor.

ESPANTOSO "Declaro, a bem da verdade, que ha tempos, sendo uma filha minha accommettida de uma TOSSE PERTINAZ acompanhada de vomitos de sangue, cujo estado se agravava de dia a dia, levei-a para S. Paulo, onde a submetti a uma junta medica, que considerou gravissimo o seu estado, sendo ultimamente desenganada pelo seu medico assistente. Desanimados de tão grave situação, recorremos ao 'PEITORAL DE CAMBARA' de Souza Soares, e passados poucos mezes, usando seguidamente este prodigioso medicamento, começou minha filha a recuperar as forças perdidas, ficando perfeitamente curada. Em vista de tão admiravel resultado, estou convicto que o PEITORAL DE CAMBARA, de Souza Soares é um poderoso remedio para combater affecções pulmonares. — Curityba, Paraná. MANOEL VICENTE BITTENCOURT. (Firma reconhecida.)

A' VENDA EM TODA PARTE

Carlos Augusto Milverton

Por CONAN DOYLE (SHERLOCK-HOLMES)

(Continuação do numero anterior)

O alarma tinha posto a casa inteira em reboliço. Voltando-me para traz, á medida que iamos avançando para o muro, vi a porta principal escancarada e gente em grupos atravessando a avenida do centro. Por todo o jardim, moviam-se vultos.

Um menino que nos vira descer avisou, com um brado, o pessoal da casa e lançou-se ao nosso encalço. Holmes conhecia em todos os seus pormenores a disposição das diversas aleas do pequeno parque e atravessou com rapidez um macisso de arbustos. Eu seguia após elle. O pequeno corria esbaforido atraz de mim. Uma parede de seis pés interceptou-nos a passagem. O meu amigo saltou-a com um pulo agil e eu imitei-o, mas ao saltar, senti uma das pernas presas. Com um coice violento desvencilhei-me das mãos do garoto e vim cahir estatelado da banda de fóra. Sherlock levantou-me rapidamente e ambos nós desatamos numa corrida vertiginosa através de Hampstead Hill. Só paramos a uma distancia de mais de duas milhas. Olhamos então para traz e escutamos. Nenhum rumor se ouvia. Tinham-nos perdido a pista. Estavamos salvos!

* * *

Na manhã immediata a esse aventuroso acontecimento, á hora do almoço, recebemos a visita do sr. Lestrade, inspector da policia em Scotland-Yard.

O seu aspecto solenne denotava uma grave preoccupação.

— Bom dia, meu caro Holmes. Está disposto a aturar-me um instante?

— E'-me sempre agradavel attendel-o, por mais occupado que esteja.

— Venho pedir-lhe um obsequio, e é o de me ajudar na investigação importantissima de um crime que esta noite se commetteu em Hampstead?

— Ah, sim! E que especie de crime?

— Um assassinato e dos mais graúdos. Conheço e aprecio a sua rara habilidade, e dar-me-ia um grande prazer se me quizesse acompanhar a Appledore Towers, para nos prestar o auxilio dos seus bons conselhos. Como lhe disse, não se trata de um caso banal. Ha muito tempo que a policia conhecia Carlos Milverton. Aqui para nós, era um refinadissimo canalha. Sabiamos que fazia *chantage* com documentos compromettedores. Foi esse homem o assassinado. Os papeis do seu cofre foram todos reduzidos a cinzas. Nenhum objecto de valor desappareceu, porém, e isso leva a crer que os assassinos tenham commettido o crime com o unico intuito de evitarem um escandalo.

— Os assassinos! Houve então mais de um?

— Eram dois. E por um triz não foram apanhados em flagrante delicto. Ha vestigios das pégadas de ambos no jardim que rodeia a casa. Tenho, portanto, dez probabilidades contra uma de os descobrir. Um delles safou-se com uma rapidez de veado. O outro, porém, foi agarrado ainda, por um menino e teve de empregar um violento esforço para se desembaraçar delle. Ia mascarado e é de estatura mediana, construcção robusta, pescoço curto e usa barba cerrada.

— Esses signaes são vagos, objectou Holmes. Ha muita gente que os tem. Watson, por exemplo.

— E' exacto, disse o inspector rindo. E' exacto. Os signaes correspondem rigorosamente aos do dr. Watson.

— Pois, meu amigo, lamento não poder ajudal-o. Eu conhecia Milverton e considerava-o um dos homens mais perversos de Londres. Ha certos crimes que, por estarem fóra da alçada da lei, justificam a vingança privada.

— Mas...

— Não insista. Esta resolução é inabalavel. Por coisa alguma me intrometteria nessa investigação. As minhas sympathias são todas para os assassinos. Pela victima não sinto a menor commiseração.

* * *

Depois da entrevista com Lestrade, Holmes não tornou a falar no drama terrivel a que haviamos assistido. Notei, porém, que ficára pensativo e com o ar de quem revolvia a memoria, procurando despertar nella apagados acontecimentos.

— Emfim, Watson! Achei. Venha dahi commigo.

Abandonamos a mesa e partimos ambos a passos rapidos, percorrendo Baker Street, Oxford Street até Regent's Circus. Ahi, Holmes parou em frente de um estabelecimento situado á esquerda da rua.

Estaquei tambem. No mostruario da loja, viam-se numerosas photographias de celebridades da época.

Os olhos de Holmes fixaram-se em um desses retratos. Com grande pasmo, vi que era a imagem de uma senhora de belleza dominadora e soberana, com um sumptuoso traje de corte e coroada de diamantes. O nariz era de uma curva graciosa, os supercilios espessos, a bocca rectilinea, o queixo voluntarioso. Li com pasmo o nome que estava por baixo, nome que ella tinha adquirido pelo casamento e que era um dos mais eminentes de Londres pela posição politica a que o marido chegára e pela altissima linhagem donde este provinha.

Encarei Holmes e ia dar largas ao meu espanto. Elle levou, porém, um dedo á bocca e fez-me:

— Schiu!!...

FIM DO CARLOS AUGUSTO MILVERTON

A seguir, do mesmo autor:

Um caso de identidade